

A Defesa Nacional



CEL. RONALDO BATISTA NUNES

CEL. LIMA FONSECA REDO

MAJOR JOSE SALLAS

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXII

Brasil — Rio de Janeiro, Fevereiro de 1945

N. 369

SUMÁRIO:

	Pags.
Editorial	121
Cartas de Guerra — Cel. Lima Figueiredo	125
Os Princípios da Perseguição — Trad. do Cel. Paulo Mac Cord	133
Excertos — Trad. do Cel. R. B. N.	147
Novas I. D. F. — Sugestões a um projeto — Regimento Andrade Neves — Major Waldemar Mena Barreto	157
Notas e Traduções Sobre o Batalhão Blindado de Manutenção — Cap. Waldir da Costa Godolphim	163
As Novas Formas da Defesa — Major Temistocles Azevedo	169
"O Importante Papel da Cavalaria Soviética" — Trad. do Major Paulo F. da Silva	175
InSTRUÇÃO NOTURNA — Cap. Rui Alencar Nogueira	181
Sugestões para o Trabalho Dirigido — Major Emma nuel Moraes	205
O Centurião Carnélio — Gal. Silveira de Melo	213
Disciplina e Vida Humana — Trad. do 1º Ten. Otávio Alves Velho	221
Cel. Benjamim Rodrigues Galhardo	227
Boletim	229
Livros Novos	233
Revistas em Revista	241
Noticiário & Legislação	251

EDITORIAL

Escoaram-se seis meses da presença da nossa Fôrça Expedicionária no "front" italiano.

Apezar da guerra de usura que se desenvolve naquele teatro de operações, onde os nazistas, entrincheirados nas montanhas recobertas de espessa camada de neve, e ainda beneficiados pelas insuperáveis dificuldades de circulação nos caminhos que conduzem às linhas de combate, barram o avanço dos exércitos aliados, apezar dessa situação pobre de oportunidades para as ações de efeito, e que foi a encontrada pelos brasileiros ao tomarem posição, tem sido verdadeiramente destacada a atuação dos nossos soldados.

A primeira coisa a louvar-lhes é a capacidade de adaptação, pois combatem afundados na neve, a uma temperatura muitos graus abaixo de zero — condições já, por si próprias, as mais rigorosas e, além disso, absolutamente imediatas para o soldado brasileiro que, quando muito, conhecia as geadas do Sul. Mas, se os homens da F.E.B. se têm revelado tão admiravelmente adaptáveis ao exótico meio físico onde se viram colocados, não menos admiráveis se vêem conduzindo como combatentes. Estrearam atacando, e neste primeiro impulso, quando as condições do terreno, somadas às da es-

tação, ainda não eram totalmente impraticáveis, conquistaram algum terreno, libertaram diversas localidades italianas. Rechaçaram com vantagem os ferozes e repetidos contra-ataques germânicos, medindo-se então, com as veteranas forças conquistadoras do Reich, muitas vezes em inferioridade de efetivos e em terreno desfavorável. Suportaram o castigo da artilharia e dos temíveis morteiros germânicos. Chocaram-se diariamente, em patrulhas, com as patrulhas inimigas, subjugando à custa da astúcia cabocla o automatismo da ariana Wehrmacht... E já fizeram nada menos que 300 prisioneiros, o que é um número respeitável, tendo em conta as características dos combates até agora travados pelos elementos da F.E.B.

Já assume, pois, importância apreciável a contribuição dos soldados brasileiros na frente de combate. E com essa evolução engrossa dia a dia a lista dos heróis, daqueles que se destacam em ação, reeditando os exemplos de bravura e abnegação que fizeram a glória dos soldados do nosso passado.

* * *

Trinta e oito foram as citações nominais feitas ultimamente pelo Gen. Mascarenhas a oficiais e soldados que se distinguiram "por denodo na frente de batalha".

Alguns são autores de feitos que devemos reter e recontar como extraordinárias lições que são.

O soldado João Peçanha de Carvalho, ferido no combate de Monte Castelo, morreu gritando aos companheiros: — “Para a frente, camaradas”.

O capitão João Tarciso Bueno, impulsionando com o seu arrojado exemplo a sua tropa, atingiu o objetivo e quando já combatia a granadas de mão, foi gravemente ferido; estava tão próximo das linhas inimigas que durante 24 horas não pôde ser socorrido.

O soldado Sergio Pereira ofereceu-se e logrou trazer às nossas linhas o cap. Bueno que se achava ferido na “terra de ninguem”, tendo fracassado já várias tentativas de salvá-lo.

O sargento José Carlos da Silva, depois de haver atacado uma posição inimiga teve ordem de se retirar, mas sabendo que ficara à retaguarda um companheiro ferido voltou para tentar salvá-lo e foi por sua vez mortalmente ferido, sendo o seu corpo encontrado dois dias após.

O sargento Antonio Gonçalves Dias, ferido no início do ataque a Monte Castelo continuou a dirigir o seu grupo, só sendo levado para a retaguarda 5 horas mais tarde, por ordem expressa do comandante da Companhia.

O 1.^º ten. José Alipio de Carvalho ficou à testa da sua unidade, que tomou de assalto um ninho de metralhadoras, e embora ferido numa perna combateu até ultimar a missão recebida.

O cap. Argeu de Monte Lima, atingido pelo fogo inimigo durante o ataque a Monte Castelo, não consentiu em ser evacuado da linha de combate antes que o fossem os feridos mais graves.

E assim numerosos outros camaradas — tenentes Francilio Pais Leme, Carlos Eugenio, Rodrigues Lima, José Maria da Cunha Viveiros, Raimundo Cavalcanti da Silva, Cândido Manoel Ribeiro, capitães Heitor Furtado Arnibeut de Matos, Manuel de Faria Filho, sargentos Luiz Bento Moura, Josué Dantas Martins Filho, Henrique Loureiro dos Santos, cabos Geraldo Ribeiro da Silva, Antero Batis-ta, soldados Antonio Viegas, João Moreira, Belarmino de Melo — mereceram citação especial do General Comandante da F.E.B. pelo valor que demonstraram em ação.

* * *

O Exército, pelos que aqui ficaram, acompanha com viva emoção e interesse o desempenho das nossas armas em terras da Europa.

Aos camaradas que por seus feitos excepcionais sagram-se heróis, colocando tão alto o nome da pátria, e colaborando tão valiosamente para a vitória das Nações Unidas, o nosso respeito e a nossa admiração. E aos camaradas que tombaram para sempre a homenagem e a saudade da Pátria agraciada.

CARTAS DE GUERRA

Cel. LIMA FIGUEIREDO

Sempre foi motivo de alegria receber-se correspondência de um ente querido distante, mas, se a missiva nos vem às mãos em momentos de sofrimento ou desânimo, tem a força de um revigorante. O recebimento de uma carta é um consolo, é a prova de que alguém se está interessando por nós.

Na guerra, a correspondência entre o combatente e sua família, seus amigos e, finalmente, sua pátria é causa essencial. Há interesse em manter-se o soldado em constante contacto com tudo que lhe fale dos seus e da sua terra. O intercâmbio de correspondência é incrementado por todos os processos, por meio de jornais e planfletos, assim como por intermédio de comissões de senhoras que se encarregam de enviar notícias aos que se batem no campo da honra.

Na China, a correspondência entre o chefe e sua família tem uma importância inaudita. Se o dono duma casa ausentarse e esquecer-se de comunicar-se, pelo correio, com sua família, perante os vizinhos esta "perde a face", isto é passa a merecer-lhes menos consideração, porquanto até seu chefe não se preocupa com ela. Para que isto não suceda há escritórios especializados em correspondência epistolar. Basta escolher o estilo e fazer a encomenda: tantas missivas por semana ou tantas por mês. Assim não haverá o perigo da sua respeitável família "perder a face" no conceito dos vizinhos bisbilhoteiros.

Na atual guerra há reclamação geral não só das famílias que se acham no Brasil como dos nossos patrícios que lutam na Itália. Todos são unâmines em afirmar — não recebemos a nossa correspondência com a rapidez almejada.

Hodiernamente com a utilização das velozes aeronaves as distâncias se encurtam; e o tempo despendido entre a entrega da carta pelo remetente e o recebimento da mesma pelo destinatário é igual ao número de horas gastas para a travessia aé-

rea acrescida das necessárias à censura. Esta não pode ser abolida, pois disto aproveitar-se-iam os sabotadores para enviar notícias falsas e alarmantes às forças com o fito de carunchar-lhes o moral.

Foi pensando nesse problema, que tanto aflige os nossos soldados como suas famílias, que lí duma assentada o livro "Cartas da Campanha de Mato Grosso" (1865-66), compendiando a correspondência do tenente Alfredo d'Escragnolle Taunay ao seu genitor e à sua irmã D.^a Adelaide de E. Taunay Doria. O jovem tenente, refletindo bem a educação recebida no lar, apesar dos seus vinte e dois anos, sabia ser um dever seu proporcionar aos seus pais, irmãos, parentes e amigos a alegria e o conforto de uma cartinha sua, às vezes remetida dos invios sertões de Goiás e Mato Grosso.

Sua viagem foi uma verdadeira Maratona: Rio — Santos — S. Paulo — Campinas — Mogi Mirim — Uberaba — Margens do Paranaíba — rio dos Bois (Goiás) — Dôres do Rio Verde — Coxim (Mato Grosso) — Miranda — Nioac — Bela Vista (Paraguai).

As primeiras missivas são repletas de entusiasmo como a exprimir o verso do poeta: "as esperanças vão conosco à frente". Mas já chegando a S. Paulo, sente que nem o governo nem o povo se haviam empolgado pela causa que o fizera deixar a corte e partir disposto a dar por ela até a própria vida. "A administração provincial (dizia Taunay ao seu pai) quasi nada tem feito para o preparo de nossa expedição, aqui encontramos a frieza pelas causas militares, verdadeiro indiferentismo." Este período é um vero termômetro do momento nacional em abril de 1865.

A tropa que ia desafrontar a honra do império não tinha nem armamento nem disciplina. Era um magote de 570 homens ao sair a coluna de S. Paulo. Todavia a esperança de que se fosse engrossando pelo itinerário acalentava a cabeça do chefe.

Em Campinas houve uma longa parada de mais de três meses, com bailes e festas. Tão grande foi o tempo que o culto tenente do corpo de engenheiros tomou a peito fazer o projeto da construção da catedral campineira. E avançava ironicamente:

te uma crítica: — “Lá se vão quasi dois meses de inação, direi quasi de folia, passados nesta cidade.”

Quando acamparam para iniciar a marcha com uma velocidade de 12 a 18 quilômetros por dia, as deserções iam, diuturnamente, rarefazendo as fileiras da magra coluna.

Em Uberaba houve nova e demorada parada. Os engenheiros tiveram tempo de levantar e traçar novos alinhamentos da mimosa cidade. Havia falta de mantimentos e como se fosse escrito agora, em 1945, disse Taunay: “Toda a riqueza da zona consiste na criação; daqui saem grandes pontas de gado que se destinam ao Rio de Janeiro. Últimamente os boiadeiros as tangem de preferência para Campinas e S. Paulo, por causa das condições do monopólio de carne verde que os prejudica.” Sempre a ganância, sempre os aproveitadores a explorar o povo, nos momentos de crise nacional.

Como uma desgraça não vem sozinha, apareceu a varíola no seio da soldadescaria, trazida do Norte pelo Corpo de Artilharia do Amazonas. Naquele tempo não havia a seleção feita através da inspeção de saúde, tão rigoresa e eficaz nos nossos dias. Qualquer mulambo humano podia ser soldado, desde que fosse capaz de dar um tiro. Isso se arraigou na consciência popular e hoje, quando exigimos soldados alfabetizados, com o coração, vasos e pulmões perfeitos, sem pés chatos e com seis pares de dentes articulados, acham os granfinhos serem exigências descabidas e comentam erroneamente: por que não pegam os negros dos morros ao invés dos filhos de boas famílias que têm posição firmada na sociedade?

Atravessava Valinhos, em Goiás, quando sentiu Taunay o desânimo de ver dois correios chegarem sem trazer nada para ele e, por falta de notícias, não tinha coragem de escrever aos seus, sentindo-se já esquecido e fazendo mau juizo do mensageiro. “Todos os meus companheiros queixam-se amargamente de tais irregularidades e o clamor é geral.” Mais tarde, em Mato Grosso, ainda se queixava: “A aflição que V. e a boa mamãe sentem assim como todos os nossos parentes, também é por mim vivamente compartilhada. O desânimo de não receber cartas de casa e a minha incerteza de não dispor de meios para

dar notícias minhas, puseram-me num estado de tédio e de excitação que se reflete em minha saúde." Agora, com todo o progresso do nosso século, as mesmas amargas recriminações se repetem e o desassocêgo, por igual motivo, generalizou-se.

Há dias os jornais nos deram notícia de que uma rapariga se fardara para acompanhar o marido destinado às fôrças expediçãorias brasileiras. O telégrafo tem-nos cientificado de casos idênticos de mulheres bêlicosas que, valendo-se de suas feições masculinizadas, conseguem lutar como homens. São logo, sem que se saiba porque, cognominadas Joanas d'Arc. Em 1865 surgiu a primeira sargenta Jovita para malexemplar o seu sexo. Taunay que teve ensancha de ver a fotografia da moça num jornal, assim se referiu ao caso, tecendo um belo elogio às discípulas de Florence Nightingale e Ana Nery: "Entretanto Polidoro (General Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão), como homem de muito juizo e bom senso, fez muito bem não consentindo a partida daquela patriota como soldado. O papel de enfermeira para a mulher que queira dedicar-se é o mais elevado e nobre possível; concilia a dedicação e a conveniência, a abnegação e a dignidade. A piauiense devia considerar tudo isto e em lugar de seus instintos belicosos, lembrar-se de que para uma mulher é mais nobre sanar feridas do que as abrir."

A coluna foi-se arrastando até Coxim, onde havia sido aplicada a doutrina da terra arrazada, nem as laranjeiras foram poupadadas. Tudo derrubado e revolvido. Estavam em princípios de 1866 e as chuvas tudo haviam inundado. As bátegas cairam do céu ininterruptamente durante o mês de janeiro inteiro. "Amanheciam dias esplêndidos, de magnífico sol. Ao meio dia tínhamos calor sufocante. As três da tarde armava-se indefectível trovoada, violentíssima às vezes, tomado até ares de ciclone. E lá vinha o dilúvio! Baixava a temperatura e a noite ficava estrelada e chegava a fazer até algum frio."

A marcha lenta da coluna impressionou muito mal às autoridades militares do Rio de Janeiro, que acabaram por destituir do comando o coronel Manoel Pedro Drago e submetê-lo a Conselho de Guerra pelo ocorrido. Entretanto Taunay o de-

fende ardorosamente, solicitando até o auxílio de seu pai junto ao Imperador.

O comandante não tinha culpa alguma. Deram-lhe um rumo e um punhado de homens subalimentados e sem instrução e disciplina militares. Como iria atuar aquela trópica no sul do grande Estado central, ninguém o sabia. Não havia nem plano preestabelecido. Tudo fôra feito de oitiva.

Assevera o futuro Vistconde de Taunay que com 10.000 homens aquela coluna poderia adentrar-se no Paraguai sem topar obstáculos sérios apressando o final da luta, mas com os 2.000 maltrapilhos as "nossas operações devem limitar-se a tomar três ou quatro entrincheiramentos, com toda a prudência necessária para ter uma boa linha de retirada, visto como Lopez pode em cinco dias nos lançar ao encalço, de Assunção, 4 a 5 mil homens e levar-nos de vencida." O tenente raciocinara perfeitamente, pois foi o que aconteceu, dando-nos margem a viver a epopéia da retirada de Laguna, sem que o inimigo lançassem mão de tanta tropa; bastou uma boa cavalaria.

Mesmo minada pela doença e faminta, uma tropa pode ser coroada de bom êxito nas suas operações, se fôr conduzida por um bom chefe. A Drago sucedeu o brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão que, em pouco tempo, sucumbiu em seu posto, minado por doença contraída no acampamento. Assumiu o comando o coronel Joaquim José de Carvalho, homem truculento e sem visão. Meteu a sua tropa nas ruínas da vila de Miranda e deixou que a indecisão o dominasse. Ora queria marchar sobre o Apa, ora desejava ir retomar Corumbá. Enquanto não tomava uma deliberação, sua tropa ia-se apodrecendo minada pelas mais terríveis doenças, uma das quais produzia a paralizia dos membros inferiores. Os esculápios não sabiam o que fazer. Um deles ia "a torto e a direito enchendo a barca de Caronte e despachando como assecla de Platão os doentes que lhe caiam às garras."

Todos desejavam mudar o acampamento para a saudável e estratégica Nioac menos o desatinado comandante que tinha

Os Princípios da Perseguição

Pelo Tenente-Coronel *Charles D. Carleton*,
Instrutor da Escola de Comando e Estado
Maior.

Tradução do Coronel *Paulo Mac Cord*.
(Q.T.A.)

O que se tem em vista na ofensiva é a destruição das forças armadas do inimigo.

O termo "destruição", nesse caso, não quer dizer a extinção total dos efetivos. Militarmente falando, uma força armada pode considerar-se destruída quando é fragmentada em porções desconexas e desorganizadas, tornando-se incapaz de realizar qualquer ação coordenada.

Para levar a efeito essa destruição, é necessário explorar o êxito inicialmente obtido no combate.

Sendo sempre possível ao inimigo derrotado tentar a retirada, exceto quando esteja cercado ou em terreno difícil, não poderão, normalmente, ser as suas forças destruidas na própria posição. Será, portanto, na maioria dos casos, necessário perseguí-lo, afim de explorar o sucesso inicial e tornar a vitória completa.

O comando deve possuir a vontade de empreender a destruição final das forças inimigas e ser profundo conhecedor dos princípios da perseguição, que lhe permitirá atingir aquele objetivo.

O Regulamento do Serviço em Campanha estabelece que a perseguição é desencadeada quando o inimigo não mais consegue manter a posição e procura escapar, iniciando a retirada. A decisão de iniciar a perseguição, pelo que ficou dito, é baseada na evidência da derrota decisiva da força adversa.

E' uma decisão difícil para o comando. E' fácil descrever aqui os fatores que influem nela; mas, nas condições da luta,

em meio às informações confusas e contraditórias, as indicações nunca serão suficientemente claras e definidas. Todo fator ponderável deve, por isso, ser convenientemente examinado no quadro do conjunto. Além disso, o inimigo tudo fará para esconder sua fraqueza e disfarçar seu deslocamento, visto ser muito mais difícil e oneroso retirar sob as vistas do atacante.

Há muitas indicações durante a consumação do êxito que podem ser reunidas para comprovar a derrota decisiva do inimigo. Entre elas se encontram: número de prisioneiros, número de cadáveres das forças adversas, quantidade de material capturado, redução do fogo da artilharia contrária, enfraquecimento da reação do inimigo e a própria desorganização deste. Outros sinais são constituidos pelo moral abatido dos prisioneiros, movimento de trens para a retaguarda e aparecimento de homens isolados retirando-se diretamente dos elementos avançados, através dos campos. Quando essas indicações são confirmadas pelo contínuo avanço das tropas amigas na direção conveniente ou pela tomada de objetivos importantes, é chegada a hora da decisão.

A perseguição deve ser lançada prontamente e com vigor dia e noite, sem permitir ao inimigo quebrar o contato ou reconstituir sua defesa. Vantagem imediata deve ser tirada da circunstância de se achar o mesmo consciente da sua situação aflitiva — derrotado e em fuga. A perseguição à noite é justificada pela tendência natural do inimigo a ocultar seus movimentos na obscuridade.

Não é empreza fácil, devido ao esgotamento físico e à natural desorganização da tropa, disseminada e, muitas vezes mesmo, misturada, no momento psicológico, com o qual coincide, inevitavelmente, o aparecimento de uma reação mental de esmorecimento que tende a acometer todos os participantes da ação. Nestas circunstâncias, o desencadeamento de uma perseguição pronta e vigorosa dependerá diretamente da energia e força de vontade do comando. Se lhe faltarem tais qualidades, no grau de intensidade que se faz mister para forçar aquele desencadeamento, o resultado traduzir-se-á num relativo, senão

absoluto, fracasso. A vacilação é incomptível com a eficácia da perseguição.

Consideremos momentaneamente um exemplo de ação forçada de um comandante de divisão, ocorrido em novembro de 918, na Argonne, quando a 2.^a Divisão norte-americana participava do ataque empreendido por um corpo de exército.

O ataque tinha sido iniciado no dia 1.^º de novembro e prosseguira pelo dia seguinte. Dentro em pouco, a 2.^a Divisão começou a sentir sinais evidentes da derrota decisiva do inimigo. Em primeiro lugar, uma divisão alemã foi atingida pelo ataque durante uma operação de passagem de linha. Além disso, a resistência foi decrescendo rapidamente, havendo muito pouca atividade da artilharia de campanha adversa. E, o que era mais importante, mesmo após haver a 2.^a Divisão intrametido uma cunha, perigosamente exposta, de nove quilômetros, nas linhas alemães, nenhum contra-ataque se registrou.

A decisão referente à perseguição foi tomada na noite de 2 para 3 de novembro pelo comandante da divisão, a despeito do fato de se acharem suas tropas fatigadas de dois dias de ataque e acometidas de febre, influenza e desinteria, além de virem sofrendo a inclemência de chuvas prolongadas e, praticamente, a falta de alimentação.

Antepunham-se a essas dificuldades a certeza da derrota do inimigo, o elevado moral de que ainda se achavam possuídas tropas atacantes e a determinação de vencer.

A decisão agressora pagou dividendos, pois, à meia-noite de 3 para 4 de novembro, a 2.^a Divisão tinha penetrado vinte quilômetros nas linhas alemães.

O objetivo da perseguição é a destruição do inimigo, que se consegue mais eficazmente pela combinação da pressão direta e da manobra envolvente. Forças de grande mobilidade devem ser imediatamente constituidas, afim de envolverem um ou ambos os flancos do inimigo, ultrapassando-os, de maneira a lhe cortar o eixo de retirada. O inimigo, com a sua velocidade de marcha diminuída ou, mesmo, anulada, ficará em condições de ser esmagado entre o malho da pressão direta e a bigorna da força envolvente.

A falta de espaço para a manobra pelos flancos ou a ausência de unidades dotadas de suficiente mobilidade para ultrapassarem o inimigo não constituem motivos para que não se realize a perseguição. Em tais circunstâncias, ela será levada a cabo somente pela pressão direta, mediante ataque contínuo e agressivo. Este método, na maioria dos casos, não conduzirá à destruição da força adversa, pela impossibilidade de detê-la para receber o golpe final. A perseguição realizada pela 2.^a Divisão, acima referida, foi limitada à pressão direta, devido à localização da divisão em um setor interno da frente atribuída ao corpo de exército.

O comando sagaz, ao planejar uma operação ofensiva, inclui no seu esquema planos possíveis de perseguição, levando em consideração os fatores expostos linhas abaixo.

A força envolvente deve ser altamente móvel e sua constituição dependerá das tropas de que dispõe o comando. Em grandes unidades, as divisões blindadas e as de tropas aero-transportadas acham-se naturalmente indicadas para a missão. A divisão blindada é destinada principalmente a desempenhar tarefas que exijam grande mobilidade e potência de fogo; às tropas aero-transportadas caberá normalmente o papel de retardar o inimigo em retirada até que as forças principais possam envolvê-lo e destruí-lo. Quando não dispõe de tais elementos, o comando ver-se-á na contingência de retirar unidades da linha de batalha ou empregar suas reservas. Em qualquer caso, as unidades que constituem a força envolvente devem ser motorizadas, sempre que possível, afim de terem a sua mobilidade aumentada.

A zona de reunião para a força envolvente deve ficar além do alcance eficaz do tiro de artilharia e sobre uma rede de estradas bastante ampla, bem como se achar razoavelmente coberta e oculta e se adaptar ao tamanho e à composição do destacamento. Orientar-se-á segundo a direção do envolvimento e de maneira a facilitar o movimento das tropas a pé.

O objetivo fixado para a força envolvente deve ser apropriado ao cumprimento da missão, que é de ultrapassar o inimigo e detê-lo, afim de ser destruído entre as duas forças.

Esse objetivo coincidirá naturalmente com as gargantas das serras, pontes, entroncamentos rodoviários, etc., existentes nos pontos de passagem forceda do inimigo ou de tal modo situados que dominem sua linha de retirada.

O itinerário deve ser o mais aproximado do flanco da força adversa e ficará sob a dependência direta do comando da força envolvente, que assim melhor poderá julgar do progresso da retirada inimiga. Esse itinerário encontrar-se-á fora do alcance do tiro da artilharia oponente e correrá paralelamente à linha de retirada.

A força envolvente, quando se desloca, rumá para seu objetivo. Se êste se acha muito distante do inimigo, a força envolvente procura penetrar na coluna retirante e capturar pontos de importância crítica, ou ataca o grosso da mesma coluna pelo flanco. Se percebe que a retirada fraqueja, penetra mais a fundo e ocupa objetivos intermediários, reservando o primitivo para uma fase final de ação.

A força incumbida da pressão direta compõe-se de todo o efetivo menos a força envolvente. Logo antes de se iniciar a perseguição, as unidades acharse-ão disseminadas, algumas marchando em direção diferente da desejada; impõe-se por isso uma reorganização das mesmas para que seja dado o começo à pressão direta.

Afim de levar a efeito tal reorganização, o comando designa uma linha bastante afastada, dentro da posição inimiga, de maneira que, quando estiver terminada a reorganização, se encontrem aniquiladas as forças de cobertura deixadas pelo inimigo. Em circunstância alguma deve ser permitido ao inimigo quebrar o contato, em consequência dos altos determinados por essa recomposição, durante a qual as reservas serão incumbidas de manter aquele contato. À noite, as unidades que defrontam pequena resistência continuam a sua marcha, enquanto outras organizam sucessivos ataques limitados à linha de frente.

Normalmente, a pressão direta é conduzida por destacamentos especiais (combat teams), regulados por meio de ordens típicas, nas quais são introduzidos os itens suplementares

necessários e consignados, também, os objetivos a atingir. O controle centralizado pelo comando da divisão é extremamente difícil nas rápidas e multiformes operações de perseguição.

Para assegurar as ligações, estender-se-ão fios telefônicos para a frente, com rapidez, ao longo dos eixos principais de marcha, estabelecendo-se centros avançados de informações e postos de comando logo atrás das tropas da vanguarda. Far-se-á, entretanto, maior utilização do rádio, devido à desejada rapidez de ação, podendo-se mesmo diminuir o rigor referente à cifração dos despachos, em virtude de ficar consideravelmente reduzido o perigo da interceptação das transmissões.

A perseguição realizada pelo General Allenby aos turcos em sua campanha da Palestina, em 1918, é clássica por sua perfeita adaptação aos princípios consignados no Regulamento de Serviço em Campanha. Nessa operação, a força envolvente era constituída pelo Corpo Montado do Deserto, dos britânicos.

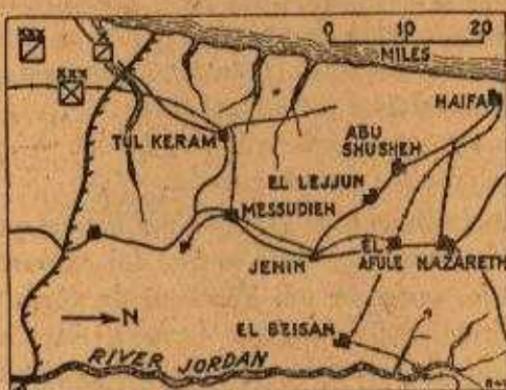
Em 18 de setembro de 1918, o avanço britânico para o norte ficara paralisado e britânicos e turcos se estabilizaram, de uma maneira geral, ao longo da linha mostrada na figura 1.

A força do General Allenby era defrontada pelo Sétimo e Oitavo Exército turcos. No flanco crítico de oeste, Allenby tinha o XXI Corpo com o seu flanco esquerdo coberto pela 5.^a Brigada Leve a Cavalo australiana. À retaguarda e à esquerda dessas unidades, nas proximidades da costa, reuniu êle secretamente o Corpo Montado do Deserto.

As medidas tomadas para assegurar o sigilo foram notáveis, e incluiam o estabelecimento de novos acampamentos e a construção de 15.000 bonecos em forma de cavalo, no Vale do Jordão. Em complemento, expediram-se agentes para adquirir grandes quantidades de forragem para entrega ali.

As linhas turcas de comunicação eram o ramo ferroviário de Hedjaz e uma rede rodoviária mais ou menos paralela ao mesmo (figura 1). A ferrovia penetrava na zona acima da ponte sobre o rio Jordão situada próximo a El Beisan, exatamente ao sul do Mar de Galiléa. Na cidade de El Afule, bifurcava-se para Haifa, na costa, e para o sul, na direção de Messudieh, de onde partia um ramal pra oeste, rumo à cidadela de Tul Ke-

ram. O quartel general turco, do General Liman von Sanders, estava instalado em Nazareth.



O terreno era áspero e árido. O Jordão constituia um obstáculo de flanco na direção leste, mas o seu vale era considerado uma possível via de comunicação, em caso de emergência. Uma estrada ligava Messudieh a Haifa, apresentando dois passos adequados a operações de cavalaria: um ao norte, em Abu Shusheh; outro ao sul do primeiro, em El Lejjun. Ambos êsses passos eram facilmente defensáveis por um inimigo organizado.

O plano de ofensiva de Allenby compreendia previsões para a perseguição (*R.S.C.: Antes do momento de desencadear a perseguição, o comando determina as medidas preparatórias a serem tomadas*).

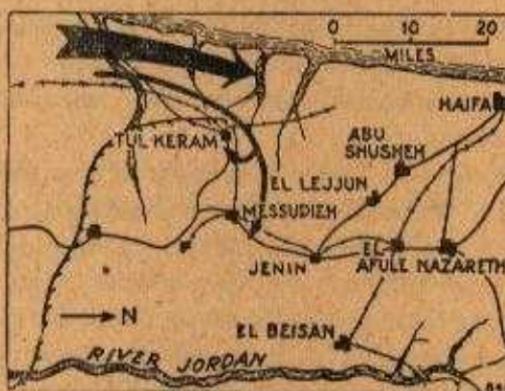
O ataque do XXI Corpo visava recalcar o flanco ocidental dos turcos sobre Messudieh. O Corpo Montado do Deserto deveria penetrar na porteira assim aberta, avançando pela costa, sem atenção às resistências de pequena monta, até infletir para leste com destino aos seus objetivos, através dos passos de Abu Shusheh e El Lejjun (*R.S.C. : Fazem-se preparativos para lançar uma ou mais forças de grande mobilidade em manobras envolventes*).

Objetivos definitivos foram assinalados ao Corpo Montado do Deserto (*R.S.C. : Objetivos afastados são assinalados aos principais grupos táticos*), possuindo exatamente as características de bons objetivos, tal como explanadas anteriormente.

Esses objetivos foram :

1. Nazareth, G. Q. G. dos turcos.
2. El Afule, entroncamento rodovia e ferroviário, pelo qual o inimigo retirante teria de passar.
3. El Beisan — sobre o terreno que comandava o vale do Jordão, possível rota de escapada turca.
4. A ponte ferroviária sobre o Jordão — provável rota de fuga dos elementos da retaguarda.

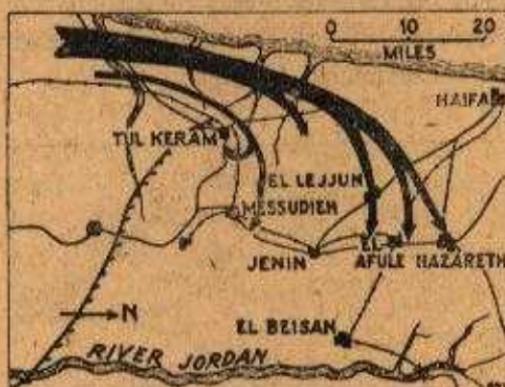
O ataque irrompeu às 0430 do dia 19 de setembro. Houve imediata evidência de êxito, o que foi explorado, não pelo Corpo Montado, mas por um elemento da força encarregada da pressão direta: a 5.^a Brigada Leve a Cavalo Australiana (R. S. C.: *Quando um comandante reconhece que o inimigo está tendo dificuldade em manter sua posição, emprega todos os meios capazes de resultarem numa pressão ininterrupta sobre o inimigo derrotado*). Contudo, a evidência tornou-se tão acentuada que o Corpo Montado também se pôs em ação. Ao meio-dia os turcos achavam-se em terrível desordem, tendo a 5.^a Brigada investido por Tul Keram e cortado a via férrea ao norte de Messudieh (figura 2).



O Corpo Montado do Deserto dirigiu-se para o norte durante ancítas, em marcha forçada. A 5.^a Divisão de Cavalaria atravessou o passo de Abu Shusheh e, pelas 0530 do dia 20 de setembro, uma de suas brigadas tinha aprisionado o Grande

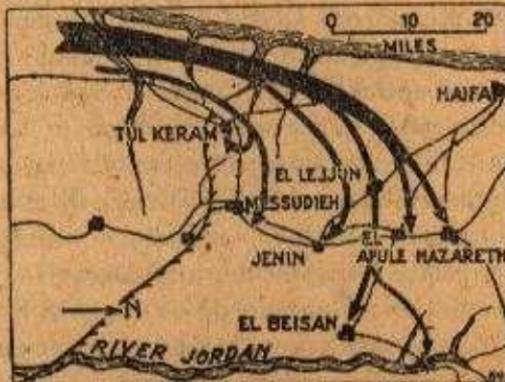
Quartel General dos turcos em Nazareth. A outra brigada atingiu El Afule pelas 0800.

A 4.^a Divisão de Cavalaria teve de combater para atravessar o passo de El Lejjun, ao surpreender os turcos organizando ali a defesa do mesmo. Não obstante essa oposição, cruzaram El Afule mais ou menos às 0800. A Divisão de Cavalaria Australiana seguiu a 4.^a, passando por El Lejjun às 1100 (fig. 3).



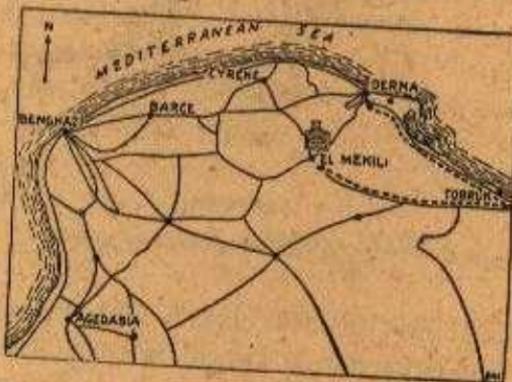
A 4.^a Divisão de Cavalaria chegou a El Beisan pelas 1630, de onde o 19.^º Regimento de Lanceiros desgarrou em direção a leste, afim de ocupar a ponte de estrada de ferro sobre o Jordão, o que conseguiu ao cair da noite.

A Divisão Australiana executou ainda um seccionamento da ferrovia em Jenin, completando esta operação à tarde (figura 4).



Todas as vias de fuga estavam agora fechadas aos turcos, e a totalidade de suas forças comprimida entre o malho da pressão direta e a bigorna do envolvimento. O resultado desta operação tão habilmente planejada foi a captura, praticamente integral, do Sétimo e Oitavo Exércitos.

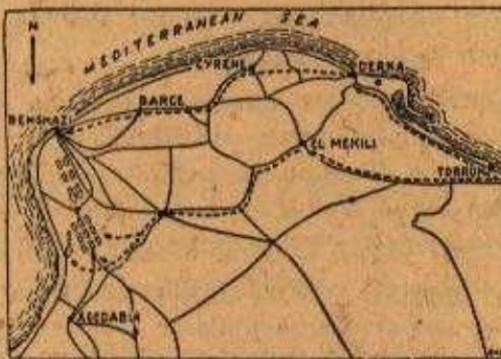
Aplicação moderna dos princípios da perseguição, com o emprêgo de tropas blindadas, teve lugar no Norte da África em fevereiro de 1941, quando as forças britânicas sob as ordens do General Sir Archibald Wavell destruiram o Exército Italiano da Líbia, ao sul de Bengazi (figura 5).



Depois de terem sido batidos em Tobruk a 2 de janeiro, os italianos estabeleceram-se em nova posição a oeste de Derna, enviando uma brigada blindada para a junção de estradas de El Mekili, afim de cobrir o seu flanco direito. Conseguiram manter-se em Derna até 30 de janeiro. Depois disto, os britânicos avançaram com a velocidade de 45 quilômetros por dia até entrarem em Cyrene a 3 de fevereiro, sem oposição. Parecia então que os italianos tinham desistido da idéia de defesa e já se achavam em plena retirada. No mesmo dia, 3 de fevereiro, unidades da 7.^a Divisão Blindada britânica forcaram a brigada blindada italiana a retirar de El Mekili, iniciando-se, então, francamente, a perseguição. Neste caso, contudo, não houve oportunidade de se organizar previamente um meticuloso plano, sendo logo lançada a perseguição apesar da fadiga e outras condições desfavoráveis.

As fôrças incumbidas da pressão direta eram constituídas de tropas australianas auto-transportadas, eficientemente apoiadas pela aviação, que bombardeou e metralhou os italianos em toda a extensão da rota septentrional (*R. S. C.: Aviação de combate em apoio concentrará sua atividade contra as colunas inimigas em retirada*).

A princípio, os italianos dirigiram-se para Barce, cidade situada na extremidade da ferrovia procedente de Benghazi (figura 6). Era intenção aproveitar a estrada de ferro para assegurar a retirada em boas condições, mas os australianos estavam demasiadamente próximos dos seus calcanhares. Antes mesmo que alguns conseguissem escapar, foram desalojados precipitadamente de Barce, reunindo-se ao sul com a guarnição de Benghazi, que já encontraram de equipamento às costas e pronta para partir. Juntos continuaram a retirada para o sul.



Entrementes, a 7.^a Divisão Blindada britânica voltou-se de El Meili para o sudoeste e, marchando em duas colunas, arremeteu pelo deserto, afim de interceptar a retirada na costa sul de Benghazi (*R. S. C.: O propósito da manobra envolvente é atingir a retaguarda do inimigo derrotado e paralisar-lhe a retirada, de maneira que possa ser destruído entre a pressão direta e as fôrças envolventes*). Semelhante marcha foi de difícil execução. A estrada representada na figura 6 não existia. A fôrça blindada, deslocando-se através do deserto bravo, era obrigada a orientar-se pela bússola e pelas estrelas,

em meio às tempestades de areia. Em consequência, gastou essa divisão blindada trinta e seis horas para cobrir os 240 quilômetros que separavam El Mekili da costa.

Chegou, felizmente, a tempo, pois, uma hora e quarenta minutos depois de atingir a estrada de Benghazi, a coluna italiana aparecia no horizonte. Duas horas mais tarde que tivessem chegado, os italianos poderiam ter escapado da ratoeira. Contudo, lutaram desesperadamente para forçar a passagem durante toda a tarde do dia 5, a jornada inteira do dia 6 e parte da manhã do dia 7. Mas os britânicos, com a superioridade inicial de cinco para um, puderam sustentar a situação até a chegada de unidades da força de pressão direta.

Às 0900 do dia 7 de fevereiro, renderam-se os italianos — entregando 216 canhões, 112 carros, 1.500 caminhões a 20.000 prisioneiros. Todo o material não suscetível de ser conduzido ou aproveitado foi destruído (*R. S. C. : Pelo emprêgo coordenado dos agentes de destruição, o moral abalado do inimigo vencido é transformado em pânico*).

Parece, à primeira vista, que essa operação poderia ter sido desastrosa, porque nenhuma das forças britânicas se achava dentro da distância de apoio da outra e a força envolvente se manteve, durante muito tempo, em condições de grande inferioridade numérica. Mas o General Wavell tinha pre-estimado com exatidão o fator da vitória, o moral inimigo beirando o pânico, para que a operação redundasse em completo êxito.

Recapitulando, os pontos principais que devem ser lembrados, relativamente à perseguição, podem ser assim resumidos :

— A perseguição é geralmente necessária para converter o êxito inicial em vitória.

— O comando deve ter vontade e energia para desencadear a perseguição a despeito de todos os óbices, e levá-la até o limite de resistência de sua força.

— *Não deve ser iniciada* antes de dar o inimigo evidência de sua incapacidade para conservar a posição. À Segunda

Seção cabe impulsionar todos os meios de obter os elementos de informação referentes à retirada, de maneira que a perseguição possa ser lançada o mais cedo possível.

— Deve ser conduzida de modo a esmagar e destruir o inimigo entre as fôrças da pressão direta e as envolventes.

— As fôrças envolventes carecerão de grande mobilidade e potência de fogo. Tanto as unidades aero-transportadas como as blindadas são naturalmente indicadas para a missão, as primeiras por possuirem no mais alto grau a característica mobilidade, as segundas por compartilharem organicamente as características mobilidade e potência de fogo.

— A força incumbida da pressão direta precisa ter peso e impulsão. O fogo concentrado de artilharia assegurá-lhe-á o peso necessário, enquanto que unidades blindadas, se puderem ser dispensadas da fôrça envolvente, reforçarão grandemente a impulsão das outras armas.

— A aviação de combate operará intimamente com as fôrças de perseguição, sempre que possível.

Casa Hanseatica

Angelo Fernandez Gonzalez

Café - Bar - Restaurante

Cosinha Internacional

Completo sortimento de bebidas nacionais e estrangeiras

PRAÇA MAMÁ' Nos. 1 e 3

Edifício da "A NOITE"

TEL. 23-1366 e 43-5833

Rio de Janeiro

Também concessionário do Bar e Restaurante do Hipódromo Brasileiro

EXCERTOS

Études sur le Combat.

Ardant du Picq. — 1821-180.

Trad. do Cel. R. B. N.

II — O COMBATE MODERNO (1)

Li não me lembro onde, uma censura aos filósofos, por estudarem um tanto exclusivamente o homem em geral, deixando de lado o homem de tal ou qual raça, de um país ou de determinada época, de maneira que seus estudos a respeito do homem de guerra não se prestam à aplicação real, social ou política; pode fazer-se censura oposta aos militares de todos os países que vão pregando uma tática, uma organização (são causas correlativas) nacionais, adequadas ao caráter particular de sua raça, sempre brava, a mais brava entre todas, e que se esquecem de incluir nos dados do problema o estudo do homem em face do perigo. Por isso não se poderá saber quanto a prática difere de suas belas teorias, de tôdas as teorias. Por êstes tempos de reconstituição militar, talvez não venha fora de propósito estudar um pouco o homem no combate e o combate em si mesmo.

A arte da guerra sofre muitas modificações decorrentes do progresso científico e industrial, etc. *Mas uma causa não muda: o coração do homem*, e como em última análise o combate é uma questão de moral, em tôdas as modificações que se introduzem num exército (organização, tática, disciplina) a apropriação justa de tôdas essas modificações ao coração humano, num dado momento, momento supremo, — o da batalha, — é sempre a

(1) — Ver os números de Nov. e Dez.

questão essencial. Raramente se leva isto em conta, e daí, muitas vezes, erros singulares.

Com o aperfeiçoamento das armas, dos engenhos de jato, a potência destruidora cresce, a ação moral dos engenhos aumenta, a coragem de afrontá-los torna-se mais difícil, e o *homem não muda*, não pode mudar. O que deve crescer com a força dos engenhos, é a força da organização, a solidariedade dos combatentes, isto é, todos os meios capazes de aumentar esta solidariedade; e é disto com que menos nos preocupamos. Ter um milhão de homens hábeis nos exercícios, manobras militares (que se devem simplificar à proporção que os engenhos se tornam mais poderosos) não será nada, se uma organização perfeitamente raciocinada não lhes garantir a disciplina, e, com esta, a solidariedade, isto é, a coragem no decorrer da ação.

Quatro bravos que não se conhecem bem, não irão francamente atacar um leão. Quatro menos bravos, mas que se conhecem bem, convencidos de sua solidariedade, e, por conseguinte, de seu apoio mútuo, avançarão resolutamente.

Num dado momento, um novo engenho pode garantir-vos a vitória. Seja; mas não se inventam engenhos utilizáveis todos os dias, e as nações se equilibram rapidamente no tocante ao armamento. A questão final retorna sempre (deixemos de parte os generais de gênio, probabilidade com a qual não se pode contar), e esta é a qualidade das tropas, isto é, a organização que lhes garante melhor um bom espírito solidez, confiança, solidariedade, numa palavra. Quem diz tropa diz soldados. E os soldados, por muito exercitados que sejam, reunidos de um dia para outro, em companhias, batalhões, etc., não seriam capazes de ter, nunca tiveram, esta solidariedade que, de alto a baixo, só pode nascer do conhecimento mútuo.

Vimos no estudo do combate antigo quão terrível cousa é o combate, qual é a ação que exerce sobre o homem e como este só peleja realmente sob a pressão da disciplina. Sente-se desde logo, mesmo antes de haver estudado o combate moderno, que não há exércitos nem verdadeiros combatentes se uma organização meditada, racional não lhes garantir a solidariedade permanente no combate.

Prevê-se que quanto maior fôr o poder destruidor das armas, mais disperso se tornará o combate, escapando por conseguinte à direção, às vistas imediatas do chefe supremo e até dos simples oficiais, o que exige cada vez mais uma disciplina e uma solidariedade poderosas; portanto, mais meditada, mais profundamente raciocinada deverá ser a organização que proporcione a solidariedade entre os combatentes. E isto porque, se a potência das armas aumenta, o homem permanece o mesmo, o homem e suas fraquezas. Para que serve um exército de duzentos mil homens dos quais apenas cem mil combaterão realmente, ao passo que os cem mil restantes se dissimularão de cem maneiras diversas? Tenhamos, então, apenas cem mil com os quais se possa contar.

O fim da disciplina é forçar muitas vezes os homens a combater ainda que não queiram. É ingenuidade dizer que não há exército digno dêsse nome sem disciplina.

O que não existe é exército sem organização, e toda organização que despreze o mais insignificante meio de tornar mais forte e mais real a solidariedade entre os combatentes, é defeituosa. E os meios não podem ser os mesmos em toda parte; a disciplina draconiana não parece mais tolerável aos nossos costumes. A disciplina é instituição social; deve assentar nas qualidades e nos defeitos dominantes da nação.

A disciplina não se ordena, não se cria de um dia para outro; é coisa de instituição, de tradição. É preciso que o chefe tenha confiança absoluta em seu direito de comandar, tenha o hábito de comandar, o orgulho do comando.

* * *

Combater de longe é natural ao homem; desde os primeiros tempos sua indústria tendeu para alcançar este resultado, e continua. Imagina-se que com as armas de grande alcance será forçoso voltar ao combate aproximado. Engano. Fugir-se-á, simplesmente, de mais longe, diante das demonstrações.

O homem primitivo, o selvagem, o árabe, são a instabilidade personificada; na guerra, o menor vento, uma insignificância, o faz voltar-se a todo instante. O homem civilizado, na guer-

ra (que é o contrário da civilização), retorna naturalmente a seus instintos primitivos.

Diz-se a cada passo que a guerra de hoje é causa de sabedoria antes de tudo, que exige sábios, etc., etc.... A guerra, sempre, enquanto fôr a guerra e nela se arriscar a própria pele, será essencialmente causa de instinto.

* * *

O combate antigo assemelhava-se aos exercícios; nada se parece menos com êles do que o combate moderno, e isto desconcerta ainda mais os chefes e os soldados.

* * *

A guerra torna-se mais mortífera com o aperfeiçoamento dos engenhos. Engano. O homem só é capaz de suportar uma certa intensidade de terror; além dêsse limite, escapa ao combate.

Hoje, é preciso aguentar em cinco minutos o que no tempo de Turenne se passava numa hora.

Quanto mais se aperfeiçoam os engenhos de guerra mais terrificante se torna a luta com a fatalidade que é o combate moderno; e mais difícil é a disciplina.

Quanto menos móveis são as tropas mais mortíferos são os combates. As demonstrações à baioneta são menos fáceis; o moral por conseguinte sofre menores abalos pois o homem teme mais o homem do que a fatalidade.

A natureza das armas antigas exigia o agrupamento; a das armas modernas a dispersão e com tal premência que, muitas vezes causa a quebra da disciplina. Que fazer? Dispersar combatentes que se conheçam bem para que possa existir solidariedade; e ter reservas ameaças, mantidas com severidade draconiana.

Com os engenhos modernos cuja ação é tão terrível e tão depressora do sistema nervoso, (quem pode dizer que não teve medo no combate?), a formação é tanto mais necessária quanto se combate em ordem dispersa, e a coesão das formações dispersas não infundindo confiança, esta deve nascer do conhecimento

mútuo dos camaradas vizinhos, da confiança no chefe que se deve ver e jamais abandonar.

A formação é a garantia da disciplina contra a fraqueza do homem diante do perigo; a fraqueza é maior hoje porque os engenhos exercem uma ação moral mais forte, e a formação material é forçosamente mais fraca pela falta de coesão da ordem dispersa.

Nos exércitos modernos, em que a vitória desgasta tanto quanto a derrota, o soldado é muito mais frequentemente substituído (o vencedor antigo não perdia ninguém). O soldado é muitas vezes desconhecido de seus camaradas; perde-os de vista nesses combates de fumaça, de dispersão, de flutuações em todos os sentidos, onde combate isolado, por assim dizer; a solidariedade não tem mais a sanção de uma vigilância mútua. Um homem cai; embusca-se. Como saber se foi uma bala ou o medo de ir mais longe? O combatente antigo jamais poderia ser ferido por um dardo invisível, e não cairia assim. Quanto mais difícil se torna, então, a vigilância, mais necessário se faz consegui-la mediante a individualidade das companhias, das seções, das esquadras, para as quais não é pequena honra poder-se apelar a qualquer momento.

De dia para dia o combate tende para desaparecer e ceder o lugar à ação longínqua e sobretudo moral dos movimentos. Sermos conduzidos, pela dispersão, a compreender a necessidade da qualidade, que era a condição absoluta no combate antigo.

A extensão do campo de batalha impedindo mais do que nunca que se abranja o conjunto, torna muito mais difícil o papel do general e bem mais numerosas são as eventualidades deixadas ao acaso. Então, necessidade de melhores tropas, que conheçam bem seu ofício, mais tenazes, para diminuir as intervenções do acaso. E' preciso resistir mais tempo para esperar o socorro que vem de longe. As batalhas de soldados são muito mais frequentes e o ponto decisivo muito mais difícil de determinar, mais difícil de conservar. Retrocesso singular! no combate a uma légua de distância, o valor do soldado, como no combate antigo a dois passos, torna a ser o elemento essencial do êxito. Fortaleçamos o soldado pela solidariedade.

No combate moderno, o entrevêro existe realmente mais do que no combate antigo; isto parece paradoxo mas, entretanto, é uma verdade, tomado o entrevêro na acepção de causa embrulhada, na qual é difícil ver com clareza. O homem, no combate de nossos dias, é como o homem que mal sabe nadar atirado à agua... A excelência da tropa, mais do que nunca, influí sobre a vitória.

* * *

Quando se raciocina em plena segurança, após o jantar, em completo bem estar físico e moral, sobre as causas da guerra, experimenta-se o mais nobre ardor e nega-se o real. Quantos, então, se fossem chamados justamente nesse instante, estariam prontos para arriscar imediatamente? Os que são obrigados, porém, a marchar dias e semanas, até o dia do combate, que no dia do combate esperam minutos, horas, pelo momento de agir, êstes, se forem sinceros, confessarão que a fadiga física e a angústia que precede a ação, amortecem o moral; quanto menos aptos estão que trinta dias antes, ao se erguerem da mesa, a um movimento generoso...

As disposições do coração são tão variáveis como a sorte. O homem se retrai e pressente o perigo em todo esforço em que não entrevê probabilidades de êxito. Ha caracteres de têmpera forte que resistem, mas são arrastados pelo grande número.

A bravura sólida é a do dever: não conhece o pânico, e é sempre a mesma. Turenne disse: "treme carcassa...". O instinto de conservação pode, pois, fazer tremer os mais fortes, mas êstes têm a força necessária para suplantar êsse sentimento de medo, e vão, seja como fôr, sem perder a cabeça nem o sangue frio.

O medo, nêles, jamais chega a transformar-se em terror, e torna-se esquecido com as preocupações do comando. Aquêle que não se sentir com fôrças bastantes para não deixar nunca que sua alma seja presa do terror, não deverá jamais pensar em ser oficial.

* * *

O que constitui sobretudo o soldado, o combatente capaz de obedecer e ser dirigido na ação, é o sentimento da disciplina, o

respeito aos chefes, a confiança nêles, a confiança nos camaradas, o temor que êstes lhe reprovem ou castiguem o ato de tê-los abandonado no momento do perigo, o brio de ir aonde os outros foram, sem tremer mais do que qualquer dêles, numa palavra, o espírito de corpo; só a organização gera estas qualidades.

Uma observação: — as organizações de exército e de tática no papel, que organizam sempre do ponto de vista mecânico, esquecem o coeficiente essencial, que é o moral, e quase sempre se enganam.

* * *

O espírito de corpo forma-se com a guerra; a guerra torna-se mais e mais curta e violenta; formai o espírito de corpo com antecedência.

Não é bastante que todos se conheçam mutuamente para constituir uma boa tropa; é preciso um salutar espírito geral; é necessário que a idéia de todos e de tudo seja o combate, e não uma vida tranquila, a fazer exercícios dos quais ninguém conhece a aplicação. Do momento que um homem saiba manejar sua arma, obedecer a todos os comandos, não há mais necessidade de exercícios (só raramente, para corrigir os esquecidos), e sim de marchas e de manobras de combate.

A educação técnica do soldado não é o mais difícil; saber utilizar-se da arma, conservá-la, marchar à direita e à esquerda, para a frente ou para traz, à voz de comando, correr a cavalo e marchar com a mochila às costas, tudo isto é necessário, mas não faz um soldado.

E' absolutamente necessário retocar a instrução, reduzi-la ao essencial, desembaraçá-la de tôdas as superfetações inúteis de que os fazedores de paz a sobrecreoram todos os anos. *Saber o necessário, e bem,* vale mais do que saber por alto uma porção de coisas, das quais a maior parte é inútil.

* * *

A ação de um exército, de uma tropa, sobre outra, é a um tempo ação moral e ação material.

A ação material de uma tropa é o seu poder de destruição; a ação moral é o temor que ela inspira.

No combate, mais do que duas ações materiais, são duas ações morais que se acham em presença; a mais forte vencerá. O vencedor, muitas vezes, perdeu, pelo fogo, mais gente que o vencido; é que a ação moral não está sólamente na proporção da potência de destruição, real, efetiva, *está, sobretudo, na proporção da potência presumida, ameaçadora*, sob forma da reserva que intimida, da renovação do combate, das tropas que podem surgir à direita ou à esquerda, do ataque frontal resoluto.

A ação material é tanto maior quanto melhores forem as armas (armas, cavalos, etc.) e melhor souberem os homens se servir delas, quanto êsses homens em maior número ou mais robustos, puderem exercer, sucedendo-se, um esforço mais prolongado.

Em igualdade de potência destruidora, até com inferioridade, vence o que souber marchar resolutamente para a frente, e que pelo dispositivo e os movimentos da tropa fizer pairar sempre sobre o adversário uma nova ameaça de ação material; tomar, numa palavra, o ascendente da ação moral. A ação moral é o temor que se inspira; é preciso transformá-lo em terror para dominar.

Quando a confiança que se tem na superioridade da ação material, incontestável para manter o inimigo à distância é absalada pela resolução que o adversário manifesta de vir atacar-nos de perto, afrontando vossos meios superiores de destruição, a ação moral do inimigo sobre vós cresce na medida da confiança perdida, e essa ação moral domina a vossa; fugis; assim cedem as tropas entrincheiradas.

Quando avançais, sofreis a ação moral do inimigo, mas experimentais dominá-la e fazê-la dobrar-se ao ascendente da vossa. Tomai, portanto, disposições tais que vossos atiradores, os que destroem, possam auxiliar-vos até ao fim com sua ação material, e diminuir, dessa maneira, a do inimigo sobre vós.

Contra gente de pouca imaginação, que tenha algum sangue frio, e, por conseguinte, a faculdade de raciocinar diante

do perigo, a ação moral será proporcional à ação material. E' mister não se fiar, mais do que será razoável, nas demonstrações que não produzem efeito contra semelhante gente. E' preciso destruir.

A grande superioridade da tática romana estava em procurar sempre pôr a ação física no mesmo nível da ação moral. A ação moral gasta-se, porque se acaba por perceber que o inimigo não é tão terrível como parece; a ação física, não. Vêem-se os gregos procurarem impor-se; os romanos querem matar; matam... e trilham o melhor caminho. Sua ação moral se apoia em espadas ríjas, que matam.

O que vale uma força moral de mais ou de menos para uma nação em guerra, sabe-se pelos exemplos: Pichegru traiu, uma grande força de menos, e fomos batidos; vem Napoleão, e com ele retorna a vitória.

Contra isto nada se pode, mas é possível fazer que um exército, que a tropa seja boa, mesmo com um Napoleão de menos. Exemplo: o exército de TURENNE, após sua morte, continuou excelente apesar das discordias e da insuficiência de seus dois comandantes. A manobra em retirada na passagem do Reno, o regimento da Champagne, atacado de frente pela infantaria e envolvido pela cavalaria... Um dos mais belos feitos militares!

(Continua)

NOVAS I. D. F.

SUGESTÕES A UM PROJETO

REGIMENTO ANDRADE NEVES

Major *WALDEMAR MENA BARRETO*

I. — Duas causas intervêm para que estas minhas sugestões sejam apenas perfuntórias: a pequenez do prazo estipulado, em razão da urgencia, e a minha divergência de vistas. Quanto a esta segunda causa, o projeto, em pontos fundamentais, adota princípios diemetalmente opostos aos que sempre conheci desde que sou oficial, e seria perder tempo o fazer sugestões sobre princípios inversos dos das novas I. D. F.

CAPÍTULO I

a) — Só o n.º 1, de objeto igual ao do artigo 1.º das I. D. F. de 1938, guarda patente identidade entre as “Instruções” novas e seus antecessores. No mais, parece que se trata de ordenação sobre matéria que nunca antes tivessem sido ordenada no Exército. E’ esse um gravíssimo defeito fundamental, de ordem doutrinária e prática. Desnecessário é demonstrar que cumpria preservar deliberadamente a continuidade, sem o mínimo entrave às modificações reconhecidas necessárias — “conservar melhorando”.

Exemplos: a) — Não se justifica a supressão dos “índices” (dos assuntos, das tabelas, dos modelos) que antecedem as I. D. F. de 1938.

b) — É excelente a ideia de articular o texto das I.D.F. em capítulos. Mas faltou um nome para o *capítulo I*, ao passo que os outros seis têm nome. E seria natural permutarem de lugar os capítulos 3.^º e 4.^º. Como, principalmente, seria indicado incluir um capítulo, onde convier, sobre o relevante assunto “economia de fardamento”, no qual se estilize tudo quanto de disperso e desajustado, confuso, a respeito existe publicado; a menos que as novas I.D.F. prefiram declarar expressamente que é em definitivo simplificado, por eliminação total, o *incômodo assunto*.

c) — O “calendario de pedidos” referido no n.^º 2, não figura no projeto. Entretanto, convém conservá-lo. E corrigi-lo como convier. Para maior precisão, o título deve ser “calendario de pedidos da sub-unidade”.

d) — É inútil despresar a antiga classificação do fardamento em 3 categorias (calçado, roupa e uniforme); essa terminologia continuará a ser usada irremediavelmente, porque é útil, cômoda, prática. Nem o projeto das I.D.F. escapou de usa-la. O que importa, portanto, militarmente, para que haja precisão de linguagem, é definir-la, aqui particularmente, “conservar melhorando”. Isto é, a classificação poderia ser :

Calçado: de couro; de pano (aqui entraria a nova “perneira de lona”).

Roupa interna: branca; de agasalho.

Roupa de cama: ...

Roupa externa: (em vez de “uniforme”) ...

Acessorios: (coleção de botões; distintivo; espóra e correia; cinto de couro e fêcho de metal oxidado).

(As “divisas” podem ser suprimidas: o cabo que as adquira no comércio).

As peças para motociclistas devem ser suprimidas do n.^º 1: figurarão na “tabela n.^º 3” (eventualmente alterada), assim como haverá os outros casos especiais definidos nas tabelas 2, 4, 5, 6 e 7 (eventualmente alterados).

CAPÍTULO II — (DOS FORNECIMENTOS)

a) — Fundamentalmente parece indefensável a retrogradação ao arcaico sistema que, outrora, fazia o aproveitamento das unidades dependentes de prévio pedido ao Orgão Provedor.

Suplantada durante vários anos, neste particular, a mentalidade primária da papelada, como finalidade em si mesma, destrói agora o projeto o sábio preceito cristalizado nas I. D. F. de 1938, art. 16, segundo o qual as Unidades eram abastecidas “independente de pedido”. Com efeito: para que pedido? O O.P. sabe que tal unidade existe e sabe qual o efetivo que lhe foi fixado, pois que deve receber o Boletim do Exército.

Que dados mais necessita ao O.P. para cumprir a sua tarefa? Será corrente uma diferença para menos no efetivo existente em relação ao efetivo fixado. Tal diferença permitirá constituir paulatinamente um saldo de fardamento na unidade, com que ela enfrente eventual aumento de efetivo (mobilização, ou aumento orgânico de tempo de paz). Ora, o n.^o 10 do projeto, determinando que a unidade faça o pedido 3 meses antes do inicio do ano de instrução, implica que o formule sobre a mesma base teórica do efetivo fixado, pois a esse tempo também a Unidade ignora qual será o seu efetivo real no ano de instrução. Para que, pois, exigir esse papel da Unidade? O O.P., repitamos, dispõe de todos os dados indispensáveis ao exercício dessa sua finalidade.

b) — Para as “peças supletivas de agasalho” não cabe, tão pouco, fazer que o fornecimento dependa de pedido. Compete ao O.P. fixar as guarnições para as quais tal suplemento é necessário e, em consequência, fornecê-lo; para a fixação dessas guarnições necessariamente o O. P. recorrerá aos existentes levantamentos metereológicos oficiais.

c) — Pedidos suplementares (n.^o 16), esses, sim, se justificam, pois que o O. P., como a própria unidade, não pode orçar o consumo extraordinário que possa haver, por várias causas (aumento imprevisto de efetivo, inutilização precoce de peças de fardamento, extravios, etc.).

d) — O n.^o 29 do projeto pretende substituir o art. 3 das I.D.F. de 1938 e seu § único.

Não se percebe melhora nem na essência da mudança nem da clareza do preceito e consequente finalidade visada.

e) — O n.^o 30 é nova retrogradação. Mais um passo à retaguarda, voltaremos ao tempo em que o soldado, excluído sem estar "pago" em dia do fardamento da tabela, recebia um correspondente "título de dívida". O racional é o cristalino princípio do art. 2.^o ads I. D. F. de 1938: *O fardamento é propriedade do Estado e é devido e distribuído ao soldado em razão do serviço.*

f) — O n.^o 31 reflete novamente a mentalidade papelista. O pedido de fardamento da sub-unidade, uma vez despachado com o competente "forneça-se", deve ser satisfeito pelo Almoxarife sem mais formalidades nem delongas.

Compete ao Almoxarife, digamos uma vez por mês, apresentar uma nota ao Fiscal Administrativo para a respectiva descarga em boletim, especificando as sub-unidades, os números dos pedidos e os destinatários do fardamento.

g) — Os n.^os 33 e 34 não estão claros, a não ser num ponto, que é uma mancha negra, a saber: segundo estas novas I. D. F., fica abolida a economia de fardamento por efeito de sua duração real em bom estado por tempo superior ao da tabela, salvo para as peças agora chamadas de "tempo indeterminado".

Flagrante retrocesso, á custa do Erário Nacional, consequente da revigeração da idéia fóssil do fardamento propriedade da praça.

CAPÍTULO IV — (DOS RECEBIMENTOS, ETC.)

a) — O n.^o 41 do projeto, parte A (peças de tempo de duração determinado), alínea b, estabelece "recibo individual" nas "fichas de distribuição". De parte a questão inibitória dos analfabetos, é luxuoso tal recibo, ex-vi do n.^o 54 que manda acertadamente assista o comandante da sub-unidade à distribuição.

CAPÍTULO V — (DAS VERIFICAÇÕES PERIÓDICAS, ETC.)

Cumpre ajustar esse assunto com as correspondentes disposições do R.A.E.

O comandante da Unidade só deve ser obrigado à "revista" depois dos períodos de instrução: em todo o caso, convém fixar duas por ano. E tal "revista" precisa também ser ajustada com o que a respeito o R.A.E. estabelece para o Fiscal Administrativo. As revistas pelas sub-unidades, estas sim, precisam ser mensais; e, como convém que sejam simultâneas em todas as sub-unidades, compete ao comandante da Unidade marcar o dia e hora e, se entender, nomear delegados seus para assistir.

CAPÍTULO VI — (DA PROVISÃO DE MOBILIZAÇÃO)

a) — Aparecem dois termos para a mesma idéia: provisão de mobilização, estoque de mobilização. Fiquemos no verbo.

b) — É absurda a complicação criada pelo n.º 56, de dar ao oficial mobilizador o encargo da guarda, conservação e escrituração da provisão de fardamento de mobilização. Isso é, natural, espontânea, necessariamente atribuição específica do almoxarife. Entre nós justifica-se que não descentralizemos tal provisão; conservêmo-la no almoxarifado da Unidade. Isso facilita a armazenagem, a conservação, guarda e renovação. O almoxarife, sempre que receber fornecimento do O. P., fará a substituição das correspondentes peças da provisão de mobilização, para que não envelheçam.

CAPÍTULO VII — (DISTRIBUIÇÕES GERAIS)

a) — Os n.ºs. 62 e 63 são nova retrogradação. Se a sub-unidade não recolher e guardar o traje civil do encorporado, este poderá não dispor de semelhante traje ao ser excluído.

As novas I.D.F., á custa do Estado, nos aliviarão daquele encargo de guardar trajes civis, pois oferecem a solução de deixar que os excluidos saiam do quartel fardados. Basta cuidar que apliquem o distintivo de reservista . . .

b) — O n.^o 64 desconsidera as condições predominantes entre os nossos encorporados, de falta de meios e de educação, para que o reservista conserve "mobilizável" o seu fardamento. Fica proibido pensar na instabilidade dos planos de uniforme !

Os reservistas tratem de acompanhar mudanças de planos ! . . .

Outro aspecto: Si vamos deixar o reservista sair fardado, ha de ser porque o fardamento está em bom estado. Ele não ha de sair mal fardado. E, si o fardamento está bom, porque não conservá-lo na sub-unidade? constituindo justo prêmio de cuidadosa gestão, avultando a economia de fardamento, em proveito final do Erário Nacional ?

c) — O n.^o 69 altera sem melhorar. A marcação das peças marcáveis é necessária ou não é. Em qualquer das hipóteses, não deve ser facultativa . . . para uniformidade.

d) — O n.^o 70 deve ter redação genérica: não é só o conserto insubmisso que não deve vencer uniforme de passeio; é toda praça inibida de passeio (insubmisso, baixado á enfermaria, preso).

c) — Os n.^os 72, 73 e 74 criam um encargo injustificável para os comandantes de Unidades, qual esse de intervirem no mercado de preços de peças de fardamento que seus comandados desejarem adquirir.

4. — Para concluir, retomo a idéia que referi de um capítulo sobre "economia de fardamento", no qual se consolide, esclareça, o que a esse respeito tem sido determinado. Cabendo aqui a mesma razão que referi, para não formular um projeto sobre o assunto, ofereço, entretanto, como contribuição, um exemplar da ordem expedida neste Regimento, no fim do ano passado. (Foi publicado no n.^o 367 desta Revista, de 10 de dezembro de 1944).

Notas e Traduções Sobre o Batalhão Blindado de Manutenção

Capitão WALDYR DA COSTA CODOLPHIM

I — MISSÃO DO BATALHÃO BLINDADO DE MANUTENÇÃO

Manter as armas e os veículos da Divisão Blindada prontos para o combate e reparar ou fornecer equipamento e peças durante ou imediatamente após o combate, fazendo a manutenção de 3.º escalão dentro da Divisão Blindada. Essa manutenção consiste em princípio na montagem de peças completas ou semi-completas, substituição de peças completas, evacuação e recuperação de material no campo de batalha. Além disso, supre os escalões mais baixos das peças que os mesmos necessitarem.

2 — ORGANIZAÇÃO: — Damos aqui uma organização sumária do Batalhão de Manutenção:



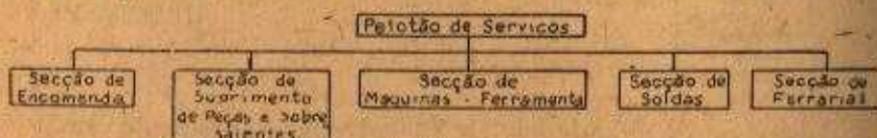
Como se vê, o Batalhão de Manutenção consiste de uma Cia. de Serviços e 3 Cias. de Manutenção. A Cia de Serviços é organizada segundo linhas funcionais; permanece na área da retaguarda e opera no estacionamento do Batalhão. As frações das Cias. de Manutenção que permanecem no estacionamento

do Batalhão de pois da partida de sua Cia., ficam adidos ás Cias. de Serviços.

A Cia. de Serviços é uma sub-unidade de base e abastecimento, com pessoal suficientemente treinado para continuar reparações no estacionamento na ausência das três Cias. de Manutenção para executar trabalhos de 2.^o escalão dentro do Batalhão.

A organização das Cias. de Manutenção já foi mostrada acima, e seus componentes principais são os diversos pelotões de manutenção, dotadas de vários tipos de mecânicos e meios técnicos para executarem reparações que não requeiram máquinas ferramentas, soldas, etc. Esses pelotões podem ser aumentados por meio de homens possuindo qualificações especiais e ferramentas, veículos, etc. necessários. Quando reforçados tornam-se capazes de ação independente formando um destacamento de força apropriada para determinada missão. Entretanto a integridade do pelotão deve ser mantida sempre que possível. Os destacamentos são normalmente formados para suportar Unidades a ele designadas; os destacamentos ficam adidos á tropa suportada.

O pelotão de Serviços das Cias. de Manutenção prepara ou faz, si possível, as ferramentas requeridas pelas turmas de manutenção para seu trabalho e as peças necessárias ás substituições; tambem executa os trabalhos mecânicos para manter o ritmo de trabalho das oficinas e regista o trabalho das mesmas; é algumas vezes organizado em seção de encomendas, seção de peças sobressalentes, seção de máquinas, ferraria e seção de soldas. O pelotão deve ser tão leve quanto possível e deve poder funcionar até mesmo em deslocamentos.

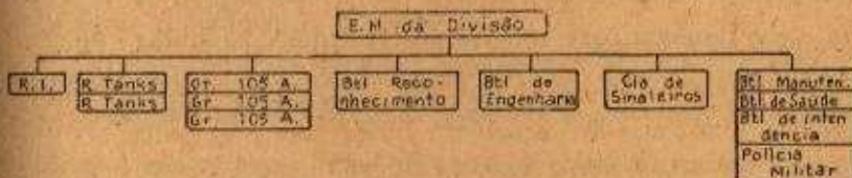


As encomendas são recebidas, registradas, assinadas, e enviadas ao Batalhão pela seção de encomendas. As peças dos veículos necessárias para a manutenção são obtidas através da seção de peças sobressalentes que as requisita ao Batalhão.

A Seção de Maquinas faz ferramentas especiais e repara as partes quebradas dentro das possibilidades da oficina. A seção de solda é equipada para solda a acetileno ou arco elétrico tendo um gerador portátil no seu caminhão. A Ferraria executa os trabalhos de lanterneiro e fabrica ferramentas especiais.

O Pelotão de Manutenção é usualmente desdobrado em varias seções divididas por sua vez em varias turmas de trabalho de 3 a 5 homens. Esses Pelotões executam manutenção de 3.^º escalão.

3 — COMANDO: — Vejamos de um modo geral a organização de uma Divisão Blindada :



O oficial de "Ordnance" da Divisão é o oficial Cmt. do Btl. de Manutenção; faz parte do Estado Maior Especial. Como oficial de "Ordnance" é um conselheiro técnico do Comando Geral da Divisão sobre todos os assuntos de material bélico, sendo também chefe da Seção de "Ordnance" do Estado Maior da Divisão. Os detalhes de controle do Batalhão de Manutenção ficam a cargo do "Executivo" do Batalhão, o qual permanece no Batalhão de Manutenção. O Cmt. do Btl. mantém-se informado dos planos do Cmt. da Divisão e informa-o a respeito da disposição do Batalhão de Manutenção sobre as estradas ou eixos de avanço, linhas de manutenção, zonas ou áreas de evacuação e manutenção, e as designações das Unidades de Manutenção é uma Unidade do Trem da Divisão, o qual entretanto não controla a conduta técnica do Batalhão. O Cmt. do Trem facilita ao Btl. de Manutenção o que diz respeito às prioridades de movimento e abrigo.

4 — INSTRUÇÃO: — Como o Batalhão de Manutenção é responsável pela execução da manutenção de 3.^º es- calão dentro da Divisão Blindada, é óbvio que sua instrução técnica tem que correr pari-passu com a instrução tática. O Batalhão aprende a trabalhar por um misto de experiência, correção e estudo.

Durante o período em que nenhum material esteja em reparos, o equipamento do Batalhão pode ser usado para fins de instrução. Um período diário pode ser reservado para escolas técnicas dentro do Batalhão. Durante o curso de um dia de operações as seções podem ser chamadas para observar qualquer problema novo que surja. O pessoal do Batalhão deve ser capaz de dirigir qualquer tipo de veículos existentes na Divisão, não só para experiência do mesmo depois da reparação como também para remover os veículos "baixados" de um estacionamento para outro; deve também ser capaz de usar qualquer armamento distribuído às Unidades da Divisão.

Na instrução tática é parte de vital importância a orientação em campanha, de vez que o pessoal de manutenção frequentemente opera em pequenos grupos, sobre estradas pouco usadas ou em campo aberto. O uso adequado de bussolas, cartas, croquis e fotografia aérea é essencial.

Os mensageiros devem ser capazes de fazer transmissão oral de mensagens, de assuntos táticos ou técnicos; eles devem ser selecionados na base da inteligência, habilidade e capacidade de observação assim como habilidade para trabalhos em veículos a motor.

A instrução de primeiros socorros inclui a remoção de feridos de dentro de veículos blindados; a tropa deve estar preparada para prestar socorros aos feridos que possam ser encontrados dentro ou próximo aos veículos.

5 — SERVIÇO EM CAMPANHA: — a) Marchas — O Batalhão de Manutenção marcha enquadrado nos Trens da Di-

visão ou independentemente; todas as medidas necessárias para manter boa ordem e proteção durante as marchas são estabelecidas e condenadas pelo Cmt. dos Trens da Divisão no 1.º caso, ou pelo próprio Cmt. do Batalhão no segundo. Essas medidas incluem polícia, patrulha, balizamento de itinerário, etc.

b) — Segurança em marcha e no estacionamento — O Cmt. do Batalhão de Manutenção faz o seu plano detalhado dentro do plano geral para defesa conjunta dos Trens da Divisão.

A segurança compreende todas as medidas ativas e passivas necessárias à defesa da Unidade contra qualquer ação hostil do inimigo, quer em marcha, quer no estacionamento.

Os veículos blindados do Batalhão de Manutenção consistem somente de Scout-Cars. O transporte do Batalhão inclui veículos de $\frac{1}{2}$ T. para reparos de emergência, que podem ser empregados conforme a situação.

Os veículos e armamento "baixados" devem ser utilizados só de segurança, a não ser em caso extremo.

Os veículos e armamento "baixados" devem ser utilizados para fins de segurança, entretanto para isto deve ter permissão competente.

Os outros meios de segurança que o Batalhão lança mão são as armas individuais, os instrumentos de alerta, elementos pirotécnicos e material rádio.

6 — RECUPERAÇÃO NO CAMPO DE BATALHA: —

As perdas no campo de batalha por causas mecânicas ou por ação do inimigo, podem ser divididas em 4 classes:

Veículos que precisam ser retirados de buracos ou armadilhas.

Veículos necessitando de reboque.

Veículos necessitando de reboque suspenso.

Veículos necessitando ser transportados.

O pessoal de recuperação e evacuação e seu equipamento só devem partir para uma missão depois de perfeitamente especificada a natureza da mesma. Essas missões são determinadas em consequência dos indivíduos ou Unidades necessitando

assistencia; podem ser assinaladas as necessidades de evacuação ou recuperação pelo proprio pessoal do Batalhão de Manutenção durante um trabalho normal de reconhecimento, ou por meio de reconhecimentos mais acurados feitos por aviões em vôo baixo. As comunicações entre aéroplano e o pessoal de evacuação pôde ser feita pelo rádio ou por mensagem lacrada.

Quando a turma de evacuação recolhe o veículo faz imediatamente um relatorio sumário, o qual inclui :

a) — tipo do veículo — b) locação do mesmo no terreno, por coordenadas — c) n.º de identificação — d) descrição sumária da avaria — e) tipo de terreno e descrição da rede de estradas — f) disposição do inimigo e das tropas amigas.

Atualmente estão sendo entregues ás tropas em campanha dois tipos de equipamento pesado de evacuação:

Recuperação de Tanks T3

Caminhão guindaste pesado.

O primeiro é uma Unidade de transporte capaz de carregar, transportar e descarregar veículos incluindo o tank médio. O caminhão guindaste não tem valor como unidade de transporte.

A capacidade de veículos de combate para puchar um outro veículo do mesmo ou do tipo mais leve, em velocidade reduzida, foi um expediente aprovado pelo tempo. O reconhecimento deste fato está em que o tank médio, já tem sido desíbâte podem ser destacados para serviços de assistencia á veículos similares.

CASA ALIANÇA Bancaria Ltda.

FUNDADA EM 1911

Saque, Câmbio, Moedas e Passagens

13-A – AVENIDA RIO BRANCO – 13-A

End. Teleg.: "TOPIN" — Telefones: 23-2215 e 43-7630

RIO DE JANEIRO

As Novas Formas da Defesa

— Notas extraídas do livro "A Guerra Relâmpago" de F. O. Miksche, pelo Major TEMISTOCLES AZEVEDO.

— Como coroamento do ano de instrução 1943/1944, grande parte da 7.^a Divisão de Infantaria realizou, no campo de instrução de Engenho Aldeia (a N. W. de Recife), manobras muito úteis a todos os que delas participamos. O seu diretor, o Exmo. Snr. General Amaro Bittencourt, prescreveu que se aproveitasse a oportunidade para estudar os novos métodos defensivos e o emprego das minas.

— Nessa ocasião li o interessante livro de F. O. Miksche, oficial tcheco, que se bateu na guerra da Espanha e, depois na Inglaterra, acompanhou as operações da Polônia, França, Norte da África, etc.

— Dessa leitura extraí as notas que se seguem, apresentadas tal qual as apanhou o meu lapis ancioso de *armazenar conhecimentos*.

— A publicação delas visa tão somente ir ao encontro dos camaradas que não tenham tido o lazer necessário para essa leitura e despertar, em outros, o interesse por esse excelente livro. Aconselhou-me sua publicação o Snr. Coronel ARTUR CARNAUBA, que durante as manobras, exercendo as funções de Chefe do E. M. da Direção do Exercício, muito se bateu pela necessidade que temos de irmos vivendo as novas formas de combate e, entre estas, a defesa celular-articulada, na qual as unidades defendem áreas, e se dispõem no terreno formando verdadeiros "arquipelagos defensivos".

— Eis-las :

PRINCIPIOS DA DEFESA

I — A defesa em 1914/18 encarava o ataque vindo da frente, de uma direção geral; tinha o caráter linear e frontal.

II — A antiga *força* da defesa estava na barragem geral, á frente da L. P. Os ataques progrediam 2 km. por hora e, desse modo, essa barragem era bastante profunda para manter, bastante tempo, o atacante sob fogo.

III — A antiga *barragem geral* seria hoje atravessada em alguns minutos pelos tanks, com essa barragem, conseguiram rapidamente atingir a zona dos P. C., artilharia, etc.

IV — A defesa moderna deve resolver dois problemas:

- 1.^o — Fazer face a irrupção dos tanks atacantes;
- 2.^o — Impedir a infiltração dos agrupamentos de combate (combat-teams).

V — Requisitos de um sistema defensivo:

- 1.^o — Ser capaz de resistir o maior tempo possível aos tanks inimigos;

2.^o — Ser organizado de maneira a continuar resistindo, mesmo depois de furado pelas divisões couraçadas inimigas, de molde a poder separar os tanks da infantaria que for encaimhada nas suas pegadas.

VI — Em 1914/18 a D. I. poderia combinar a fogo que detem, com o movimento que restabelece a integridade da posição.

VII — Modernamente, a D. I. pode, apenas combinar fogo e terreno, fogo e obstáculo, procurando terrenos à prova de tanks; e, assim, faz face aos carros, detem infiltração da infantaria e permite à defesa (que não pôde ter tanks em toda parte) concentrar os engenhos couraçados necessários aos contra-ataques poderosos.

VIII — Dupla missão do fogo da defesa:

- 1.^o — destruir os tanks inimigos;
- 2.^o — impedir que a infantaria e a engenharia inimigas removam ou anulem os obstáculos contra carros.

IX — Princípios fundamentais da defesa moderna:

- 1.^o — *A profundidade.* — Desintegra o ataque; deixa passar parte da força atacante, com dificuldade, e retém outras. O atacante, ao invés de alcançar o flanco inimigo, tem os seus próprios flancos e a retaguarda continuamente atacados, pelos elementos que continuam a resistir;

2.º — A invisibilidade. — Provem, parcialmente, da dispersão da defesa; com uma defesa *invísivel* é possível empregar a *surpresa* contra o atacante, que poderá subitamente ser batido de todos os lados, pelo fogo. Obtemo-la, em primeiro lugar, valendo-nos dos aspectos naturais da paisagem, ocupando as cidades, as aldeias e as florestas;

3.º — A presteza na ação — Exige adequada utilização do fogo e do movimento. Armas bem adaptadas ao terreno e permitindo transportar rapidamente, o seu fogo de uma para outra área; não se deve abrir o fogo muito cedo, para não revelar a posição. Raro emprego do tiro indireto das armas legeras; emprego das metralhadoras em tiros razantes a curtas distâncias; em regra até 700m. Quando os tanks inimigos irrompem, apenas ação das armas anti-tanks; quando entretanto a infantaria se infiltra, pequenos contra-ataques, partidos dos nucleos de resistência, contra os flancos dos elementos que se infiltraram, produzem otimos resultados.

CENTROS DE RESISTÊNCIA (C.R.)

I — Pedem defender-se isoladamente.

II — Não são, normalmente, ligados por trincheiras e sãos aos outros centros.

III — As suas armas são dispostas de modo a poder fazer fogo para frente, nos flancos e para a retaguarda.

IV — Entre um C. R. e outros, a distância é de 400 a 800 metros.

V — Armamento: canhões anti-tanks, morteiros, metralhadoras e artilharia.

VI — Efetivos: as guarnições para as armas e as tropas de choque para os pequenos contra-ataques de contra-infiltração.

Exemplo: 1 Cia. de infantaria, duas Sec. de metralhadoras, uma Bia. de Art., Secções de canhões anti-tanks e anti-aéreos. Os C.R. grandes (uma cidade, etc.) podem ser guarnecidos por uma D.I. ou Bda. e serão fracionados em outros menores, capazes de combater independentemente.

VII — Plano de fogos organizado de modo que :

1.^o — cada centro possa defender-se em todas as direções;

2.^o — os fogos dos C. R. se cruzem e possam cobrir os espaços entre si e bater os obstáculos contra tanks;

3.^o — cada C.R. possa proteger um ou mais C. R. vizinhos.

VIII — Dos C. R. podem partir pequenos contra-ataques, sobre os flancos e retaguarda das unidades de infantaria inimiga que se infiltrarem entre os centros. Os efetivos desses contra ataques variam de uma Cia. a meio Pel. Revestem as vezes, a forma de simples ação de patrulha.

IX — Onde fica o Cmt do C.R.? Num dos nucleos, escolhido, principalmente, em função do seu valor e possibilidades de observação do conjunto.

X — O contra-ataque, lançado de um centro, não deve atingir a zona de fogo de outro centro.

XI — A defesa deve aproveitar as cidades, vilas e florestas. Mas as florestas, no tempo seco, podem ser incendiadas (pelas bombas incendiárias) e, assim, devem ser evitadas para os C. R..

XII — Uma D.I. alemã tem uma dotação de 13.000 minas. E' que os campos minados são imprescindíveis à defesa; as proprias unidades de artilharia tem dotações de minas.

XIII — Um sistema defensivo só pode ser estabelecido quando fóra do contacto inimigo.

DEFESA ARTICULADA

I — Para fazer face à guerra-relâmpago é preciso que a defesa apresente :

1.^o — Uma articulação em que o atacante seja lançado numa rede defensiva completa e, assim, seja retardado;

2.^o — Contra ataques em grande escala, que permitam, mais que repelir, derrotar o inimigo.

II — A defesa moderna organiza duas posições essenciais e, entre estas, uma zona de guerrilhas. A primeira posição é

defendida por divisões de primeira linha; a segunda por D.I. de reserva.

III — Quatro são os elementos principais de cada posição:

- 1.^o — Uma zona de postos avançados;
- 2.^o — Uma zona de filtração, constituída de C.R.;
- 3.^o — Uma zona de reserva;
- 4.^o — Uma zona de retaguarda.

IV — A zona dos P.A. é constituída por pequenos C.R. (de Pel. em regra) ligados por patrulhas e vedetas. Na frente de uma D. I. os P.A. têm um Comando único; um Btl. por exemplo, para essa missão de P.A.

V — A zona de filtração não tem por fim barrar o avanço inimigo como as antigas L.P.R.; visa fracionar as unidades atacantes, absorver, em combates fragmentários, o impeto inimigo e separar os tanks da infantaria e estes dos seus reabastecimentos.

VI — O Estado Maior, os Serviços e as reservas de armas e homens devem dispor de uma "area da reserva", à retaguarda da posição da divisão.

VII — Todas as tropas, armas e serviços da zona de reserva devem estacionar em C. R. ou muito próximo deles.

VIII — A "area" da reserva é protegida, pelos postos de guarda da zona da retaguarda, contra os elementos inimigos que se tenham infiltrado e contra paraquedistas e tropas transportadas pelo ar.

IX — Problema do emprego das reservas:

1.^o — Contra tanks, em massa, os contra-ataques das reservas divisionárias, seriam ineficientes. Nesses casos a defesa se baseia muito mais no fogo do que no movimento;

2.^o — Contra infantaria inimiga, que se infiltra os pequenos contra-ataques, partidos dos nucleos, tem grande valor; contra pequenos grupos de tanks são ainda eficientes.

3.^o — Normalmente, as reservas divisionárias não são lançadas em contra ataque, mas sim utilizadas para aumentar a profundidade, organizando C. R. atrás da zona de filtração.

X — Profundidades médias :

- 1.^o — Zona de postos avançados de uma D. I.

2.^o — Zona de filtração — 4.000 metros;

3.^o — Zona de reserva e dos postos de retaguarda 1.600 metros.

XI — A profundidade total, compreendida a das duas posições e da zona de guerrilhas vai de 50 a 80 km.

XII — A zona de guerrilha visa retardar o avanço inimigo, que penetrou na primeira posição, de modo a evitar venha a atacar a segunda, de um salto. Nesta zona as cidades, vilas, cruzamentos e pontes assumem a forma de C. R.

XIII — As duas posições são ligadas por obstáculos transversais, que visam dificultar, ao inimigo, o alargamento da brecha que tenha feito. Os C. R. das zonas de guerrilha podem fazer parte destes obstáculos.

XIV — A defesa organizada, como acima foi enunciado, visa retardar e dividir as forças do ataque e dar tempo, à defesa, de lançar o contra ataque em grande estilo.

CONTRA ATAQUE EM GRANDE ESCALA

I — Demora :

1.^o — Porque o inimigo é quem tem a iniciativa e a defesa somente conhecerá o ponto do ataque, algumas horas antes do seu desencadeamento;

2.^o — Porque é necessário que a defesa recupere a superioridade no ar; daí a necessidade de aviões em reserva para cobrir os deslocamentos da tropa do contra ataque.

II — Como devem ser empregadas as reservas estratégicas:

a) — No campo de batalha que o inimigo escolheu; assim será contra forças que ainda não tiverem tempo de se organizar; ele irá entretanto, chocar-se contra a maior massa inimiga;

b) — Num ponto diferente do ataque inimigo, mas não muito longe, afim de atingir, já no interior da zona inimiga, as estradas apinhadas de tropas e abastecimentos, que vão alimentar o seu ataque. Com este modo de agir, é possível contra-atacar com inferioridade de tanks, porque o grosso dos carros inimigos está empenhado em outra parte.

"O Importante papel da Cavalaria Soviética"

Tradução e comentários de um artigo do Cel. PRONIN do Exército Vermelho, publicado no número de Julho e Agosto do "The Cavalry Journal", pelo Major *Paulo F. da Silva*, de Cavalaria.

I — PREÂMBULO

Em artigo anterior, procuramos deixar bem claro que nossa Arma ainda não perdeu suas características essenciais. Apesar do desenvolvimento cada vez maior da motorização, o *cavalo* vem formando com o motor, o *conjunto* mais adequado às operações cujo caráter deve destacar-se pela rapidês e brutalidade na ação.

Os fatos da presente guerra, bastante documentados, tem sido, para nós, a melhor fonte dessas afirmativas.

Todos os artigos das inúmeras revistas e publicações evidenciam os resultados magníficos do emprego acertado e judicioso da Arma dos momentos de crise.

Na tradução dêste, procuraremos, mais uma vez, focalizar certos aspectos do papel tradicional da Cavalaria, analizando as formas de combate, as oportunidades de sua intervenção, enfim, a maneira inteligente por que foi utilizada.

II — O TEXTO TRADUZIDO

"A Cavalaria Soviética, nos três últimos anos desta guerra, largamente empregada em todas as frentes, provou ser ainda uma força considerável dos Exércitos, conservando suas belas qualidades. Deixou bem claro que lhe são muito peculia-

res as operações independentes, em larga escala. Sua intervenção independe das condições de tempo e terreno. Nos primórdios da campanha, em fins de 1941 — primavera de 42, quando as *Panzers* avançavam para Leste, a cavalaria vermelha recebeu como missão deter o invasor. Lançando mão de sua principal característica — a *mobilidade*, aplicou nos flancos e retaguardas do adversário, inesperados e acertados golpes; cobriu flancos e retaguardas do adversário, inesperados e acertados golpes; cobriu flancos descobertos e fez inúmeras ligações entre Grupamentos de força (1).

E' interessante lembrar aqui a atuação do 2.º Corpo de Cavalaria, agindo através as forças inimigas nas proximidades de BALTA, como um exemplo admirável de audácia e capacidade. As forças alemãs haviam ocupado aquela cidade e ameaçavam PERVOMAISK. A Cavalaria Vermelha, *após marchas forçadas*, atinge o setor de BALTA e, mediante um ataque de surpresa, levado a feito contra a fração principal do dispositivo inimigo, destruiu as 239.^a e 197.^a Divisões de Infantaria e a 19.^a D. Couraçada Alemãs. BALTA foi retomada e o avanço sobre PERVOMAISK sustado. (2).

Na primavera de 42, já nas ultimas fases da luta, destacaram-se também as operações do 5.º Corpo de Cavalaria, cobrindo a retirada dos Exércitos Soviéticos, na direção de IZIUMBARVEMKOV. Mediante uma *defensiva dinâmica*, numa larga frente, de 17 a 27 de Maio, até a margem esquerda do Donetz setentrional, aquela G. U. quebrou o impeto de uma combativa e superior força inimiga, compreendendo 2 Divisões Couraçadas e 3 D.I. Esta inteligente manobra da Cavalaria Russa permitiu aos Exércitos Soviéticos estabelecerem-se em

(1) — Podemos dizer, pois, a Cavalaria cobrindo e combatendo em ligação com as outras armas. Fórmula clássica de sua ação.

(2) — O que se evidencia aqui? A mobilidade da Cavalaria permitindo uma intervenção rápida e oportunamente a subaneidade na ação, compensando a relativa potência de fogo. Apesar disso, o ataque foi lançado contra o ponto mais forte do dispositivo inimigo. E venceu-o, embora as proporções de forças fosse desigual...

novas posições e impedir que os Alemães transpuzessem aquele curso d'água, seu grande objetivo, (3).

As perdas inimigas nesses 10 dias elevaram-se cerca de 5.000 homens, entre soldados e oficiais.

AS OPERAÇÕES DO INVERNO DE 1942-43 :

A derrota das forças Alemãs teve inicio nas proximidades de MOSCOU, no inverno de 1941. Prosseguiu em 42-43 com o aniquilamento dos Exércitos Germanicos face a STALINGRADO e no CAUCASO. Nesta ocasião, a tática das unidades de Cavalaria, assim como de todo o Exército Vermelho se modifiou. Em várias frentes passou-se à ofensiva. Começou a reitada alemã. Ante à pressão russa, disputavam palmo a palmo todo o terreno que se viam obrigados a abandonar.

Quando o Exército Vermelho tomou a ofensiva, em fins de 42, as forças de cavalaria russa foram lançadas com o objetivo de conseguir uma *brecha* no eixo principal das operações, simultaneamente com os *raids atrás das linhas adversas* (4). Apoiadas pelos tanks, seguidas de perto pela infantaria motorizada e demais forças, ela cercava o adversário e aniquilava-o.

Em 6 de Janeiro de 43, o 6.^º Corpo de Cavalaria abriu uma brecha ao sul de ROSSOCK, na região de KANTEMIROVKA. Em consequencia, o nó ferroviário de URAZOVO cai em poder dos russos. Os Alemães viram-se impossibilitados de retirar reservas da retaguarda e tiveram cortadas as retiradas de várias forças no setor em que agiram os tanks. Em 4 dias esse Corpo de Cavalaria progrediu cerca de 180 km, tomou URAZOVO e VALUIKI, inflingiu pesadas perdas ao inimigo e capturou copioso material bélico. Mais tarde, num outro combate,

(3) — Defensão dinâmica. É bem o termo. Sómente desta forma teria podido o Corpo de Cavalaria Russo (que o articulista nada diz sobre a sua composição) suportar a arremetida de 2 Divisões Couraçadas e 3 de Infantaria. Vendendo caro o terreno que percorria, transformou o movimento desse exército germanico em vai-vens demorados e penosos, até seu aniquilamento final às margens do Donetz.

(4) — Surge afinal a aplicação adequada da Arma. Ela vai transformar a reitada numa debandada. É a perseguição, levada a efeito com toda a violência e audácia às fileiras inimigas que fogem. É o momento da cavalaria soltar seus "hurrahs"...

te com as reservas restantes do inimigo, o Alto Comando Vermelho pôs á disposição daquele C.C. uma D. I. para a tomada de VALUIKI e com o grosso de suas forças atirou-se no encalço dos Corpos Alpinos Italianos que lutavam nessa frente (5).

O SALIENTE PAPEL DA CAVALARIA :

Raras foram as frentes da luta Germano-Russo em que a Cavalaria tivesse deixado de intervir. Numerosos contingentes da Arma atacaram os flancos e retaguardas dos Alemães, ocasionando perdas e arrecadando material. Uma só palavra — COSSACOS, — bastava para trazer o pânico ás fileiras inimigas.

A experiência da guerra provou que, a despeito do armamento novo e variado, a Cavalaria Russa continua desenvolvendo uma proveitosa ofensiva e possui potencial defensivo formidável (6). ”

III — CONCLUSÃO

Desta vez não foram as características da Cavalaria o motivo de destaque. Suas missões clássicas ficaram sobejamente definidas. Seu emprego, quer na fase inicial, cobrindo a massa principal dos Exércitos Soviéticos, manobrando em retirada de modo preciso e judicioso, quer na outra, cooperando nas ações ofensivas das demais armas, tirando o maior partido de suas características, foi tão adequado que não nos surpreendeu o fato de terem sido citados vários Corpos de Cavalaria em ação.

(5) — A Cavalaria, mesmo o C.C., não tem, via de regra, possibilidades de uma ação prolongada. Sua intervenção caracteriza-se pela oportunidade, surpresa e brutalidade na ação. O Alto Comando Soviético bem compreendia isso. Deu-lhe os meios necessários para a operação em força, embora situação transitória, verdadeira abertura de passagem para o prosseguimento da missão principal — a perseguição.

(6) — Os benefícios do armamento moderno também atingiram a nossa Arma podemos dizer mesmo, eles ainda foram maiores que para as outras armas. Aumentaram muitos por cento suas possibilidades.

Estas G. U. constituem verdadeiramente uma das peças da manobra estratégica nas mãos do Alto Comando. Pelas suas características próprias representam hoje, mais do que outrora, um poderoso trunfo nas mãos do Chefe. As oportunidades de sua intervenção, calculadas com a necessária precisão, permitem colher, como vimos, os frutos mais sazonados. No presente artigo foi-nos possível focalizar isso.

Continuamos batendo na mesma tecla: a cavalaria não pode desaparecer do cenário dos Exércitos modernos. Seu papel é tão importante como o das outras Armas. E' na verdade bastante diferente. Por isso, muitas vezes, não se o comprehende perfeitamente. Entretanto, não perde seu valor.

Recordemos que já possuímos um Corpo de Cavalaria. Sua organização é à base de unidades hipomóveis. Mas, quem sabe ainda teremos organização mixta? Não importa. Tratemos de adestrar essa G. U. no treinamento adequado e eficiente de seus elementos constitutivos. Experimentemos em nossos campos de exercício ou de manobras aquilo que os outros Exércitos nos dizem como ensinamentos desta guerra.

Procuremos manter nossa arma nesse *elan* indispensável e sem o qual sua colaboração se torna impossível.

Recordemos o que já havíamos dito no artigo anterior: "Os Alemães choraram amargamente a dor de não terem conservado sua Cavalaria na altura das missões que lhe foram confiadas. Esta arma, muito mais que as outras, não se improvisa."

A Garotinha

Ferragens, Tintas e Louças

Completo sortimento de louças esmaltações, fantazias para presentes, artigos elétricos, cristais, brinquedos e grande sortimento em alumínio

A. Carneiro das Neves

Avenida Marechal Rangel, 54 - Madureira -- Tel. 29-8255

Instrução Noturna

RUI ALENCAR NOGUEIRA

Cap. de Inf.

Lendo o noticiário oriundo das diversas frentes de batalha e a farta coleção de artigos de autoria dos observadores e combatentes da guerra que se desenrola, principalmente, no continente europeu, podemos concluir a importância, cada vez maior, que vêm tendo os combates noturnos.

Realmente, o aperfeiçoamento a que chegou a aviação moderna não permite que, durante o dia, uma tropa obtenha grandes resultados no ataque, sem sofrer pesados danos materiais, além do fator moral indiscutível que a mesma aviação impõe, a menos que possa contar, para o seu lado, com o domínio do ar quasi absoluto.

Os deslocamentos e os combates noturnos vêm se generalizando e, quando tudo não é possível realizar acoberto pela escuridão da noite, aproveitam-se os hevoeiros ou preparam-se cortinas de fumaça, para facilidade de dissimulação da tropa no terreno.

Elementar é o princípio — “*vêr para atirar*”. Eis, porque é preciso “*cegar*” o inimigo para que se possa evitar o seu fogo ajustado e certeiro e “*cegar*”, sobretudo, os seus observatórios.

A Redação aconselha aos leitores o presente artigo exposto com muita clareza, focalizando um assunto de suma importância, que se acha um pouco reduzido a plano secundário. A série de exercícios apresentada é excelente e pode ser praticada com muita facilidade pelas unidades das diferentes armas.

Mas, se por um lado a escuridão protege os movimentos, por outro cria problemas que dificultam as ações, principalmente quanto ao que se relaciona com as ligações.

Daí, a necessidade de instruirmos a tropa em tempo oportuno. Não é, certamente, no combate que se poderá dar ao homem os ensinamentos de que carece para bem desempenhar as multiplas missões que poderá receber.

Ao contrário do que era clássico fazer, presentemente, uma tropa que não disponha de grande quantidade de tanques e que conte com um inimigo melhor armado, só poderá preferir a noite, para a iniciativa em terreno descoberto. (Ver a "Defesa Nacional" de 10 de setembro de 1944, pg. 23).

Nos ataques noturnos, não se poderá contar com outros elementos de apoio de fogo que não sejam os da própria Infantaria, porquanto, a Artilharia sómente poderá executar os tiros preparados e a Aviação limitar-se-á a bombardear objetivos longínquos.

Não é nosso intuito entrar em detalhes sobre essa modalidade de combate, porque excelentes trabalhos têm vindo à lume. Dentre estes, podemos realçar um, publicado ultimamente por esta revista e intitulado — "Combate à noite", traduzido da "Revue Militare Suisse" pelo Ten. Cel Vasconcelos.

Desejamos, apenas, fazer reviver uma instrução que, de certo modo, vem sendo muito desculpada ou ministrada imperfeita e irregularmente.

Efetivamente, a instrução noturna, com as suas diversas seriações para a preparação do combatente, exige instrutores hábeis, muita pertinácia e utilização de um material farto e adequado sem o que, será infimo o resultado a obtêr.

Ela vai desde a simples observação do "vigia" ou "sentinela" até a realização dos tiros e dos exercícios táticos.

Procurando revêr o nosso conhecidíssimo R.E.C.I., consultamos que o mesmo em seu capítulo IV, traz as diretrizes e as normas para os combates noturnos, embora não seja detalhado neste particular.

Natural é que assim aconteça, porquanto, sómente na fase atual, vêm tais combates tomando outra feição. Basta que nos

lembremos das sensacionais e audaciósas ações dos chamados “*comandos*” — nome moderno dos antigos “*golpes de mão*”.

A nova designação, contudo, tem caráter muito mais amplo, abrangendo maiores efeitos, empregando novos meios materiais e considerando outros objetivos reais.

E’ preceito regulamentar nosso: “A noite favorece a surpresa e permite executar acoberto das vistas, os movimentos necessários para transpor zonas batidas pelo fogo, romper o contacto ou *chegar à distância de assalto e atacar* (R. E.C.I. 2.^a parte. Art. I — Cap. IV).

Convém meditarmos bem sobre a expressão — “*chegar à distância do assalto*” porque, então, nos certificaremos de que não está arcáico e desvalorizado o nosso R.E.C.I., como muitos pretendem e divulgam mesmo.

Com isto, queremos também salientar, que a instrução noturna não é uma inovação mas sim, uma parte integrante de tudo quanto era ministrado durante o ano e já perfeitamente previsto.

Não devemos limitá-la às simples marchas porém, precisamos levá-la muito adiante, segundo exercícios continuados, até que a tropa saiba à noite, “*chegar à distância do assalto*”.

Para darmos o justo valor que a instrução noturna deve merecer, consideremos que as Companhias de Fuzileiros do Exército dos Estados Unidos da América, no ataque aos bosques e às localidades, prevê a execução à noite e, baseado nestes princípios, naquele grande país amigo, se vem cuidando com o maior carinho de uma instrução adequada e indispensável. (Cia. de Fuz. do Exército dos E. Unidos — Defesa Nacional de setembro de 1944).

Disto, fazem menção os nossos camaradas que ali fizeram “estágio” e os artigos publicados em diversas revistas militares.

A propósito, temos à mão um trabalho magistral intitulado “How to use your eyes at night” publicado no “Infantry Journal”, de agosto de 1942 e que julgamos importante traduzir e transcrever para os nossos leitores :

"COMO USAR A VISTA À NOITE"

A guerra moderna é, quasi sempre, a guerra noturna.

Isto quer dizer que os homens devem estar habituados a ver no escuro ou, no mínimo, devem poder usar a vista para travessia de um caminho desconhecido.

Este artigo foi escrito, naturalmente, para ensinar a melhor maneira de usar a visão à noite. Ele ajudará, pelo menos, o trabalho num avião ou num tanque, num navio ou num caminhão ou, até mesmo, a proteção individual.

Ele não proporcionará a ninguem obter olhos sagazes de um contrabandista ou de um gato, mas ensinará o meio prático de acertar no inimigo, se fôr necessário atirar antes dele, para abatê-lo.

Naturalmente é sabido que, quando se entra em uma sala completamente escura vindo de outra clara, torna-se difícil ver até que os olhos se tenham acostumado com a obscuridão. Num cinema, gastam-se dois minutos ou mais para se poder descobrir os lugares vazios para sentar. Outros dois ou três minutos passam-se até que se possa reconhecer um amigo. Durante este tempo, os olhos são mais sensíveis à luz fraca.

Ha dois processos para ver na escuridão. Um, é abrindo demasiadamente os olhos para que a luz entre mais ou usando ao máximo, a pouca claridade existente. E' como se fôsse o trabalho de uma camara fotográfica, cujo diafragma se abrisse ao maximo, para tirar retratos com pouca luz.

Este não é, certamente, o caminho mais prático.

Possuímos duas espécies de visão: durante o dia, utilizamos a "visão dos cones". Eles estão localizados, principalmente, na parte mais central dos olhos.

A noite, utilizamos um processo inteiramente diverso, o chamado "visão das células em bastonetes" e que se localizam na periferia dos olhos.

E' chamada, tambem, a "visão das cores cégas".

Eis, porque, à noite "todos os gatos são pardos". Se vemos uma luz vermelha, verde ou azul, é porque uma ou outra se torna tão brilhante que podemos ver como a visão diurna.

Porém, a visão noturna é mais sensível à luz de umas cores do que de outras. O vermelho, por exemplo, é sensível igualmente à visão diurna ou noturna. O azul, contudo é mil vezes mais sensível à visão noturna do que à diurna. Por esta razão, é extremamente perigoso usar luz azul em "blackout" porque ela é sensível tanto ao inimigo como a nós próprios.

A visão noturna não nos permite ter acuidade bastante para vêrmos os detalhes dos objetos, tal como de dia. Se necessitarmos lér o mostrador de um instrumento, olhar um mapa, vêr o sinal de um caminho, saber as horas, temos que utilizar a visão diurna. Para tal, é preciso arranjar a melhor luz possível. Especialmente se a estampa ou a forma do objéto é pequena, é a luz precisa ser mais forte.

A visão noturna é extremamente sensível à luz fraca. Esta sensibilidade explica o motivo pelo qual podemos vêr a chama de um candieiro comum a uma grande distância, se a noite estiver bem escura, salvo se a cerração, a poeira ou as dobras do terreno impedirem. A simples chama de um fósforo é vista como se fosse uma vela acêsa. Ordinariamente, numa noite em condições normais, um fósforo poderá ser visto de muitas milhas de distância, se o terreno for plano.

A visão noturna é usada tão logo se penetra no escuro. Gasta-se algum tempo — meia hora ou mais — até que seja possível acostumar completamente com a escuridão. Quando se deixa uma rua iluminada e se entra num teatro escuro ou se passa de uma sala muito clara para outra escura fica-se, primeiramente, como cégo.

Então, muita cousa acontece. Primeiramente, as pupilas dos olhos dilatam-se permitindo entrar mais luz. Esta é uma ação mecânica.

Em seguida, os "cones" da visão diurna adaptam-se à escuridão. São precisos uns cinco minutos até que possamos nos mover com facilidade e distinguir alguma cousa.

Depois de mais algum tempo, os "bastonetes" da visão noturna adaptam-se à escuridão e começamos a distinguir a forma e as linhas dos objétos que a principio não eram determinadas.

A maneira exata como se processa o fenômeno da tróca dos "cones" pelos "bastonetes" não está determinada mas, é sabido, que se trata de um processo químico.

O soldado que, recebendo uma ordem ou um sinal de alerta, sai de um lugar iluminado para penetrar noutro escuro, sem estar preparado ou devidamente instruído fica à mercê do inimigo por tanto tempo quanto a sua visão não se torne normal.

Se, em curto espaço de tempo, ele consegue fazer uso da visão, a emergência poderá ser resolvida.

E, mesmo quando a vista está acostumada ao escuro, brilhando qualquer luz, embora por curto espaço de tempo, pode estragar a visão por uma meia hora. Perder-se-á em poucos minutos, o que foi ganho em meia hora no escuro. Quanto mais brilhante fôr a luz e mais tempo se olhar para ela, maior será o prejuízo.

COMO CONSEGUIR PERFEITA VISÃO

A melhor maneira de se exercitar para o combate noturno é em completa escuridão. É preciso proteger a vista da luz, antes de partir e enquanto se está fóra do local. Quando não se puder permanecer no escuro, deve-se conservar as luzes em torno, tão fracas quanto possível e não olhar diretamente para nenhuma delas. Se fôr necessário olhar algum objeto iluminado, é preciso fazer o mais rapidamente possível.

Experiências têm demonstrado que, olhando o mostrador de um instrumento iluminado sómente por um fóco, há uma diminuição de visibilidade de um avião amigo ou inimigo, de 50 %. Portanto, não se deve olhar o mostrador, senão, o tempo mínimo e indispensável, senão o prejuízo será muito maior.

Os atiradores e observadores experimentados sabem que nunca devem observar o clarão das armas que estão atirando. O clarão de um canhão de 6 polegadas pode ofuscar por mais de um minuto. Sob fogo contínuo, tanto ao alvorecer como ao crepúsculo, é impossível fazer boa pontaria com o canhão de tiro rápido, num alvo, mais do que sete vezes por minuto, se o artilheiro olhar para o clarão. À noite, esse efeito ofuscante é ainda muito maior.

O processo que o atirador tem para se proteger é olhar para longe do clarão. Felizmente o clarão dos fuzis e das metralhadoras de pequeno calibre tem menos efeito sobre a vista.

USO DE UMA VENDA

Ha muitas maneiras pelas quais se pôde adaptar ou conservar a adaptação ao escuro ainda que seja necessário trabalhar com luz clara e brilhante. Cada uma delas é adaptada a uma especialidade de trabalho.

Pilotos de navios e oficiais pontoneiros conhecem um truque simples, porém habilidoso. Quando têm que atravessar caminhos cheios de ilhas escuras e com faróis apagados, ou quando fazem viagens sob "black-out" forçosamente têm que sair de um local claro para uma ponte iluminada ou de um convéz escuro para uma sala de comando onde existam cartas marítimas.

Quando vão para a claridade eles cobrem um olho.

Desta forma, quando olham para o escuro, descobrem esse olho e utilizam-no para vêr.

Para cobrir o olho, pode ser usado o esparadrapo preto comum, vendido em qual quer farmacia.

Este mesmo truque poderá ser utilizado pelas guardas à noite. Homens experimentados, que fazem serviços noturnos, sabem que é preciso se afastar da luz, cerca de meia hora antes de começar o trabalho. Usando a "venda" sobre um olho é possível conservá-lo sempre preparado. O outro, então, fica sendo usado para o serviço ou para vestir-se nos logares claros.

Este processo de ter um olho sempre pronto para uso na escuridão é perigoso, contudo. Dois olhos vêm muito mais do que um só para avaliar a distância dos objectos. Além de 500 pés, um olho é tão bom quanto os dois. Eis a razão pela qual os oficiais de Marinha e os vigias podem usar a "venda" sem riscos.

Os pilotos dos aviões e os motoristas consideram perigosa a colocação da "venda". Os bombardeadores, por outro lado, são capazes de vêr melhor, no momento crítico, se protegerem uma das vistas contra a luz, até que seja preciso enxergar no

escuro. É fácil pois, perguntar aos mais entendidos quando é conveniente colocar a "venda" durante um exercício. É preciso ser cuidadoso ao correr de um lado para outro, subir escadas ou fazer qualquer serviço que exija rápida avaliação de distância, num espaço pequeno e escuro.

SUBSTITUTOS PARA ESCURIDÃO

O melhor meio de conseguir adaptar-se à escuridão é trabalhar com luz vermelho-escuro. O vermelho afeta menos do que qualquer outra cor as "cedulas em bastonetes" da visão noturna. Então, se a luz vermelha é adotada, é possível ler ou trabalhar confortavelmente e ficar pronto para, em qualquer momento, agir no escuro. Caso não se consiga lampada vermelha, um papel celofane desta cor, cobrindo a luz ou mostrador do instrumento, ajudará. O celofane não é tão bom quanto a própria lampada porque deixa passar alguma luz branca ou amarelada. Entretanto, num momento de aperto, prestará bons serviços.

Óculos duplos, bem adaptados e fechados, tendo lentes vermelhas, são excelentes para a proteção dos olhos na adaptação ao escuro. Se é possível usá-los meia hora antes de iniciar o trabalho, obtém-se bons resultados. Contudo, mesmo com a luz vermelha, será bom não usar mais luz do que o estritamente necessário. Excesso de luz estraga a adaptação desejada, embora sendo de cor vermelha.

O uso da luz ou dos óculos vermelhos, no entanto, impossibilita ver as linhas vermelhas nas cartas. As linhas desta coloração, aparecem brancas e, portanto, não se tornam visíveis num mapa branco. Da mesma maneira, não percebe-se a luz vermelha dos sinalizadores, as quais ficam parecendo brancas. Neste caso, é preciso ser cuidadoso, afim de não confundir uma cor com a outra, nos casos acima citados.

COMO APRENDER A TRABALHAR COM A VISÃO NOTURNA

Aprender o melhor meio de utilizar a visão à noite é a mesma coisa que aprender a utilizar um instrumento de pre-

cião. Há alguns truques dos quais depende certa habilidade para vêr à noite. Se é possível exceder em astúcia muitos amigos, com mais forte razão, mediante certos truques, é possível vencer grandes obstáculos num combate noturno. Vejamos uma experiência simples de fazer.

Nenhum preparo é preciso, mas qualquer um é capaz de escurecer o quarto gradualmente até que fique quasi em completa escuridão. Uma das maneiras, é deixar uma pequena luz da sala vizinha permanecer acesa, ficar no quarto com a luz apagada e ir gradativamente fechndo a porta.

Mas, antes disso, deve-se tomar uma folha de papel impresso. Corta-se o mesmo em dois pedaços, bem ao meio, de travéz. Depois, corta-se uma das metades em duas outras, repetindo-se isto com cada uma das partes até que a menor delas seja apenas do tamanho de $\frac{1}{4}$ de polegada.

Em seguida, tente-se colocar os pedaços na ordem dos tamanhos, numa mesa preta ou numa outra superficie escura. Deixe-se os olhos acostumarem com o escuro.

Isto posto, procure-se olhar para o menor dos pedaços de papel, enquanto se escurece o quarto, até que o pedaço desapareça da vista.

Depois, corra-se a vista pela fila de pedaços de papel. Vêr-se-á que os pedaços de papel parecem ficar mais visiveis com o aumento de tamanho. O maior de todos eles parece ter até um brilho especial.

Continue-se olhando para ele. Enquanto se olha firme ele parece desaparecer. E, observando-se a fila com o "rabo do olho" haverá a surpresa de se notar que o menor de todos que havia desaparecido enquanto se olhava para ele, aparecerá agora como as estrélas que surgem no firmamento muito cedo: se olharmos para elas, desaparecerão da vista.

Esta é uma experiência dramática que até parece misteriosa, mas isso é porque o centro do olho é "cégo" quando se está usando a visão noturna. Ninguem será capaz de observar um avião que sobrevôe a cabeça, se os olhos estiverem dirigidos exatamente para ele. Pode-se observá-lo pelo canto do olho, mas desaparecerá se dirigirmos a vista diretamente para ele.

O mesmo acontece se procurarmos vêr um navio distante, um tanque ou um carro não iluminado ou, ainda, um homem, numa noite escura.

Convém lembrar que se deve olhar sempre um pouco pelo lado para vêr melhor numa noite escura. É preciso gravar bem na memoria que é indispensável prestar atenção às coisas que estão, justamente, um pouco de lado. Nunca é certo olhar diretamente um objeto. *

Como toda gente sabe, os olhos são levados irresistivelmente para o que se necessita vêr; é conveniente então, afastá-los para outro lado e olhar de novo com o "rabo do olho". Portanto, é forçoso adquirir muita prática para aprender a fazer isto, sem falhas, e é grande a dificuldade para se chegar a esta habilidade.

Tambem não se deve olhar diretamente para o mesmo lado do objeto. Isto concorre para que ele desapareça.

COMO EXPERIMENTAR

E' interessante tentar a experiência para se certificar de como, à noite os olhos podem oferecer truques de verdadeiras mágicas.

Quando escurecer o quarto é facil procurar levantar um dedo e olhar para ele diretamente. Ele desaparecerá. Olhando-se então, um pouco para o lado, ele reaparecerá. Mas, continuando-se olhar para esse lado, logo ele tornará a desaparecer. Movendo-se os olhos para um lado e para outro, logo a visibilidade retornará.

Isto significa que, procurando no mar ou no céu um objeto escuro, deve-se primeiro fixar a vista para uma determinada área e, depois, para outra. Quando se pensa ter observado algo, é preciso primeiramente, olhar para o lado do objeto e, depois, para o outro ou para cima e para baixo.

Mas, não se pense em percorrer com os olhos o céu ou o horizonte pois nada se verá bem, enquanto os mesmos estiverem em movimento. É necessário olhar bem para o céu, sem, contudo, percorrer a vista. A visão noturna é fraca. Assim, à noite, um objeto não muito volumoso pôde não ser reconhecido

até que se esteja olhando perto dele, após certo numero de vezes.

Quem já caçou codorna de madrugada ou veados ao crepúsculo, sabe que se pôde olhar diretamente para um objeto camouflado durante algum tempo, antes de percebê-lo. No escuro é mais difícil notar um objeto, porque ele não será visto enquanto fixar-se o olhar. Neste caso, torna-se forçoso, olhar diversas vezes para pontos situados nas proximidades.

PEQUENAS COUSAS SÃO DIFICEIS DE SE VER À NOITE

Os objétos pequenos são mais dificeis de serem vistos à noite do que de dia. Em média, os aviões tornam-se pequenos para serem vistos além de 1.000 pés, numa noite clara e estrelada. O avião parece ainda menor, quando visto por traz, pela frente ou pelo lado. Nesta hipótese, não se pôde vê-lo acima de 400 ou 500 pés, nesses angulos. Segundo o avião é facil tentar olhá-lo acima e abaixo até que chegue bem proximo. O mesmo poderá ser feito si se estiver na perseguição a um barco. Quando longe, olhando-se para um dos lados vêr-se-á, facilmente, o costado.

Os óculos para a noite servem para aumentar as dimensões do objeto e prestam serviços apreciáveis. Os binóculos ordinários também proporcionam isto, mas absorvem certa quantidade de luz que afeta os olhos. Os óculos para a noite, ao contrário, aumentam sem sacrificio de luz. Eles não apresentam uma visão clara e penetrante, como os binóculos, mas em compensação, à noite, em hipótese alguma, consegue-se uma perfeita visibilidade. Pelo aumento, os óculos possibilitam vêr objétos ou parte deles que, de outra forma, apresentar-se-iam pequenos para serem vistos.

A escuridão não só torna difícil vêr as cousas, mas, também, a aparência dos objétos. Uma árvore, à noite, parece menor do que de dia, porque os rebentos das extremidades dos ramos não pôdem ser vistos. Pela mesma razão, um avião alcançado pela luz de um projetor anti-aéreo parece maior do que quando era visto como uma massa escura se deslocando no

lusco-fusco. A escuridão elimina detalhes dos quais se está acostumado a depender para a identificação, talvez sem justificativa. Sabe-se quanto é difícil reconhecer um amigo pela silhueta tirada com um papel preto. Do mesmo modo é difícil identificar um avião ou um navio apenas por uma massa sólida e negra, destacável à noite.

VENDO O INVISIVEL

O reconhecimento durante o dia é uma forma usual de tirar conclusões de simples sinais apreendidos. Reconhece-se um amigo muito antes da sua chegada às proximidades para notar a cor dos olhos ou o tamanho da bôca.

A noite, deve-se ser capaz de agir pelos menores sinais. Para isto, é preciso estudar as siluetas dos navios ou aviões que se necessitará reconhecer, tendo em mente aquele ensinamento. Quais são as marcas mais fáceis de se distinguirem, à noite? Como se pôde distinguir um periscópio de uma bóia?

Muitas vezes, pode-se descobrir um avião voando mais pelo movimento do que pela sua forma própria. Portanto, mais pelo que se procura ver do que pelo que se vê, em realidade. Se as estrelas, subitamente desaparecem da vista, fica-se sabendo que alguma cousa havia naquela direção.

O CONTRASTE AJUDA A VISÃO NOTURNA

Outra cousa que afeta a visão noturna é o contraste entre o objecto e as circumvizinhanças. Se a cousa observada é muito diferente dos arvorédos será mais fácil ver. Um avião pôde ser visto claramente olhando-se para cima, à noite, mais tornar-se-á invisível olhando-se para baixo, numa região escura. Um navio, por exemplo, pôde ser distinguido facilmente, tendo como fundo um céu estrelado mas desaparecerá vendo-se sob um fundo formado pelo mar escurecido.

Se a luz da lua se reflete sobre um lado do avião, tendo por fundo nuvens claras, o aparêlho fica quasi invisível.

Para notar pequenas diferenças de contraste é essencial ter uma visão clara. E' por isto que os para-brisas devem ser

conservados limpos e livres de arranhaduras e musgos. Isto, tende a espalhar luz em todas as direções e reduz o contraste. Combatentes noturnos descuidados deixam, às vezes, poeira e sujo nos vidros, o que concorre para que só percebam um avião inimigo quando já está bem perto. Também os marinheiros, nos navios, deixam acumular-se o sal sobre os vidros das vigias. Isto é o mesmo que procurar a morte.

Da mesma forma, é importante não deixar nenhuma luz ao lado do para-brisa. Qualquer luz ao lado, diminui o contraste porque a luz se espalha por todo o vidro e vai se refletir sobre os olhos. Eis porque sempre todo mundo se aproxima o mais possível de uma vidraça fechada, quando deseja olhar para a escuridão de fóra. E que, chegando bem próximo, a sombra que se projeta aumenta o contraste e facilita a visibilidade dos objetos através dela. Se for necessário se ter alguma luz ao lado, é preciso conservá-la bem fraca e, tanto quanto possível, afastada da vidraça. Isto também ajuda a adaptação ao escuro.

VITAMINAS

Muito se tem falado sobre o efeito das vitaminas A e C para melhorar a visão noturna. Elas são encontradas nos vegetais frescos, no queijo e nas frutas. As pessoas que não ingerem uma quantidade regular dessas vitaminas não possuem boa visão noturna, porém no Exército e na Marinha as refeições alimentícias distribuídas à tropa, contêm boa quantidade dessas vitaminas. Só ocasionalmente, quando os navios fazem longas viagens ou quando os combates navais duram muito até que todos os alimentos frescos se acabem, a dose de vitaminas pode faltar.

Nestes casos, os Oficiais Medicos de bordo, dão aos que delas carecem para combater à noite, as capsulas vitaminosas.

Tais doses de vitaminas não produzem resultados para melhorar a visão noturna se a alimentação e a visão noturna já estão normais.

A visão noturna é afetada pela fadiga. Qualquer causa que reduza ou altere o bem estar físico tem o maior efeito sobre a visão noturna, o que não acontece com a diurna.

Inúmeras experiências têm demonstrado que indisposições, doenças leves ou fadiga excessiva podem dobrar e até triplicar a quantidade de luz de que se necessitará para ver um objeto à noite.

O combatente noturno, cujos olhos não conseguiram a eficiência maxima, certamente, fracassará.

REtenham-se, de memória, estes princípios:

- 1) Proteger os olhos da luz antes de partir para qualquer missão noturna e enquanto estiver fora dela.
- 2) Não olhar diretamente para nenhum objéto iluminado ou para nenhuma luz. Quem o fizer deve ser rapidamente.
- 3) Usar o canto do olho. Alvos noturnos são vistos mais facilmente, quando se não os olha diretamente.
- 4) Mover sempre os olhos. Movimentos rápidos e pausas ligeiras são melhores do que movimentos lentos e pausas longas.
- 5) Conservar o parabrisa ou a vidraça sempre limpos, sem arranhões ou vapor d'água.
- 6) Conservar-se sempre alerta e acordado. Nunca interromper o treinamento. Usar o bom senso com relação à comida, à bebida e ao fumo.
- 7) Praticar tudo o que souber sobre a visão noturna até que tudo se transforme numa segunda natureza. Usar todos os ardís possíveis para reconhecer os navios, aviões e outros aparelhos de guerra importantes, apenas por meio de pequenos sinais."

Nota: — O artigo acima foi escrito baseado nos dados fornecidos pelo NATIONAL RESEARCH COUNCIL (Conselho Nacional de Investigações dos Estados Unidos da América do Norte).

MARCHA GERAL DA INSTRUÇÃO

Vimos, em traços gerais, como encaram os nossos aliados americanos, meticulosos e perfeitos nos seus métodos de aprendizagem, a instrução noturna.

Não devemos pois, deixar de lado tão importante assunto e, antes, precisamos urgentemente intensificá-lo.

Por esta razão, lembrámo-nos de trazer à luz alguma causa já existente, dando margem a que outros companheiros, principalmente aqueles que tiveram oportunidade de estagiar no Exército dos Estados Unidos, que possuirem nos seus arquivos particulares algo a respeito, nos tragam à publicação, com grandes vantagens para todos os que labutam na caserna.

Conforme fizemos referências, a instrução noturna exige uma preparação meticulosa dos Quadros para que se possa obter um melhor resultado.

Inicialmente, o terreno escolhido deve ser bem conhecido de todos e, mesmo assim, nos primeiros exercícios, há necessidade de se fazer um balisamento.

Compreendemos, preliminarmente, que devemos seguir o método progressivo, partindo do caso mais simples para o de maior complexidade.

Os primeiros exercícios têm que ser começados com o dia, sem o que tenderá mais ao fracasso do que aos resultados desejados.

Além do mais, todos eles exigem uma figuração bem preparada, em condições de agir com o maior desembaraço, nos mínimos detalhes.

Si se trata da realização dos tiros à noite então, grandes têm que ser as precauções a tomar quanto à segurança, máxime quando é um terreno palmilhado por habitantes da circunvizinhança.

Em síntese, o que se deve ter em mira é o adextramento do homem para a marcha em silêncio e com os cuidados devidos ou, então, progredir por terrenos desconhecidos, mantendo as ligações ou empregando, nas melhores condições, o armamento.

Como programa de instrução, conhecemos um trabalho, publicado em 1930 no "Militar Wochimblatt" e traduzido por um dos nossos camaradas, o qual além de interessante é engenhoso e muito bem organizado, atendendo ao fim a que se destina.

Apresentamo-lo, com ligeiras modificações e adaptações que introdusímos, quando de sua aplicação e que em nada vêm alterar os princípios fundamentais.

EXERCICIOS NOTURNOS :

Primeiro exercício

Tropa desarmada.

Duração: 2 horas.

Início: ao cair da noite.

Local: terreno bastante conhecido no campo de instrução.

b) adextramento da vista.

Execução: Para o nosso caso, o estudo da orientação noturna deve visar, sobretudo, a procura do Cruzeiro do Sul e a sua utilização para determinação dos pontos cardinais.

Quanto ao adextramento da vista, para familiarizarmos os recrutas com a observação durante a noite, podemos colocar a turma de instruendos num determinado ponto para assistir à demonstração feita pela figuração.

O instrutor aproveitará o desencadeamento dos diversos incidentes para tirar todos ensinamentos e explicar o que deve ser feito.

Incidentes a realizar:

1 — Um G. C. faz deslocamentos em diversos sentidos, num terreno descoberto.

2 — Um G. C. permanece imóvel, próximo ao local onde se encontram os instruendos.

3 — Um G. C. atravessa uma crista.

4 — Um G. C. marcha pelo meio de uma estrada.

Segundo exercício

Tropa desarmada.

Duração: 2 a 3 horas.

Início: antes do anoitecer.

Local: campo de instrução. Se possível, próximo a uma estrada ou via ferrea.

Objetivo: a) adextramento da vista;

b) desenvolvimento da acuidade auditiva.

Execução: Na parte do adextramento da vista, devemos continuar a instrução anterior, demonstrando agora, como as luzes, embora fracas, podem ser vistas a grandes distâncias.

No que diz respeito à acuidade auditiva, procuraremos fazer com que os homens percebam facilmente os ruídos estranhos e os possam distinguir exatamente.

A turma de instruendos deve tomar a mesma disposição que está prescrita para o primeiro exercício.

Incidente a realizar:

1 — Dois homens acendem cigarros a grande distância.

2 — Os mesmos homens marcham fumando displicemente, e param a distâncias diferentes.

3 — Dar tiros de fuzil, também a distâncias diferentes.

4 — Rajadas de armas automáticas partem de pontos diferentes.

5 — São acêssas luzes vermelhas e azuis.

6 — Um graduado se desloca transmitindo comandos em altas vozes.

7 — Um G. C. marcha pela estrada com equipamentos mal ajustados.

8 — Um G. C. bem equipado se desloca próximo aos instruendos.

9 — Aproveitar o ruído produzido pela passagem, na estrada, de uma carroça, caminhão ou outro veículo ou, ainda, de um trem, se fôr o caso.

Terceiro exercício

Tropa desarmada.

Duração: 2 a 3 horas.

Início: noite.

Local: Campo de instrução. Local bastante escuro.

Objetivo: Adextramento da vista. Observação de um terreno iluminado por meio de artifícios pirotécnicos.

Execução: O exercício deve ser iniciado com uma revisão do assunto tratado na sessão anterior. Em seguida, mostrar-se-ão os diferentes efeitos produzidos pelos artifícios pirotécnicos de cores variadas.

Incidentes a criar:

- 1 — Alguns dos previstos no exercício anterior.
- 2 — Lançamento de foguete iluminado de cor branca.
Homens progridem no campo iluminado.
- 3 — Foguete iluminativo de cor vermelha e de cor azul.
Homens progridem.
- 4 — Emprêgo de outros artifícios que produzam luz.

Quarto exercício

Tropa armada de Fuzil.

Duração: 2 a 3 horas.

Partida: ao anoitecer.

Local: campo de instrução.

Objetivo: estudo da marcha de aproximação.

Execução: A marcha de ida para o local deve ser feita pela estrada e ainda em tempo de ocupar a tropa a base de partida do exercício, com o dia.

Não deve ser esquecida a verificação do ajustamento perfeito do equipamento.

Nas primeiras vezes, é de toda conveniência que o exercício seja iniciado com frações de tropa pequenas, da ordem de G. C. ou Pel., para que os instruendos observem melhor as dificuldades encontradas.

Talvez seja de suma importância, as ligeiras paradas no terreno, para que o instrutor possa aproveitar, na ocasião, os ensinamentos, para chamar a atenção de todos.

Os incidentes a criar são os comuns para os exercícios desta natureza.

Quinto exercício

Tropa: equipada e armada.

Duração: variável.

Início: ao cair da noite.

Itinerário: a escolher.

Objetivo: execução de uma marcha noturna, segundo os preceitos regulamentares.

Observação: É aconselhável que sejam escolhidas, gradativamente, estradas boas e más.

A proporção que o treinamento vai sendo feito, vão-se criando incidentes relacionados com os ataques aéreos, com as instruções de elementos blindados ou motorizados e com a iluminação das estradas por meio de artifícios pirotécnicos.

Sexto exercício

Tropa armada de Fuzil

Duração: 3 horas.

Partida: Durante o dia.

Llocal: Campo de instrução.

Objetivo: Ensinar ao recruta encontrar um caminho à noite, tendo sido feito o prévio reconhecimento durante o dia.

Execução: Este exercício deve ser feito em terreno bastante conhecido, sendo realizado depois de um detalhado reconhecimento durante o dia.

Após o reconhecimento, deixam-se os homens em um determinado ponto e à noite, em hora pré-fixada, os diversos grupos são enviados para direções diferentes, marchando até mais de um quilometro. Atingindo cada um o ponto de destino, deve ser procedido o regresso ao local de origem, pelo caminho já reconhecido.

Cada grupo deverá ser acompanhado por um graduado ou instrutor, cuja missão não é conduzir, mas sim, observar e anotar os erros, para a crítica final.

Não ha incidentes a criar.

Sétimo exercício

Tropa armada de Fuzil e com máscara contra gazes.

Duração: 2 horas.

Início: ao cair da noite.

Local: Campo de instrução.

Objetivo: Ensinar a utilização da máscara contra gazes à noite e o exercício de pontaria sobre pontos do terreno iluminados artificialmente.

Execução: Podemos dividir este exercício em duas partes, a saber: na primeira, faremos uma revisão sumária das instruções sobre acuidade auditiva e visual, agora, com a utilização

da máscara contra gазes. Na segunda parte, devemos fazer o treinamento de pontaria, apoiando a arma para tal fim.

Convém colocar alvos silhuetas de homens de pé e de joelhos a pontaria executada enquanto permanecer o efeito do artifício pirotécnico.

Oitavo exercicio

Tropa armada de Fuzil.

Duração: 4 horas.

Partida: Antes de cair da noite.

Local: Campo de instrução.

Objetivo: Treinamento das patrulhas.

Execução: O exercicio deve ser precedido de uma pequena marcha. Em seguida, fazem-se mudanças de formação do G. C. de modo a habituar os homens a manter uma ligação constante. Finalmente, dão-se as missões a cada uma das patrulhas e adextra-se o pessoal no reconhecimento rápido de uma posição inimiga, na maneira de colher informações e no transporte de mensagens para a retaguarda.

Os incidentes criados são os comumente usados para a marcha de aproximação.

Nono exercicio

Tropa armada de Fuzil e com máscaras contra gазes.

Duração: 3 horas.

Partida: antes do cair da noite.

Local: Campo de instrução.

Objetivo: Repetir o exercicio anterior, fazendo uso da máscara contra gазes.

Décimo exercicio

Tropa armada e equipada .

Duração: variável.

Partida: ao cair da noite.

Itinerário: a escolher.

Objetivo: executar uma marcha de 16 quilometros.

Execução: Deve a marcha ser feita em completa escuridão, ora bôas estradas, ora em caminhos mal conservados. Apro-

veitar-se-ão incidentes dos exercícios anteriores, de modo que os recrutas aprendam a ocupar, com rapidez, uma posição de tiro ou a abandonar a estrada.

Servirá, também, para aquilatar o grau de instrução do pessoal.

Décimo primeiro exercício

Tropa armada de Fuzil.

Duração: 3 horas.

Partida: antes do cair da noite.

Local: Campo de instrução. Reconhecimento prévio feito pelos Quadros.

Objetivo: Instalação de Postos Avançados de Combate.

Execução: O terreno escolhido deve permitir que os instruidos tenham que atravessar fossos, pedreiras, banhados, rios, etc., pelos processos mais comuns.

E' importante a figuração de incidentes sobre encontros com patrulhas inimigas e todos os demais já conhecidos para uma instrução desta natureza.

Décimo segundo exercício

Tropa armada e equipada.

Duração: 6 horas.

Partida: durante a noite.

Objetivo: Reconhecimento de uma posição inimiga e ataque ao alvorecer.

Execução: Procurar um terreno que tenha um obstáculo natural, preferentemente, um curso d'água.

As patrulhas farão o reconhecimento durante a noite, para a travessia ao amanhecer.

Talvez seja esta a parte mais interessante da instrução. Cada homem, de per si, deve sentir as dificuldades que o caso apresenta, de modo a poder agir, com eficiência, no âmbito da sua fração.

Torna-se indispensável a constituição da figuração inimiga, de conformidade com o que já foi estabelecido.

Décimo terceiro exercicio

Tropa armada e equipada.

Duração: 2 a 3 horas.

Início: à noite.

Local: Campo de instrução.

Objetivo: Treinamento da entrada em posição de tiro.

Execução: O exercício comportará duas partes. A primeira, consistirá no reconhecimento durante o dia, de uma posição de tiro e a segunda na execução, propriamente, da entrada em posição, à noite.

Apresenta uma grande importância e não dá margem a que façamos qualquer comentário porquanto, nada há que estabeleça diferença dos demais casos.

Décimo quarto exercicio

Tropa: com todo o material de tiro.

Duração: variável.

Início: à noite.

Local: a escolher. Inicialmente, a linha de tiro da Unidade é a que mais convém.

Objetivo: execução do tiro real à noite.

Execução: Tal como o precedente, este exercício exige uma preparação durante o dia, qual seja, a parte referente aos reconhecimentos, à observação, à escolha dos objetivos e a amarração do tiro.

Nos primeiros exercícios desta natureza, devem ser tomadas as medidas mais rigorosas possíveis quanto à segurança, assim de evitar qualquer acidente que, além de prejudicar o trabalho, traz tão graves consequências ao instrutor.

Considerações finais

Vimos pois, como se poderá organizar, de maneira sucinta, um interessante programa para instrução noturna.

E' fácil compreender que, estando tudo sintetizado, compreirá a quem fizer aplicações, ampliar o trabalho, intensificando e repetindo alguns exercícios uma vez que, o nosso fim único é o melhor aproveitamento por parte dos instruendos.

Com a apresentação do programa acima, pretendemos demonstrar, sobretudo, que o assunto não é novo.

Entretanto, chegámos a uma fase em que do mesmo não se tratava nem os clássicos programas para os diversos períodos de instrução do ano.

Vários foram os razões determinantes e, dentre estas, achamos ter sido a pobreza de material apropriado, principalmente a diminuta dotação de munição.

Contudo, uma vez que a instrução noturna volta ao seu primitivo lugar de relêvo, dadas as condições em que se processam os combates na atual guerra, justo será que demos a ela o mesmo ritmo, desenvolvendo nos nossos instruendos a capacidade de combater à noite.

Como magistralmente nos esclarece o Cel. J. B. Magalhães no seu excelente trabalho intitulado: "Doutrina de Guerra e processos de ação" (Defesa Nacional — outubro de 1944), os princípios estabelecidos pela doutrina de guerra francesa não se tornaram arcáicos mas, apenas, os processos novos de combate deram outra forma a tais princípios.

Não pensando em criar novidades, quando ainda pouco se sabe das transformações operadas na arte da guerra, no momento atual, devemos manter e conservar os nossos velhos princípios doutrinários, buscando melhores conhecimentos, sempre que isto seja possível, e estudando novos métodos de instrução e de trabalho, para um melhor desempenho da nossa tarefa de instrutores e de condutores de homens, que somos.

Sem abandonarmos de todo o passado — que nos proporcionou um longa experiência e sem vedarmos a introdução do que é novo e progressista, devemos levar avante a nossa instrução para que o Exército nos campos de batalha ou nos limites do território nacional, seja o mesmo aguerrido e valoroso, lá demonstrando, como de fato está, a sua capacidade e espírito combativos e aqui, sempre em condições de assegurar a ordem e integridade territoriais, pelo preparo dos seus Quadros e dos seus soldados, pelo patriotismo sadio e pelo devotamento de todos os seus componentes, nos diversos setores da atividade militar, para grandeza e felicidade da nossa Pátria.

SUGESTÕES PARA O TRABALHO DIRIGIDO

Major Emmanuel Moraes

I — TENDÊNCIAS ATUAIS DA ECONOMIA BRASILEIRA

O Brasil iniciou a maior batalha pela sua existência nos tempos hodiernos, participando da guerra atual que se alastrou por todo mundo. Em plena agitação mundial, tem se comportado como um organismo robusto que reage as epidemias destruidoras. Não nos será difícil provar esse resultado pela sábia e bem equilibrada política continental.

O atual Governo da República realizou uma obra social que as mais velhas nações deste planeta ficaram a dever-lhe muito.

O Estado Nacional é a corporificação da Vontade de um povo que começou a compreender que só as nações fortes, bem organizadas, têm o direito à Soberania.

Os dirigentes da República, hoje são discípulos dos nossos grandes mestres que têm em Alberto Torres o mais estudioso dos nossos problemas políticos, econômicos e sociais.

“A arte de governar tem de abandonar forçosamente o critério político em suas classificações, para adotar o critério social e econômico, e nessa esfera, o pêndulo que ha de medir as oscilações do pensamento, será o do movel e o do objetivo da atividade. A noção da lei jurídica como o concebem os governantes de hoje, deve suceder a da lei vital da sociedade.”

E se meditarmos sobre esse pensamento do nosso grande sociólogo, concluiremos da atual concepção do nosso Chefe do Governo que evitou a onda revolucionária dos extremismos.

O Estado Nacional rezolve todos os nossos problemas que pareciam insolúveis. E hoje, reconhecemos as tendências mais

atuais do Brasil: "— a diferenciação da produção com a criação de novas e diversificadas utilidades; o fracionamento dos latifúndios, o que se evidencia à luz das estatísticas como o fenômeno da atualidade econômica; os novos aspectos das condições de vida dos principais produtos agrícolas; a industrialização intensiva cujos índices evolutivos são tão significativos que demarcam nova etapa à vida do país; a criação de uma nova estrutura econômica dirigida por intermédio da intervenção coordenadora do Estado, visando o aparelhamento da produção e a distribuição das riquezas, finalmente, o notável incremento das mais modernas e imprevistas tendências do nosso comércio".

Tendências atuais que devemos explorar por meio de uma ação social enquadrada em um organismo disciplinar e construtor capaz de acelerar o progresso da nossa economia ainda incipiente.

II — COMO DEVEMOS ENCARAR O TRABALHO

Dentro do concerto universal, as grandes nações, as que pautam sua vida por um elevado padrão, exportadoras da civilização, recorrem á diferentes mananciais, de modo a haurir novas medidas que fortaleçam seus organismos combatidos.

O trabalho, êsse elemento fundamental da produção, sempre foi evocado como um dos mais fortes colaboradores, principalmente para produzir o capital.

E a forma dêsse trabalho muito preocupou os países que se viram em luta com a sua desorganização econômica, oriunda talvez do individualismo, ou do desprezo á terra, como o exemplo concreto daqueles onde vive uma população ignorante analfabeta carregada de preconceitos.

Alberto Torres, no seu projeto de revisão constitucional, na seção II do título V, na declaração dos direitos, no parágrafo II do artigo 86 declara:

"Todo cidadão tem o dever de trabalhar, não podendo praticar atos de vida política ou civil o que não exerceer uma

profissão. Não se considera exercício de profissão a simples administração de bens de qualquer natureza, como capitalista, como caça, a pesca ou colheita de produtos naturais para sustento.”

Ter o dever de trabalhar não é mais do que possuir a obrigação moral. Vemos nesse parágrafo a obrigatoriedade que deve ser dirigida, como o é o serviço militar.

O sociólogo indígena, conhecedor da nossa psicologia social, da nossa história e da nossa economia, viu um dos grandes remédios para o nosso grande mal. Em vez de obrigatório, denominaremos o trabalho dirigido, de melhor aceitação para o ouvido da nossa gente. A adoção dessa medida de salvação pública, comportaria motivação toda especial, como a de Bilac, para o serviço obrigatório militar. Serão interessados, de inicio, os maiores expoentes da atualidade brasileira para essa obra nacional. E mais uma vez o sociólogo acertou: “o cumprimento do dever, os serviços reais, a segura e refletida execução de um programa, são elementos contrários ao apoio e a estima pública. Mas o julgamento da posteridade será consagrador.

O serviço militar, talvez uma das grandes realizações da República, evoluiu em nossa Pátria que hoje tem em suas casernas, a escola mais eficiente para os adultos. Não pode ser posto em dúvida o espírito das nossas armas; o culto das excelentes virtudes pela grandeza das instituições do nosso Brasil.

Se o serviço militar tornou-se obrigatório, o ensino, condição precípua para democracia, o trabalho dirigido apresenta-se como um imperativo categórico. E o Exército desde que facilitassemos meios, seria o naturalmente indicado para realizar mais essa vontade nacional.

III — APELAR PARA A LEI DO SERVIÇO MILITAR

A Lei do Serviço Militar diz no seu artigo 1.º: “Todo brasileiro é obrigado ao serviço militar para defesa nacional, na forma das leis federais e respectivos regulamentos e o prestará de acordo com a sua situação, capacidade e aptidão.”

Porque não intercalar “obrigado ao serviço militar e trabalho para a defesa nacional, na forma das leis federais e respectivos regulamentos”...?

Com as exigências para a defesa nacional criadas pela guerra científica e técnica, a preparação será perene, pela disciplinização das energias dentro de um quadro onde a nação possa prosperar livre das surpresas e ter a necessária “alegria de viver”. O trabalho dirigido seria um meio de defesa e de fortalecimento da unidade nacional.

Parte integrante do Exército voltado á sagrada labuta nos campos experimentais de agricultura, nos centros industriais, nos nossos arsenais, nas nossas rodovias e ferrovias, dariamos mais esse grande passo, preparando nossa juventude, nossa gente para um grandioso destino.

Nosso povo cresce displicentemente, sem preocupações, indiferente ao verdadeiro trabalho, com predileções para os empregos parasitários.

Alberto Torres tinha muita razão ao afirmar, ainda no ocaso da República de 89, que o povo brasileiro continua “a ser essa mistura incongruente e sem alma: um grupo numeroso de intelectuais, uma exorbitante massa de diplomados, pequena camada de industriais e de comerciantes na cidade e por toda parte multidão de indivíduos sem profissão, sem alimento, vivendo quasi ao ar livre, em muitos lugares realmente nomades, analfabetos, sem notícias da vida a uma legua de distância, sem conciência do dia seguinte.”

IV — UTILISAR A MÁQUINA DO SORTEIO MILITAR

A máquina organizada para o sorteio militar, seria utilizada para melhor aceitação pública, na mesma forma, em seguida, ao sorteio para o Exército e Armada.

O processo a ser adotado para alistamento, seria idêntico. Serviço durante 18 meses, licenciando depois com a entrega dos certificados.

O mais razoável, seria alistar os recrutas nas regiões onde existissem campos experimentais, centros industriais, etc., de modo que, depois do licenciamento a praça permanecesse na região evitando o exodo condenável.

O aproveitamento dos pendores por meio de processos prácticos facilitaria a triagem.

Colonias agricolas seriam criadas e ocupadas pelos sorteados que requeressem ou por um povoamento racional.

Problema complexo que podia contar com muita resistência passiva, em pouco seria compreendido pelos resultados que, somados, revelariam números mais vultosos para o progresso do nosso Brasil.

V— IDÉIAS PARA UM PLANO

Um plano decenal seria elaborado, dividido em duas partes, cada uma de cinco anos.

A primeira destina-se ao de adaptação do plano.

Nesse, o esforço principal, dirigido para execução do plano geral de viação nacional e para o desenvolvimento dos campos experimentais de cultura de trigo, algodão, fábricas, para as usinas, cs arsenais, etc..

Na segunda parte, uma ação muito mais dilatada dependendo tudo dos recursos financeiros, reunidos para esse fim.

O objetivo a atingir, seria, termos as nossas reservas de operários e trabalhadores distribuídos em varias regiões, capazes do trabalho permanente, e de atenderem a mobilização na paz e na guerra, para um desenvolvimento notável das nossas industrias ,das nossas comunicações e transportes.

Uma comissão de técnicos, nomeada pelo Governo, sob a direção do Estado Maior do Exército, estudaria um plano dentro das idéias acima expostas que comportasse em suas linhas mestras :

- a — o entendimento do Ministério da Guerra, com os demais, para balancear as possibilidades em técnicos e materiais;
- b — a seleção das regiões mais adequadas onde já existem centros de trabalhos agrícolas e industriais para receberem os sorteados;
- c — o entendimento com os grandes estabelecimentos industriais dirigidos pelo Estado e por particulares que receberiam os sorteados, mediante certos favores concedidos pelo Governo;
- d — a urgência dos trabalhos, emprego nas construções de rodovias e ferrovias de modo a acelerar o plano geral de viação nacional;
- e — estudo do material adequado e armamento, recurso às estatísticas para a apuração do material existente e por adquirir;
- f — a organização das unidades e suas diferentes denominações como no Exército, e as especialidades das praças que ao serem licenciadas receberiam os certificados de mecânicos, eletricistas, ferreiros, rodoviários e muitas outras de acordo com o serviço prestado;
- g — a previsão dos efetivos, aumentando gradativamente e a proporção devida da organização sob o ponto de vista alojamento e manutenção;
- h — modo de alojar as unidades, em instalações provisórias que tivessem a duração mínima de 10 anos, exceto para os que se deslocam na construção de estradas;
- i — sugestão sobre os recursos financeiros que o governo teria necessidade para arcar com esse empreendimento sobre os vencimentos e uniformes dos sorteados;
- j — a organização do programa técnico, profissional e militar.

Para esclarecimento dêste último item, as jornadas, seriam dedicadas ao trabalho profissional e à instrução militar, algumas horas por semana, para o tiro, educação moral e cívica, ordem unida e alfabetização. As unidades seriam comandadas por oficiais designados da ativa ou convocados, sargentos, etc.

O pessoal do ensino profissional seria civil ou militar já empregado ou a ser empregado.

Ainda para materializar como deve ser feita a triagem exemplifiquemos:

Um jovem foi sorteado em Santa Catarina, do município de Lajes, onde reside com seus pais lavradores, naturalmente, seria encaminhado para um campo experimental agrícola do Governo.

Outro sorteado no Estado do Rio, sem ocupação, com vontade de servir em Usina Siderúrgica, seria destinado à mais próxima de seu município, a de Volta Redonda, etc.

Os sorteados do Vale Amazônico, deveriam ser empregados em grande parte na lavoura, seriam aproveitados nas colônias agrícolas recentemente criadas.

O pessoal contemplado e destinado às estradas de rodagem seriam os sorteados moradores nos municípios mais próximos da estrada a construir.

As presentes idéias, são apresentadas á guisa de sugestões, que poderão a manhã estar em vias de execução. Constituem um conjunto que atende nossa índole, e nossos anseios.

Fugindo da obrigatoriedade total, torno mais rasoável e exequível pelo sorteio, constituindo nova feição do serviço militar.

Um prazo de dez anos prepararia um contingente admirável de servidores que impulsionaria a economia para seus rumos definidos. E o Exército, mais uma vez, colaboraria para a nossa independência, no momento histórico atual da Humanidade.

Itajai, 23 — XII — 1944.

O CENTURIÃO CORNÉLIO

MARTIR, NO 1.^º SÉCULO

(† 2 de Fevereiro)

General *SILVEIRA DE MELO*

Cornélio era Centurião da coórte romana denominada Itálica, que fazia a guarnição de Cesáréia da Palestina, porto oriental do Mediterrâneo, situado no limite extremo da Judéia, cerca de 100 km a N.O. de Jerusalém. Por sua origem romana estava excluído do povo de Deus, privilégio que então sómente desfrutava a nação israelita. Mas, em contáto com famílias judáicas de réta observância, tomando conhecimento da tradição e dos livros santos, assimilou de tal modo a lei de Moisés e dos profetas que, deixando a inconsistência das divindades pagãs, abraçou resolutamente a crença de um só Deus verdadeiro, que é o Jeavé dos Profetas. Com tais disposições espirituais tornou-se um homem justo e temente a Deus, apurando as suas virtudes morais de consciencioso oficial. Educava a família na prática da virtude e orava de contínuo a Deus, impetrando a salvação de sua alma. Além disso, repartia com os pobres bôa parte de seu sólido e fazia-se estimar de seus soldados por sua retidão e brandura.

Deus, porém, não se limita a uma nação. Se distinguiu os israelitas, como povo eleito, foi em atenção aos patriarcas e profetas que guardaram a fé e lhe foram fiéis. Para assegurar a unidade religiosa, em meio à idolatria geral, quis Deus constituir um povo para guarda das tradições e como depositário das antigas verdades. Nada, porém, impedia — ao revés, tudo

o inculcava — que esse povo alargasse as fronteiras da fé e preparasse o advento do Cristo.

Os israelitas, no entanto, foram indignos da confiança de Deus, não obstante os benefícios que receberam e os castigos a que fizeram juz..

Tal foi a incompreensão desse povo ingrato, em face aos dons de preferência que lhe haviam sido outorgados, que ousou admitir que a redenção era monopólio de sua raça. Consoante tal suposição, o Cristo esperado devia ser privilégio da nação israelita, para reeguê-la e dar-lhe o cetro sobre as demais nações.

Não admira, pois, — tão arraigada estava essa idéia — que até os apostolos e os primeiros cristãos ficassem emperrados na crença errônea de que o Evangelho era destinado sómente aos observantes da lei de Moisés, embora o Cristo lhes mandasse pregar a todo o mundo.

Não foi bastante o chamamento especial de S. Paulo às portas de Damasco para romper os preconceitos da circuncisão. Necessário foi que uma série de prodígios abrisse os olhos de S. Pedro.

Cornélio não era estranho à pregação de Jesus. Seus milagres estupendos, sua morte, a notícia dos primeiros trabalhos apostólicos, a conversão de S. Paulo, tinham corrido de boca em boca, do Egito à Síria.

Cornélio um dia, à hora da sésia, orava fervorosamente, pedindo a Deus se dignasse dar a ele também, e à sua família, a salvação que o Cristo viera trazer à terra.

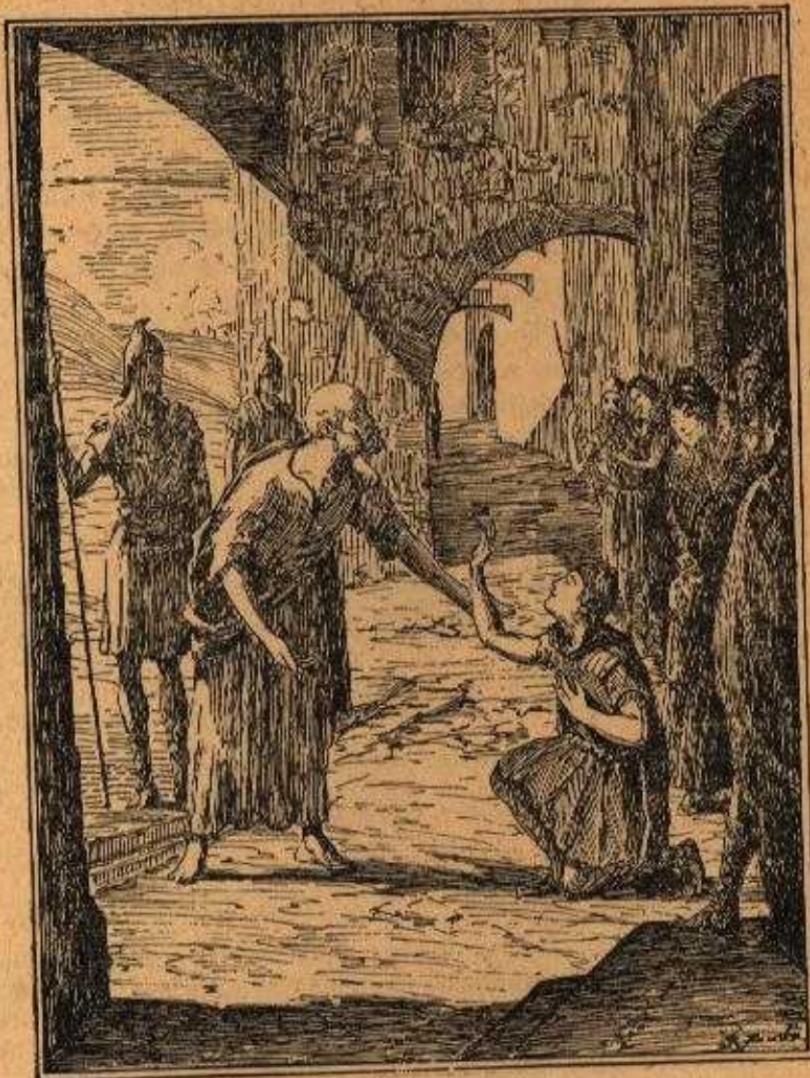
Num rapto de espírito, viu nitidamente aproximar-se um moço de beleza deslumbrante — era o seu Anjo da Guarda que o chamava:

— Cornélio.

Ele, possuído de admiração e espanto, perguntou:

— Que mandas, Senhor ?

E o anjo lhe disse:



— As tuas preces e as tuas esmolas deram testemunho e fizeram boa recomendação de ti deante do Altíssimo. Quando oravas e atendias aos necessitados eu apresentava a Deus tuas oblações. Como prêmio de tua fidelidade fui mandado a ti para que envies homens a Jope e faças vir aqui um certo Simão, que atende pelo nome de Pedro. E' hóspede de um curtidor que reside junto ao mar; êle te dirá o que deves fazer.

Quando o anjo desapareceu, Cornélio chamou seu ordenança, um soldado temente a Deus, e, havendo-lhe narrado a ocorrência, enviou-o, com 2 pagens, a Jope, cidade marítima que ficava a duas jornadas ao Sul de Cesaréia.

Seguindo viagem, aconteceu que, cerca do meio dia, ao tempo em que os mensageiros se aproximavam de Jope no dia seguinte, Pedro subiu ao terraço da casa para fazer suas orações e sentiu fome. Enquanto lhe preparavam a refeição, caiu em êxtase e viu abrir-se o céu e descer dêle um vaso ao centro de uma grande toalha segura pelas quatro pontas, assim como um presente que lhe mandava o céu, e no qual se continha toda sorte de animais quadrúpedes, répteis e aves voadoras. E uma voz lhe falava:

— Pedro, levanta-te, mata e come.

Mas Pedro, aferrado às prescrições judaicas de repugnância à comida de carnes de animais, interditas à alimentação do povo, retorquiu :

— Longe de mim, Senhor, comer coisa vulgar ou impura.

A voz, entretanto, insistiu segunda e terceira vez :

— O que Deus purificou não chames de imundo.

E logo a estranha aparição recolheu-se ao céu.

Não ha negar, transparecia dessa visão um perfeito simbolismo advertindo a Pedro de que o Cristo não viera sómente para os judeus, considerados eleitos, mas para todas as nações.

Enquanto Pedro discorria, procurando interpretar o significado da visão, eis que os homens enviados por Cornélio apresentam-se à porta da casa e indagam da presença do apóstolo. Nisto, Pedro ouviu a voz do Espírito Santo:

— Estão aí tres homens à tua procura. Levanta-te, desce e os acompanha sem hesitar, porque sou eu quem os envia.

Assim fez Pedro. Tendo-os recebido, hospedou-os e entreteve-se com êles nesse dia, ouvindo-os minuciosamente acer-

ca das ocorrências que traziam ao seu conhecimento. Na manhã seguinte partiram, levando alguns irmãos de Jope em sua companhia.

Chegados a Cesaréia no dia imediato, Cornélio os esperava rodeado de parentes e de camaradas daquela guarnição.

Quando Pedro acercava-se da casa, Cornélio saiu a recebê-lo, e, tão grande foi sua emoção, que, prostrando-se-lhe aos pés, fez menção de adorá-lo. Pedro ergueu-o de chôfre, dizendo :

— Levanta-te, Capitão, eu também sou homem.

Entrando na casa e vendo ali muitas pessoas reunidas, Pedro assim falou-lhes :

— Bem sabeis que é abominável para os judeus o convívio de estrangeiros. Mas Deus mostrou-me por um sinal que nenhum homem fui excluído da salvação. Dizei-me agora: — De que se trata? — Qual a razão de vosso chamado?

Cornélio, tomando a palavra, narrou-lhe os fatos dos dias anteriores e acrescentou:

— Por isso, mandei chamar-te sem demora e fizeste bem em vir atender-nos, pois estamos desejosos de ouvir de tua boca o que o Senhor te ordenou nos ensinasse.

Pedro então disse :

— Reconheço, em verdade, que Deus não se move nem por consideração de pessoas, nem de raças, nem de línguas. É-lhe agradável, em qualquer nação do mundo, todo aquele que o teme e que procede com justeza.

A seguir, passou a explicar-lhes a vinda do Cristo, os seus milagres, a sua pregação, sua morte e ressurreição; falou-lhes das aparições de Jesus durante 40 dias e de como lhes mandara pregar o Evangelho e testemunhar a sua divindade.

Estando ainda Pedro com a palavra, eis que o Espírito Santo desceu sobre todos os ouvintes, produzindo nêles os mesmos efeitos que se viram em Jerusalém nos dias de Pentecostes. O Apóstolo e os fiéis que os acompanhavam admiraram-

se de que sobre os gentios se derramassem as luzes do Espírito Santo, pois manifestavam o dom das línguas e glorificavam a Deus de um modo particular.

Então Pedro, radiante de alegria, exclamou:

— Porventura pôde-se negar o batismo a êstes que já receberam o Espírito Santo?

E mandou batizá-los.

Estas simples ocorrências foram descritas por S. Lucas no Cap. X dos “Átos dos Apóstolos” e contêm profundos ensinamentos: 1.^o) — o de que Deus atende com indizível solicitude aqueles que buscam a verdade e a fé com simplicidade, onde quer que estejam; 2.^o) — que Cristo organizou uma igreja docente e um ministério sacerdotal a quem são enviados os que anseiam pela verdade e pela salvação, como enviou Cornélio a Pedro e como já enviára Felipe ao viajante étiope (Atos, Cap. 8, v. 26 e ss) e Saulo a Ananias (Atos, Cap. 10, v 10 e ss).

Nada mais se conhece da vida do Centurião Cornélio. Todavia uma tal admissão, como foi a sua, no seio da Igreja nascente, assegurou-lhe evidentemente uma gloriosa partida para o Ceu.

Não admira que se ignorem os demais episódios de sua existência, quando as próprias narrativas escritas do I século da Igreja perderam-se na voragem dos tempos e das perseguições. Por outro lado, pouquíssima gente — somente as élites — sabia ler e, então, a linguagem falada era a única de que se serviam ordinariamente os pregadores do Evangelho nessa fase obscura do apóstolado cristão. A resenha dos fatos passava de boca em boca formando o arquivo omisso, muita vez impreciso, confuso mesmo mas precioso, da tradição oral. Não é de admirar que muito ignoremos da comunidade cristã desse tempo. A nossa piedade e a nossa própria curiosidade não

se cansam de indagar e perquirir: por que motivo nenhuma palavra escrita, nem uma só alusão, nem dos apóstolos, nem mesmo de João, a quem Jesus confiara a pessoa de sua Mãe, vem referida nos textos que escreveram, relativamente à Santíssima Virgem, depois da cena do Calvário?

Desse modo aconteceu com o Centurião de Cafarnaum, assim com o Centurião Cornélio. Narra a tradição que ele foi mais tarde Bispo de Cesaréia e terminou pelo martírio. Deus não lhe teria recusado um fim tão venturoso. A Igreja inscreveu-o no catálogo dos Santos e marcou-lhe a festa para 2 de fevereiro.

Conclusões:

1.^º) — O primeiro gentio batizado e admitido solenemente no seio da igreja, não foi um nobre, um legista, um letrado, foi um militar — o Centurião Cornélio.

2.^º) — Desse feliz acontecimento, resultou o primeiro concílio ecumênico da Igreja — o Concílio de Jerusalém, no qual o primeiro Pontífice — S. Pedro, proferiu a primeira definição de fé à igreja nascente, segundo a qual de nada mais valia a circunssisão, mas ao invés, o batismo e o Evangelho cabiam por igual a todos os povos.

3.^º) — O Centurião Cornélio não perdia tempo em passatempos mundanos e ociosos. Entre as lidas penosas da caserna, encontrava sempre algum tempo para estudar as coisas da fé. Conhecendo a verdadeira religião, abraçou-a com fervor, fazendo dela sua regra de vida.

4.^º) — O Centurião Cornélio, não obstante os encargos de família numerosa, conseguia sempre alguns centavos do salário para socorrer os necessitados.

5.^º) — O soldado que procura a Deus, como Cornélio, jamais será frustrado em suas esperanças; será pioneiro do dever nas fainas da caserna e lutará com honra em todas as refregas.

DISCIPLINA E VIDA HUMANA

Editorial do "Infantry Journal" — Washington,
D. C. — U.S.A. — Setembro de 1944.

Tradução do 1.^º Tenente Otávio Alves Velho

Nota do Tradutor — Consideramos o presente artigo de extraordinário interesse para o nosso Exército, hoje que recebemos dos camaradas norte-americanos, — quer nos campos de instrução e escolas-militares nos E. U. e no Brasil, quer nos árduos embates enfrentados embro a ombro no teatro de operações da Itália — as suas lições e conselhos, fruto de sangrentas experiências.

E' uma grande contribuição para nos auxiliar a interpretar os nossos aliados, o seu espírito militar, os seus problemas — no que têm de universal e lógico.

O falso preconceito de que os ianques jamais poderiam tornar sua pátria uma grande potência militar, por não compreenderem a essência e razão de ser da disciplina, foi de há muito destruído pelos seus onze milhões em armas e pelos feitos de valor que já praticaram no decorso da presente conflagração.

E agora, êste oportuníssimo editorial mostra como, além de *compreenderem* a disciplina, com ela se *precupam*, e que aquilo que às vezes nós julgamos errado, eles também assim o julgam.

Vemos, assim, que o que muda é a forma, a maneira de ser — adequada, como não o poderia deixar de ser, à organização social, à índole e à educação de cada povo ou nacionalidade. Permanece, todavia, de pé e soberana,

como imperativo e explicação mesmo da Fôrça Armada, a DISCIPLINA.

* * *

Nenhum fato surgiu da presente guerra capaz de reduzir o supremo valor da disciplina militar.

Enfraquecimento da disciplina significa perda de vidas. — quer dizer mais homens mortos, feridos e desaparecidos; corresponde a altos preços pagos por vitórias eventuais; pode dar lugar — e dá mesmo — a sérios desastres no decorrer das batalhas.

Estas conclusões provêm diretamente dos teatros de guerra. Elas são repetidas de boca em boca por todos os que comandam em toda parte, em toda fração combatente ou não do Exército. Elas decorrem de todo combate em que nossas tropas intervieram: — combates terrestres, combates aéreos, combates anfíbios; combates nas florestas de Burma, nas praias da França, nas ilhas do Pacífico, nas montanhas da Itália.

Não são conclusões saídas da mesa de um jornalista. Não são "fita", nem tampouco teorias sem pé nem cabeça inventadas em gabinetes longe dos campos de batalha. Elas chegaram diretamente dos chefes que estão conduzindo homens à luta, de todos os recantos do mundo onde estamos pelejando.

ENFRAQUECIMENTO DA DISCIPLINA PERDA DE VIDAS. QUER DIZER MAIS HOMENS — MUITO MAIS — MORTOS, FERIDOS E DESAPARECIDOS. CORRESPONDE A VITÓRIAS CARAS, QUE ÀS VEZES MESMO PODEM NÃO SER OBTIDAS.

A mais decisiva apreciação sobre a disciplina recebida pelo "INFANTRY JOURNAL" nas últimas semanas, veio-nos do chefe do estado-maior de uma bem sucedida Divisão da linha de frente — uma Divisão que vem combatendo brilhantemente há um ano, em sucessivas campanhas. Ele próprio ostenta ferimentos e honrosas condecorações recebidos durante

sua atuação na 1.^a Guerra Mundial, e por cerca de trinta anos tem sido um diligente, hábil, correto e, não obstante, bondoso oficial de tropa e integrante de estados-maiores, cuja personalidade é ainda realçada por um fino senso de humor. Por tôdas essas razões, ninguém melhor do que ele conhece o valor da disciplina militar.

* * *

"Estou convencido — escreve ele — que a disciplina é a base de todo sucesso no combate. Sem sólida disciplina as batalhas poderão ser ganhas se a superioridade de fôrças fôr suficiente, mas é indiscutível que o preço em mortos e feridos será desnecessariamente elevado. Praticamente os oficiais de todos os postos concordarão com isto; mas, no entanto, um persistente e real trabalho de solapamento da disciplina está sendo feito — na aparência, pelo menos, com plena aprovação das autoridades militares.

"Em quase todos os jornais e revistas divulgados com permissão oficial, há tópicos sugerindo claramente ao soldado que a disciplina é algo indesejável. Há artigos — muitos aliás — que levam naturalmente o soldado a não saudar seus superiores e a descurar de sua apresentação pessoal. O resultado de tais artigos, frequentemente disfarçados com as tintas do humorismo, reflete-se no pouco caso que os soldados passam a dar à sua correção de atitudes e à cortezia militar, *ambas indispensáveis à conservação de uma sadia disciplina*. (*) .

"Eis alguns exemplos :

"Um artigo elogiando as virtudes de certo comandante — cujo maior mérito destacado era o de proibir que se fizesse confinênciâ nas imediações do seu P. C., sob pena de se ser submetido a conselho de guerra.

"A muito repetida história de que os oficiais mais graduados não gostam de ser cumprimentados, mas que os solda-

(*) — N. T. — O grifo é nosso.

dos devem tomar todo cuidado de sempre fazer continência aos aspirantes e segundos-tenentes. (Concordo que há várias maneiras de interpretar esta história. Mas o fato que o soldado raso invariavelmente dela deduzirá é falso e perigoso — perigoso para a disciplina no combate —, pois consiste em que os oficiais superiores pensam ser uma tolice a continência, enquanto que os subalternos a apreciam por mera vaidade pessoal.)

"As inúmeras fotografias mostrando heróis de diversos combates com as mangas arregaçadas, sem capacete e com um aspecto geral de valentões. (Há muitos heróis de verdade cá em nossa unidade, e nem por isso parecem "cafagestes").

"A anedota segundo a qual um realmente notável comandante (**) é chamado *BRAD* por todos nas proximidades do seu Q. G. (O soldado naturalmente concluirá dêste fato que qualquer oficial que o obrigue a tratá-lo de "Senhor" ou pelo seu posto militar, não pode ser de fato um bom oficial.)

"O conceito repetido milhares de vezes, em filmes, em verso e em prosa, segundo o qual os primeiros-sargentos são todos umas "toupeiras" sadistas. (Esta parece ser a versão cinematográfica "normal" do valoroso graduado que em toda unidade passa a maior parte das 24 horas do dia procurando manter, por qualquer meio, unida e coesa a sua tropa.)

"A melhor espécie de propaganda é a indireta, e esta é a que estamos utilizando para minar a nossa própria disciplina. E se suas consequências não estão ainda mais generalizadas entre as unidades combatentes é simplesmente porque elas se acham muito ocupadas com o inimigo para poderem apreciar melhor esse material oficialmente aprovado.

"Poder-se-á, sem dúvida, objetar que qualquer coisa contra tais publicações seria uma modalidade de censura, e que isso privaria o Exército de gostosas gargalhadas.

(**) ... N. T. — Trata-se do Tenente-General OMAR BRADLEY, Cmt. de um dos Grupos de Exércitos Aliados que presentemente operam na frente ocidental da Europa.

"Realmente seria censura. Mas nós censuramos muitas outras coisas que todos teriam muito maior interesse em ver publicadas, e fazêmo-lo com o fim de poupar vidas humanas. Ora, o preço por não censurarmos artigos como os que citei, também se mede em vidas humanas.

"Não há dúvida que êles são engracados. Porém, nenhuma risada poderá valer uma vida."

* * *

O "INFANTRY JOURNAL" não crê que se possa impedir o soldado americano, recruta ou veterano, de gracejar ou lamentar-se de suas dificuldades e aborrecimentos, sejam êles resultantes das ásperas circunstâncias da guerra, sejam das "manias" e defeitos de seus superiores. Não julgamos viável torná-lo um autômato humano de combate, sem espírito e sem jovialidade.

Mas concordamos com as afirmações da carta acima citada, de que o principal objetivo dos jornais e revistas publicados com a sanção oficial deve ser a preparação psicológica da vitória. E que, se comandantes e tropas em combate verificarem que tais publicações contribuem para maior número de baixas e menor eficiência na luta, por certo devem ser censuradas.

Quanto às possíveis perdas de risadas — se isto pode ser cotejado com as perdas de vidas — o humorismo por meio de caricaturas, em verso e em prosa, pode ser — e frequentemente é — uma das melhores formas de demonstrar o quanto a disciplina militar contribui para a economia de vidas. Um exemplo disto é o bom humor calmo, alentador e profundamente cheio de vida que ERNIE PYLE (**) verte em suas histórias

(***) ... N. T. — Famoso jornalista norte-americano que escreve diariamente histórias sobre a guerra e que pessoalmente tomou parte nas campanhas da África do Norte e da Sicília.

diariamente. Outro, é o humorismo prático que nos últimos três anos a revista "ARMY MOTORS" vem usando para realçar a importância da manutenção dos veículos motorizados. Um terceiro é o uso intensivo de caricaturas para evitar acidentes fatais, tanto na Fôrça Aérea como nos diversos Serviços e outros ramos do Exército. (****).

Como vemos, algumas vezes também o bom humor tem sido empregado diretamente para aumentar a disciplina militar em vez de enfraquecê-la.

São de tal modo extremas as exigências que a presente guerra faz aos que nela tomam parte, que todos os recursos concebíveis devem ser mobilizados para a conservação da disciplina no combate. Mesmo que isso não pese decisivamente na vitória final, o esbanjamento de vidas decorrente da falta de disciplina o exige e impõe.

NENHUM FATO SURGIU DA PRESENTE GUERRA CAPAZ DE REDUZIR O SUPREMO VALOR DA DISCIPLINA MILITAR.

(****) ... N. T. — No Brasil, temos um magnífico exemplo nas caricaturas existentes na Escola de Aeronáutica, de autoria do Capitão-aviador FORTUNATO CAMARA DE OLIVEIRA, e que, de modo inesquecível, esclarecem as mais complexas regras de disciplina de vôo de pista.

FLORES NATURAIS

E plantas de todas as qualidades — Corões, corbeilles e Bouquets para Noivas.

CASA "A MAGNOLIA"

Encarregam-se de ornamentações e de todo serviço concernente ao ramo

M. Lima & Bernardes

RUA BARÃO DO BOM RETIRO, 24 — Engenho Novo — Tel. 29.3812

Cel. Benjamim Rodrigues Galhardo

Em virtude das modificações introduzidas nos estatutos de "A Defesa Nacional", para adaptá-los às determinações da nova lei que rege o funcionamento das cooperativas, passou o serviço de publicações a constituir uma dependência do Diretor Gerente de nossa sociedade.

Com a extinção do cargo de Diretor de Publicações, deixou o nosso prezado companheiro Cel. Benjamin Galhardo de fazer parte da Diretoria; mas estamos certos de que, sendo seu afastamento apenas funcional, haverá de conservar, para com a nossa Cooperativa e seus antigos camaradas de labuta, aquelle mesmo interesse, solicitude e amabilidade que lhe são característicos. Não lhe dizemos, portanto, adeus, mas até sempre, pois, sem dúvida, os serviços que prestou, e que ora lhe agradecemos, bem pôderão, de futuro, reencontrar-se sob nova modalidade, para o bem de nossa Revista, e do prazer que advém de sua agradável e afetuosa convivência.

Os novos Estatutos de «A Defesa Nacional, Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual»

Realizou-se a 23 de outubro p. f. a Assembléia Geral Extraordinária convocada para fins de modificar os antigos estatutos e pô-los de acordo com as novas determinações da lei geral que rege as cooperativas.

A publicação dos novos estatutos está ainda dependente de sua aprovação pelo Serviço de Economia Rural que superintende as atividades cooperativistas, mas esperamos poder publicá-los em "A Defesa Nacional" de março p. futuro.

Desde já, porém, chamamos a atenção de nossos companheiros para a necessidade vital, que é, a conjugação de nossos esforços em prol da realização dos designios de nossa cooperativa. Raros foram os nossos camaradas que atenderam aos primeiros apelos. É preciso capacitar-se de que sem o apoio financeiro e o interesse intelectual, nossa sociedade não conseguirá justificar, sequer, o próprio nome de cooperativa, e muito menos os seus fins culturais.

Ler os regulamentos táticos, é indispensável, é obrigatório, mas não é bastante. É igualmente indispensável a qualquer oficial moderno ampliar sua cultura profissional e geral, se quiser manter-se à altura de suas funções profissionais e de seu papel social. Para isto é preciso ler bons livros e meditá-los. Ora, um de nossos objetivos, e sem dúvida o essencial, é editar livros de indiscutível valor instrutivo, mas isto exige recursos financeiros que se não podem improvisar.

O associado pode, também, adquirir livros na praça, por intermédio de nossa biblioteca que, além disso, os fornece com certo abatimento sobre os preços do comércio, mas raríssimos têm as encostas desse gênero, embora seja este o único recurso de que dispõe o oficial que serve em regiões afastadas ou pobres de livros e de outras publicações culturais. Acresce ainda a vantagem, para o associado, de participar da distribuição dos lucros, na proporção das suas aquisições por intermédio da Cooperativa, além dos juros anuais de seis por cento sobre o valor das quotas-partes que subscrever.

Enfim, a guerra é, em tudo e por tudo, obra de cooperação. A própria instrução profissional não foge a esta regra.

ERRATA DO ARTIGO "COMANDAR"

de autoria do Ten.-Cel Altamiro Braga

— Na pag. 943, 3.^a linha: ... tropa se alteravam (está: se alteravam).

— Na pag. 950, a partir da linha 18.^a:
Estamos em guerra.

Breve marcharemos para os campos de batalha. (x).

Meditem todos os militares que estão investidos das funções de comando, sobre as responsabilidades inherentes a esse cargo.

Façam um auto-exame. Ponham a mão na consciência. Deixem de lado vaidades pessoais e procurem corrigir-se de possíveis defeitos. Lembrem-se que de seu tato, de sua competência profissional, de seu tirocinio militar, da propriedade e do acerto de suas decisões, dependerá a vida de todos aqueles que estiverem sob suas ordens, talvez mesmo o futuro do país e que a Pátria não lhes perdoará jamais o desluster de sua honra e de sua dignidade, nem o sacrifício de tantos de seus filhos, si oriundos de sua incuria, de seus erros, de seus fracassos pessoais. Sejamos dignos da confiança que ela em nós deposita e façamos por elevar bem ao alto, junto ás nações aliadas em luta contra o nazismo, o valór do nosso soldado e o renome do nosso idolatrado BRASIL!

(x) — Este artigo foi escrito antes da partida da F.E.B. para a Europa.

BOLETIM

Sabem que significa "maquis", designação dada às forças francesas que tão decisiva atuação tiveram recentemente na libertação da França?

O nome foi tomado da tradição corsa, e vem do seguinte: quando, pelo meio do século passado, a polícia continental francesa quis liquidar na Corsega a prática sangrenta da "vendetta", os corsos quis esconder-se nos montes — "maquis" no dialeto da ilha — e neles resistiram com êxito às forças de repressão. Agora, também, sob a dominação alemã, milhares de franceses se refugiaram nas montanhas e a um sinal dado desceram para a luta libertadora. A linguagem popular consagrhou-os — "maquis".

* * *

Do um dos estudos da série "Sul", que Afonso Arinos de Melo Franco publicou ultimamente em "O Jornal" extraímos o seguinte:

"Todas as teorias e sonhos unitários do Brasil chocam-se, e se desistem contra a realidade esmagadora do nosso federalismo. A formação histórica brasileira, condicionada necessariamente pelos fatores geográficos e econômicos é uma formação federal. Negar isto é desconhecer de forma escandalosa os rudimentos da nossa História, e governar em sentido inverso, é fazê-lo contra as imposições da nossa realidade!"

* * *

A "Biblioteca" do III Btl. do 12.º R. I. foi dado o nome do "Coronel Luis Lobo", há pouco falecido. Eis uma iniciativa, devida, aliás, ao Maj. Ismaelino de Castro, digna de especial registro. Nesses tempos de homenagens utilitárias, dirigidas menos ao mérito do que à unicas recomendações eram o caráter rígido e a inteligência cultivada, a serviço das boas causas.

* * *

O Exmo. Sr. Ministro da Guerra baixou um "Aviso" recordando ao Exército a figura do Gen. Braz Abrantes, cujo centenário transcorreu no dia 3 de fevereiro proximo passado.

O valoroso filho do Goiás foi um dos grandes soldados do nosso passado. Assentando praça voluntariamente no Batalhão de Caçadores do seu Estado, fez a guerra do Paraguai a partir da batalha de Tuiuti e teve as promoções a alferes e a tenente por atos de bravura. Morreu, reformado, em 1923.

* * *

A margem da fabulosa derrota que os alemães vieram sofrendo na frente oriental:

Dizia o jornal alemão "Keoeinisch Zeitung", quando o poderio russo começou a esfarelar as linhas que cobriam os acessos de Berlim: "O perigo é gigantesco. A inundação está subindo. Províncias inteiras estão voando. O perigo está rolando do leste para oeste. Onde podemos encontrar uma linha de defesa, um fosso, uma esperança que não se desvaneça dentro de 24 horas?"

E, positivamente, chegada a hora final da Alemanha nazista, essas lamentações não deixam dúvidas...

* * *

E agora experimentaram os germanicos as mesmas provações que no começo da guerra impuseram aos franceses e belgas, valendo-se da imensa superioridade militar que metodicamente se haviam assegurado antes de desencender a luta. Largas áreas do território do Reich conheceram a ocupação pelos exércitos vitoriosos do inimigo, cidades e, mais cidades, foram destruídas pelos canhões que lhes chegavam às portas, populações inteiras lançaram-se aos caminhos tomadas de pânico, trápilhas e famintas, conduzindo o que era possível conduzir. E se dessa vez não houve, como em 1940, aviões "valentes" a metralhá-las, houve a neve, o frio impiedoso para martirizá-las e dizimá-las. O castigo não podia ser inferior ao crime...

Boletins apreendidos pelos russos, em poder dos alemães feitos prisioneiros recomendavam: "Agora que combatemos em sólido alemão, devemos nos ajustar ao fato de que os bons civis não devem ser automaticamente roubados. Não expulsemos os civis de seus lares. Não banquemos o herói bebendo muita cerveja. Não molestemos nossas mulheres e moças".

Por aí se vê que os soldados nazistas faziam pelo menos isso nas terras que ocupavam...

* * *

Novas edições da Biblioteca Militar:

"Cartas da Campanha de Mato Grosso" (1865-1866), pelo Visconde de Taunay, coligidas pelo seu filho, o eminente historiador Afonso de Taunay; saem em volume avulso e são ainda parte das comemorações do centenário do autor de "Retirada da Laguna", ocorrido em fevereiro de 1943.

"O Centenário do Marechal Bormann", que reúne todos os principais escritos publicados por ocasião do centenário do ilustre militar, comemorado solenemente pelo Exército em 26 de setembro do ano passado. Também volume avulso.

* * *

Ainda no terreno das novidades bibliográficas: veio à lume, logo em seguida à "Formação da Sociedade Brasileira", um novo estudo do Cap. Nelson Werneck Sodré: "O que se deve ler para conhecer o Brasil". É uma edição da Editora Leitura.

* * *

Mal podemos avaliar o que seja o problema dos abastecimentos para aqueles milhões de soldados soviéticos que invadiram o território

alemão, no encalço da Wehrmacht. Uns dados, porém, alinhados pelo observador americano Frank Arnau, ministrar-nos-ão algumas referências sobre esse esforço: "Calculando em 3.000.000 o numero dos soldados russos em luta por toda a extensão da frente oriental, desde a Prussia Oriental até a Hungria central-occidental, este fato significa a necessidade de transportar pelo menos 45.000 quilogramos diários para abastecimentos essenciais de viveres e, pelas regras militares, aplicadas às necessidades da guerra altamente motorizada, de 7 vezes o mesmo peso para unidade-combatente em material bélico em geral, perfazendo esta última exigência o total de 35.000.000 quilos diários. Para o transporte destas 35.000 toneladas diárias são necessários, em movimento ininterrupto, pelo menos 700 trens completos, com 50 vagões cada um, exigindo-se assim 1.400 locomotivas, — e todo este trabalho passando da bitola larga para a estreita, sob a inclemência da temperatura baixa, da neve, do gelo, do nevocíro e das armas inimigas! Mesmo considerando que parte sensível destes transportes se faz por estrada de rodagem em caminhões, o transporte de combustíveis exige 1.500 km. até as fontes do Caucaso e 2.500 até as fontes do Ural."

* * *

Do agudo ensaio "Psicologia — Recrutamento — Instrução", de autoria do Ten. Otávio Alves Velho, transportamos as seguintes interrogações, que oxalá possam ecoar no maior número de espíritos interessados no aperfeiçoamento do nosso Exército:

"Não será porventura, tanto ou mais necessário o grupamento homogêneo sob o aspecto psíquico (moral e intelectual) do que no relativo aos caracteres somato-fisiológicos? Se há graves riscos para o indivíduo em submeter seu organismo a esforços superiores às suas limitações materiais não os haverá — e até bem maiores — no querer que homens de idade mental diversas, de capacidade de apreensão desigual, acompanhem um mesmo ritmo de aprendizagem? Se existe o grupamento dos "poupados físicos", como não crearmos — com mais ponderáveis razões — o dos "retardados mentais"? E se os poupados físicos devem ser separados consoante a natureza de suas deficiências, não deveremos logicamente usar de processo análogo com os retardados mentais?"

LIVROS NOVOS

JOMINI OU O ADIVINHO DE NAPOLEÃO — Xavier de Courville, tradução do Cel. R. B. NUNES — Biblioteca Militar — 1944.

O suíço genial, que Sainte-Beuve visitava pontualmente em Passy, não foi militar de carreira. A princípio trabalhou em Paris num banco de judeus belgas, do qual se desligou um belo dia para fazer-se agente de cambio e enriquecer como toda a gente enriquecia. Mas sua preocupação constante e apaixonada eram as operações militares que, ao tempo, se desenvolviam, movimentadas e brilhantes, com as manobras vitoriosas do jovem Bonaparte. E assim, abandonando a fortuna, encaminhou-se para a Suíça, "que os franceses, chamados por seus irmãos de Vaud, acabavam de invadir, para fundar uma república irmã e arrecadar os milhões necessários à campanha do Egito". Aproximou-se do ministro da Guerra, Repond, a quem procurou interessar na arte das batalhas, segundo as suas descobertas, ainda completamente desconhecidas. O ministro, porém, aquiesceu apenas em tê-lo como secretário. Mas Jomini em breve, "ocupando-se do que lhe competia e do que não era da sua conta; submergindo com memórias pessoais os planos de seus superiores; organizando em Berna uma escola na qual teria ensinado voluntariamente a arte de comandar", firmou autoridade e teve o posto de capitão. Desenvolveu então extraordinária atividade: "exercícios, fardamento, contabilidade, hospitais, armazens, tudo reformava, ordenava, destituía", até que transmutações na política interna da Suíça criaram um ambiente que o desgostou, e embora tivesse sido elevado a major, deliberou voltar a Paris.

"Conservava o uniforme — escreve maliciosamente De Courville — na esperança de que o gênio da guerra se reconhecesse melhor sob vestes de guerra". Coincidindo, porém, que a paz de Luneville fôra assinada, um oficial suíço não te-

ria oportunidade quando muitos franceses eram licenciados. Jomini enveredou para o comercio, colocando-o o destino ironico numa casa que negociava com equipamentos militares. Ei-lo, destarte, a comandar milhares de uniformes vazios... Enquanto isso se consagrou aos estudos de tática, de modo que quando a paz foi novamente rompida, dois anos mais tarde, tinha pronto o seu *Tratado de Grande Tática*. Ai começa a luta de Jomini para impôr-se, a dura e desalentadora luta de todo aquele que procura impôr-se tão somente pelo proprio valor. Desenganado da atenção francesa, muniu-se do seu manuscrito, uma carta dedicatoria ao imperador Alexandre, e apresentou-se na embaixada da Russia.

Recebeu-o entre sorrisos profissionais o Sr. M. d'Oubril, que folheou o manuscrito, leu a carta, escutou-o e por fim falou: "Meu caro senhor, não vos parece que sois um tanto jovem para dar lições aos generais russos. Jomini tinha, de fato, apenas 24 anos, mas não lhe ocorria que essa circunstancia cronologica pudesse ter valor em face do seu *Tratador*. Por isso num dado momento, perdendo a paciencia, disse bruscamente: "Demais, senhor, estudei as guerras desde 1792 até 1801, conheço o exército austriaco e o francês: os oficiais versados na arte da guerra são raros em todos os países, e, se julgar pelo que vi em Zurich, tendes ainda muito que caminhar antes de possuir um estado maior que nada deixe a desejar." E' claro que M. d'Aubril não recolheu o sorriso afavel, mas "acompanhou até a porta o solicitante que, em vão, protestava seu genio."

Outra tentativa fê-la Jomini junto a Ney, quando o coroamento de Napoleão reuniu em Paris os seus jovens marechais.

O metodo foi o mesmo — Jomini levou-lhe o I tomo do *Tratado das Grandes Operações*. De Courville relata e do mesmo passo interpreta o resultado dessa tentativa: "Por que sortilegio o amador de estrategia ganhou as boas graças do militar que tinha, mais do que ninguem, o orgulho da profissão e o desprezo pela teoria? Ney, talvez tivesse ouvido decantar na Suíça os meritos administrativos ou o génio divinatório de Jomini. Pode ser que o soldado leal houvesse tido a honestidade

de ler, até o fim, o manuscrito com que o homenageavam. Talvez, enfim, o *bravo dos bravos*, tivesse vislumbrado no jovem suíço algumas qualidades que faltavam a seu próprio talento."

O certo é que Ney fez mais do que pedia Jomini — em vez de dar-lhe lugar num regimento, adiantou-lhe fundos para a edição do *Tratado das Grandes Operações*, assentou nomeá-lo seu ajudante de campo e pô-lo imediatamente junto a si, assim de que continuasse os seus trabalhos.

Ao serviço de Ney abriu Jomini o caminho do seu prestígio militar. Depressa adquiriu grande força perante o Marechal, graças ao exito das suas sugestões táticas e ao desembaraço e firmeza com que sabia sustentá-las, ainda contra a colera do chefe. Por outro lado o sucesso do tático que, para maior agravo, "do estudo da ciencia militar, omitira as regras da hierarquia", começa a levantar resistências. A inveja, o despeito e a incompreensão armaram-lhe fortes dissabores, tanto mais fortes quanto inesperados, porque Jomini movimentava-se com integral despreocupação. Não obstante continuou subindo, continuou a crescer o seu prestígio. E sonhava conquistar a atenção de Napoleão. Quando saíram impressos os dois primeiros tomos do *Tratado das Grandes Operações* pensou: "Meu manuscrito valeu-me as graças do marechal Ney; meus volumes triunfarão de Napoleão". Juntando o pensamento à ação apresentou-se diante do Imperador para fazer-lhe entrega de despachos do Marechal Ney, entre os quais insinuara os seus volumes. Napoleão apenas folheou os despachos e empurrou-os para o canto direito da mesa. Jomini ficou aniquilado, mal sabendo que para aquele canto direito eram encaminhadas justamente as coisas que mereceriam exame posterior. Seu desgosto só cessou quando soube que o "Monitor" publicara a sua nomeação para o exercito francês, no posto de coronel. Ora, com os volumes introduzidos no pacote dos despachos, tinha pleiteada apenas a confirmação em major...

A impressão que o *Tratado das Grandes Operações* causou em Napoleão foi poderosa. A certo ponto da leitura teve esta exclamação: — "Surge um major, e ainda mais, um suíço, que me vem dizer como ganho minhas batalhas. Não seriam nos-

sos... os professores de Brienne que diriam tais coisas, nem os da Escola Militar."

Depois, a certo trecho, sobressaltou-se: — "Que faz o ministro da polícia? Como Fouché deixa imprimir semelhantes livros?" E a uma objeção de Maret de que não se iria "interdizer uma obra científica retrucou: — "É a mesma coisa; para que instruir o inimigo? É preciso apreender a obra."

Por fim, mais refletido, considerou: — "De fato, dei importância exagerada a isto; os velhos generais que comandam contra mim não leem mais; e os oficiais jovens que leem, ainda não comandam."

Desde então nunca mais Napoleão perderá de vista Jomini. Tê-lo-á ainda no seu próprio Estado Maior. Quanto ao tático servi-lo-á com devoção, mas sem afastar-se do seu feitio franco. Discutirá muitas vezes, criticará certas deliberações, intrometer-se-á em casos alheios às suas funções, aconselhará soluções.

Adivinho de Napoleão! Sim, nunca houve quem tão bem entendesse o corso genial. O seguinte espantoso episódio só por si justificaria o epíteto: Napoleão referira-lhe a manobra que preparava contra a Prussia, e disse-lhe: — "Conheceis bem o país; ficareis comigo."

Então Jomini, "perturbado, objetou certas dificuldades menores, seus cavalos, a bagagem, seu livro, as notas que lá se iam para Nuremberg com o estado maior do VI corpo", e concluiu: "Se me fôr permitido, dentro em quatro dias apresentar-me-ei a Vossa Majestade em Bamberg".

"Ao ouvir o nome de Bamberg, — conta De Courville — o Imperador fez um gesto de recuo e replicou agastado: — "Quem vos disse que vou a Bamberg?"

— "A carta da Alemanha, Sire."

— "A carta? Há, nessa carta, uma centena de outras estradas que levam a Bamberg."

— "A carta da Alemanha, Sire, e vossas operações de Ulm e de Marengo. Para fazer com o duque de Brunswick o que fizeste com Mack e Melas é preciso ir a Gera, e para ir a Gera, é forçoso passar por Bamberg."

— “E’ certo, disse Napoleão, estarei de hoje a quatro dias, em Bamberg; mas nada faleis a tal respeito, a quem quer que seja, nem mesmo a Berthier; ninguem deve saber que quero ir, pessoalmente, a Bamberg.”

Como se sabe, Jomini abandonou seu posto no exército francês, pondo-se ao serviço do Tzar Alexandre. Por isso foi muito acusado de traição. Mas é um ponto que fica amplamente esclarecido na obra lançada em tradução pela B. M.

Vê-se que Jomini sofreu crueis injustiças. Em dado momento, por torça dessas injustiças, entrou em negociações para transferir-se à Russia, mas Napoleão reteve-o. Parecia, que tudo lhe sorria a partir daí, porém logo os invejosos entraram a perseguí-lo subterraneamente. E um mês depois de ter dado a Ney, como seu chefe de Estado Maior, a vitória de Bautzen, veiu de Dresde uma ordem do dia do Imperador punindo-o com prisão e esta carta de Berthier:

“Sr. general. Em nome do Imperador, expeço-vos um correio extraordinário, cujas despesas serão descontadas de vossos vencimentos, para trazer as relações de efetivos do III corpo, pelas quais tem ordem de esperar. O Imperador me ordena que faça constar essa disposição da ordem do dia do exército, e que vos testemunhe seu profundo descontentamento pela negligencia com que exerceis vossas funções.”

De fato, a “relação quinzenal de efetivos” estava atraçada. E’ que “o general Ney tivera mais de 15.000 homens fora de combate;; era necessário fazer constar desse maldito papel o numero dos prontos, dos destacados, dos doentes, dos prisioneiros, dos extraviados. O corpo de exército estabelecia suas relações pelas das divisões; a divisão, pelas das brigadas; as brigadas, pelas dos regimentos. Cascata de numeros, de atrasos, de reprimendas do coronel ao comandante-chefe, e do cabo ao capitão; a colera militar vai de posto a posto, até que uma cabeça de turco pague por todas as outras. O atraso, aqui, parte dos regimentos provisórios anexados à divisão Souham. A divisão, aperta, baldadamente, os régiments; o corpo de exército atropela, em vão, as divisões; Berthier desaba sobre Jomini.”

“Para compreender a revolta de Jomini, — escreve De Courville — é preciso pesar, um momento, em sua propria ba-

lança o merito e a falta. De um lado, o atraso de uma papela da sem importancia; de outro, serviços que lhe parecerão sempre, como escreverá em 1818, no aniversario de Bautzen, *precisamente os mesmos serviços que Grouchy deveria ter prestado em Waterloo*, trazendo 60.000 ao ponto decisivo e no momento oportuno.”

Maguado ao ultimo ponto, contou ainda, entretanto, que com as promoções a sairem, em proximos dias, o Imperador re-parasse a injustiça de Berthier. Em todo caso, decide que se assim não acontecer retirar-se-á para a Russia, em cujo exér-cito tem à disposição o mais alto posto. Pois bem, publicam-se as promoções feitas segundo as propostas apresentadas, exce-to quanto ao seu nome e do cap. Koch, seu ajudante de campo. Jomini vai partir. Escreve duas cartas, uma ao Imperador e outra a Monnier, grande amigo. Com este desabafa: “Amanhã terei abandonado as bandeiras ingratas, sob as quais só recebi humilhações, e que não são as de minha pátria.”

Seu ultimo ato junto a Ney é uma desobediência salvado-ra. Prevendo um ataque de Blücher, pois o armisticio fôra rom-pido, propõe reunir sem demora a Cavalaria e a Artilharia. O Marechal não quer, não acredita em perigo imediato. O chefe do Estado Maior cala-se e por conta propria expede as ordens necessárias. Alta noite, quando a Cavalaria atravessa as ruas para cobrir a posição de Ney, contra a sua vontade, ouve-se de uma janela o Marechal encolerizado dirigir ameaças ao chefe de Estado Maior “que se obstina em comandar em seu lugar”. Jomini, que já está longe, será perdoado três dias depois quando 100.000 homens de Blücher atacam a posição do III Corpo.

Ei-lc às ordens do Czar Alexandre, mas “quando lhe per-guntaram que forças constituiam o corpo de exército que aca-ba de deixar, recusará responder.” Não faltam, porem, vozes acusadoras. Diz-se com facilidade que Jomini levou ao campo contraria planos e dados sobre as forças francesas. De Cour-ville alinha todas as acusações nesse sentido, para rechaçá-las limpidamente, com argumentos e testemunhos decisivos. Invo-ca a propria voz de Napoleão, que depos em Santa Helena: “E’ sem razão que se atribue ao General Jomini ter revelado aos aliados o segredo das operações da campanha. Esse oficial

não conhecia os planos do Imperador. E mesmo que o houvesse conhecido, o Imperador não o acusaria do crime que lhe imputam. Ele não traiu sua bandeira. Queixava-se de uma grande injustiça; deixou-se cegar por um sentimento respeitável. Não era francês; o amor da pátria não o retinha."

O mais doloroso de tudo isso é que Jomini não teve na nova situação aquilo que imaginava. Num quartel general de três nações nunca pôde ter papel atuante, nunca foi possível ver as suas concepções em franca execução. Erguiam-se sempre obstáculos de toda especie, oriundos uns da dificuldade de conciliar os interesses dos diferentes exercitos, outros da inveja dos chefes, outros ainda da inveja. "E' preciso enterrar esse Jomini; do contrario, atribuir-se-lhe-á tudo quanto pudermos fazer de bom" — era o que ponderava o Gen. Languenau, um dos titulares do Estado Maior de Schuarzenborg. E para aplacar-lhe as inquietações criam-lhe certos motivos de preocupação: "Esquecem-se de alojá-lo, ou de abrigar seu cavalo. O palafreneiro que lhe dão para ordenança só entende o russo, e o ponteiro que vem substitui-lo jamais tratou de cavalos."

"Um carater, um drama, uma lição" — eis o que reponta na historia de Jomini. A inveja e a incompreensão engendraram-lhe desgostos, injustiças, decepções até o fim da vida. Mas sempre teve, com o tempo, já bem velho, algumas compensações: o julgamento favorável de Napoleão, a homenagem da França, a consideração da sua pátria, a consagração universal das suas idéias. Tambem nunca se abateu. Aos 85 anos apaiçonava-se ainda com os negocios da Russia e compunha uma longa memoria sobre a emancipação dos servos; aos 87 entregava-se à correção da constituição que quisera dar ao povo de Alexandre II. E' que "nesse homem palido e vibratil, que foi bom marido e pai amoroso, ha mais que um verdadeiro militar, uma alma humana. Apesar da obsessão tatica, sentiu-se no campo de batalha de Eylau, mais compungido talvez, que Napoleão". Foi ele, diz Sainte-Beuve quem "deu às melhores lições para regular tanto quanto possível, e subordinar à razão, para precisar, dirigir para acelerar e consequentemente para restringir a guerra; para diferenciar, ao maximo, de uma obra de exterminio e de carnificina."

REVISTAS EM REVISTA

De "ORIENTAÇÃO" DE MONTEVIDEO, numero de setembro de 1944 — "A GUERRA DE GUERRILHAS", pelo alferes JUAN JOSE LOPEZ SILVEIRA.

O alferes Juan José Lopez Silveira durante mais de dois anos lutou no Exército Republicano Espanhol, no qual alcançou o posto de capitão. Teve oportunidade de participar de unidades de guerrilheiros, de sorte que o seu depoimento é o de quem tem experiência vivida. Dá-nos, já se vê, um estudo completo e objetivo, a que não faltam os exemplos reais ao pé de cada observação.

AS GUERRILHAS NA U. R. S. S. — De inicio passa em revista as guerrilhas feitas pelos russos nesta guerra, e que foram, sabidamente, levadas a um alto grau de eficiência. A guerrilha, lembra o articulista, fôra depreciada pelos técnicos militares deste século, que a consideravam antiquada e irrealizável em face dos atuais meios ofensivos. Nem os regulamentos nem a doutrina de guerra dos países da Europa ocidental lhe concederam a mínima atenção. Assim, dos primeiros a serem surpreendidos pelas guerrilhas foi o Exército nazista, campeão do avanço mecanizado e sem resistências até julho de 1941. Imagina-se o desespero dos militares germânicos quando se intuíram de que seus acampamentos de tanques eram assaltados durante a noite por jinetes soviéticos, que ninguém sabia de onde surgiam em veloz galope, e que, fazendo molinetes com os sabres, decepavam cabeças, semeando o pânico e desconcertando os soldados nazistas com ordens dadas em língua alemã. O melhor é que um correspondente de guerra de Berlim, ao dar conta desses episódios, assumia arres muito indignados, alegava que esta não era uma maneira honesta de fazer a guerra... Para os nazistas, contudo, são honestas todas as maneiras que lhes

dêem vantagem. Foram eles, bem nos lembramos, os mestres da guerra submarina indiscriminada que nos atingiu tão cruelmente, do bombardeio de terror das cidades, da 5.a coluna de ação tão torpe, para não falarmos dos gases que são da guerra passada...

Segundo o Cap. Kounakoff, antigo oficial do exército do Tzar, "a guerra de guerrilhas soviética não surgiu espontaneamente, organizou-se com muita antecipação. Tudo estava preparado — os homens, as mulheres, os jovens, suas armas, seu adestramento e sua moral."

Mas donde provinha a experiência do E. M. soviético nessa modalidade de tática? Em primeiro lugar da sua própria história e mais concreta e recentemente do estudo da guerra contra os intervencionistas, que a Russia sustentou de 1917 a 1920. Além disso os soviéticos não se haviam descuidado de mandar observadores à Espanha e à China.

AS GUERRILHAS NA CHINA — Na China, desde 1930, se exercita em larga escala a guerrilha. Os princípios estabelecidos pelos chins, para sustentar tão longa luta, são os seguintes:

- I — Quando o inimigo avança nos retiramos.
- II — Quando o inimigo faz alto e acampa o hostilizamos.
- III — Quando o inimigo demonstra querer evitar o combate o atacamos.
- IV — Quando o inimigo retira o perseguimos.

Os resultados práticos alcançados pelas guerrilhas chinesas, foram extraordinários. Os conquistadores eram obrigados a imobilizar grandes efetivos nas regiões mais importantes, para fazer frente às ameaças dos guerrilheiros. Engendravam um custoso sistema defensivo, como na região central de Hopei, onde organizaram mais de 500 postos militares, dispersos com intervalos de 10 milhas, em media. Pois os chins se insinuavam entre esses postos, de modo que ficavam os japoneses rodeados de guerrilheiros e estes, por sua vez, cercados de japoneses.

O depoimento de um soldado chinês, do 4.^º Exército, diz: "Começamos praticamente sem uniformes. Mas nos últimos anos temos conseguido uniformes novos, e despojando o inimi-

go de seus materiais armamo-nos com rifles novos e metralhadoras modernas. Nossas fábricas estão em Tóquio e o Micado é o nosso fornecedor."

AS GUERRILHAS NA YUGOSLAVIA — Em 1941 aparecem na Jugoslávia as guerrilhas dirigidas pelo Marechal Tito, que teve de fazer frente a três inimigos: as tropas invasoras de Hitler, os croatas de Pavelich e os "chetniks" de Mihailovich, ex-ministro da Guerra do rei Pedro.

O mais importante das guerrilhas iugoslavas, do ponto de vista militar, é que lutaram sozinhas na defesa da pátria e que puderam transformar-se em exército. Em 1943 Tito tinha sob as suas ordens cerca de 150.000 patriotas com os quais organizou 10 divisões. O fato, porém, de ter adotado a organização de exército regular, não significa que haja abandonado a tática de guerrilhas. Outra característica fundamental das guerrilhas iugoslavas é a constante ofensiva. Buscando sempre a ocasião do combate, do galpe de mão ou do ato de sabotagem, não somente cumprem seu verdadeiro objetivo, como têm maiores possibilidades de desenvolvimento.

A INSTRUÇÃO DE GUERRILHAS NA GRAN BRETA-NHA E NOS ESTADOS UNIDOS — A experiência dos voluntários ingleses e ianques que, nas Brigadas Internacionais combativeram ao lado do povo espanhol, é agora cuidadosamente aproveitada. Conta um artigo de imprensa assinado por Paul Manning, que em um campo situado a menos de 20 quilômetros de Picadilly, veteranos da guerra civil espanhola ensinavam aos voluntários da Guarda Metropolitana, além do manejo das armas modernas, os truques da guerra de guerrilhas, isto é, como decapitar motociclistas colocando arames transversalmente nas estradas, como arrojar granadas sobre colunas de soldados, como incendiar tanques.

Os norte-americanos também preparam equipes de guerrilheiros que teem sido utilíssimas na campanha do Pacífico.

AS GUERRILHAS NA FRANÇA — OS “MAQUIS” —
Os regulamentos franceses não previam a possibilidade da realização da guerra de guerrilhas, nenhuma palavra se dedicava à luta na retaguarda inimiga, nem siquer para o caso em que as tropas regulares se vissem cercadas ou flanqueadas. Tão pouco o povo fôra preparado ou ao menos alertado para essa espécie de luta. Assim, quando ocorreu o desastre, não foi possível fazer o que faria a Russia um ano depois. No entanto, vimos qu a guerrilha era perfeitamente viavel e util na França. Organizada a resistência sob a dominação nazista, a partir de 1942 as forças germanicas e as milicias de Vichy estiveram sempre em cheque, culminando a sua ação com a reconquista de Paris.

AS GUERRILHAS NA ESPANHA — *O povo espanhol detem uma gloriosa tradição de guerrilhas. Seu primeiro guerrilheiro teria sido Viriato, que 150 anos antes de Cristo combateu com camponeses as legiões romanas. O exército de Napoleão conheceu o peso da astúcia e do destemor dos guerrilheiros espanhois. Não devia, pois, surpreender-nos que em 1936 milhares de guerrilheiros se levantassem contra Franco. Na Andaluzia, Badajoz, Cáceres, Asturias, pequenos grupos de patriotas se refugiram nas montenhas quando as cidades dessas províncias, caíram em poder do inimigo. Pouco a pouco os núcleos aumentaram e foram beneficiados com a chegada de alguns especialistas. Depois se constituiu o XIV Corpo de Exército, comandado pelo Maj. Domingo Hungria e o comissário político Angel Sorian, composto de 4 Divisões que operavam nas retaguardas inimigas em diversas frentes. Si as guerrilhas não tiveram maior amplitude deve atribuir-se, em parte, à incompreensão evidenciada pelos ministros Caballero e Prieto, influenciados seguramente por certos assessores sem fé na guerra de guerrilha.*

As guerrilhas da Espanha, no periodo da guerra civil, oferecem uma característica que as diferencia das guerrilhas europeias contemporâneas: eram guerrilhas com suas bases no ter-

ritorio republicano e operavam por meio de incursões à area falangista, regressando sem demora aos pontos de partida.

Terminada a luta regular, grupos de guerrilheiros continuaram lutando em varios pontos e nunca foram dominados. Pelo contrario, nos montes asturianos ha extensas zonas onde os patriotas são senhores absolutos do terreno.

Releva notar que durante toda a guerra civil, Franco não logrou levantar guerrilheiros. Será por que as guerrilhas só aparecem ao lado dos exércitos que defendem causas justas? A historia indica que as guerras de independencia teem contado muitas vezes com o concurso de guerrilheiros, ao passo que nunca puderam iê-las os exércitos de opressão.

AS GUERRILHAS E SUA COMPOSIÇÃO — No conjunto das forças que fazem a guerra, os grupos de guerrilheiros se apresentam como inestimaveis colaboradores e auxiliares do exército regular, cuja ação facilitam destruindo os meios do inimigo e criando em torno deste um constante estado de sobressalto que o desespera e deprime. Pode suceder tambem que as guerrilhas substituam a ação do exército derrotado, dando-lhe tempo para refazer-se ou convertendo-se as proprias forças de guerrilheiros em exército.

De qualquer maneira, não são os guerrilheiros, senão os exércitos regulares que decidem a guerra na batalha final. Nunca deve estabelecer-se o dilema: um ou outro; ambos os elementos devem lutar juntos na defesa de uma nação invadida.

Mas constituem as guerrilhas uma arma tática? No momento da guerra e sempre que possuam um comando unico sim, porque tambem a tática de seus combates é definida.

As guerrilhas atuais se constituem com os homens, as mulheres e as crianças das zonas invadidas, isto é, a população civil e em armas na retaguarda inimiga, mas tambem com elementos do exército designados especialmente para esta classe de luta e com as unidades regulares que muitas vezes são cercadas. Esta ultima é uma inovação da doutrina soviética. Em certos casos até, conforme esclarece o Cap. Kournakoff, citado pelo articulista,

algumas unidades se deixam voluntariamente envolver com o propósito de organizar destacamentos de guerrilhas na retaguarda.

AS GUERRILHAS E AS FORÇAS MORAIS — *As forças morais adquirem uma singular importância na luta dos guerrilheiros, cujos grupos agem no isolamento, tendo o inimigo pelos quatro lados. Esta particularidade os distingue das unidades regulares que combatem em dispositivos determinados de antemão, com tropas amigas enquadramento e comunicações e transmissões assegurando o enlace.*

Imaginemos um soldado de infantaria que recebe ordem de atacar ou de permanecer em seu posto. Se não a cumpre tem a seu lado o cabo e o sargento que o vigiam e sancionam; os cabos e sargentos por sua vez são controlados pelos oficiais, estes por seus chefes e assim sucessivamente o controle se multiplica e extende. No grupo de guerrilhas a vigilância se extingue no momento da partida, e ainda quando o chefe tem lei para castigar os indisciplinados, a ação combativa dos guerrilheiros está em relação direta com sua moral e sua vontade de vencer.

AS AÇÕES DE GUERRILHAS — *As regras da luta de guerrilhas podem ser resumidas nos seguintes conselhos :*

Ter a vista posta nas vias de comunicação, nas transmissões; nos recursos e na moral do inimigo;

Buscar o momento oportuno de distribuir-lhos e aproveitá-lo, uma vez chegado;

Retirar-se quando o inimigo ataca;

Atacar quando o inimigo se retira;

Não atacar senão de surpresa e com superioridade de meios.

Em meados de 1941 a rádio de Moscou transmitia várias vezes por dia o seguinte aviso :

"Quanto mais depressa destruas o inimigo menor será o perigo de que ele te possa destruir. Se não podes destruí-lo por um meio corrente, busca outro, inventa-o. Retira-te se necessário, mas fica atrás das linhas do inimigo para acossá-lo e hos-

utilizá-lo até que o destruas. Se alguma vez te encontrares lutando sozinho, não esqueças que teus camaradas estão lutando por ti, talvez da mesma forma, em outro lugar."

O objetivo das guerrilhas na retaguarda inimiga é a destruição do adversário, por meio de fustigamento constante, disparando de sitiós invisíveis, contra as suas colunas, atacando os seus destacamentos isolados, exterminando oficiais e soldados adversários, tornando-lhes impossível o repouso. Os guerrilheiros planejam e executam audazes golpes de mão contra os escadões maiores e quarteis generais do adversário, estações ferroviárias, centrais de transmissão, aeródromos, garages e depósitos.

As guerrilhas desarticulam o sistema de comunicações do inimigo destruindo e obstruindo vias ferreas, dinamitando pontes e estradas, minando os cursos d'água navegáveis e inutilizando ou apoderando-se dos seus meios de transporte. Interceptam mensagens e confundem o inimigo com informes falsos propagados em suas próprias linhas.

Na destruição do material de guerra e da economia inimiga, os guerrilheiros se apoderam de tanques, armas e munições e os deixam inservíveis; apossam-se de cavalos, autos, tratores; incendeiam as fábricas e depósitos.

Atuam sobre a moral inimiga infundindo o pânico, organizando o terror e mantendo um contínuo estado de alarma. Fomentam atos de sabotagem, provocando o corte da luz e da água.

Finalmente, o exército regular utiliza as guerrilhas dando-lhe objetivos que se ligam ao desenvolvimento dos planos do comando.

A ORGANIZAÇÃO E O ARMAMENTO — Para ser chefe de guerrilhas é necessário reunir qualidades de caudilho. Valor pessoal, energia indomável, físico que desconheça a fadiga, faculdade de decisão, audácia, sabedoria em administrar justiça — são aptidões imprescindíveis para conservar a confiança de seus homens e assegurar estrita obediência.

Sem a firmeza do chefe e sem uma clara consciência política, os guerrilheiros podem perder pouco a pouco seu caráter

de lutadores pela independencia da sua pátria, para transformarem-se em grupos dispersos, sem eficacia, propensos a degenerarem na pratica do saque e do banditismo.

E' muito importante levar em conta a origem popular dos grupos de guerrilheiros, formados quasi sempre sobre a base da população rebelde da zona invadida. No começo esses grupos assumem uma organização rudimentar. Quando formados assim, espontaneamente, os grupos se distinguem entre si levando o nome dos seus chefes, dos lugares de origem ou nomes pitorescos derivados das suas façanhas. Tornaram-se famosos "Os invisiveis" na Espanha, "Os ventres tensos" na China, "Os jinetes voadores" na Russia.

Ameude torna-se necessário destinar oficiais do exército à luta de guerrilhas e estas adotam então formas organizativas semelhantes às das pequenas unidades de infantaria e cavalaria.

A diversidade das missões de guerrilhas corresponde a dos efetivos que hão de cumpri-las.

Um só guerrilheiro pode ocasionar ao inimigo catástrofes importantes, e esta é uma característica essencial. Seria arriscado generalizar sobre o numero de homens que cada grupo deve ter; em todo caso pode dizer-se que esse aspecto está determinado pelas características geográficas de cada zona (povoada ou não, acidentada ou plana), pelas condições de mobilidade e pela natureza das suas missões gerais. Como unidade elementar de guerrilhas devemos considerar o grupo que vive e opera independentemente, guardando, é claro, a necessária interdependência com os outros grupos e a subordinação a um comando único.

Os guerrilheiros espanhois estavam armados com um rifle de repetição fabricado na Russia, o "Degtiarov", de pouco peso e manejo facil, mas com uma extraordinaria rapidez de tiro e fogo sumamente compacto.

As tarefas dos guerrilheiros consomem grande quantidade de explosivos com suas respectivas mechas, detonadores e dispositivos eletricos. As melhores armas são sempre de fabricação técnica, mas o guerrilheiro deve ser capaz de construir bombas de mão com latas de conserva.

(Continua)

Está o Prefeito Camara Filho tambem construindo, com a colaboração financeira do Estado e da Prefeitura de Planaltina, uma grande estrada de rodagem que ligará a sua cidade ao planalto goiano. Essa rodovia, que possibilitará as populações do sul do Estado de Goiás manterem contato com o Rio São Francisco (via Formosa e Januaria), é uma das de maior importância econômica e mesmo estratégica já abertas naquela unidade central.

O seu comprimento se eleva para mais de 180 quilômetros, sendo que uma boa parte dessa extensão já foi percorrida pelo trator da Prefeitura de Anápolis, que continua, auxiliado por várias turmas, a fazer o movimento de terras. Ainda há pouco foi inaugurada, pela Prefeitura de Anápolis, nessa mesma estrada, uma grande ponte sobre o Rio Corumbá e estão em plena construção oito pontilhões, sendo que quatro deles já se acham quasi concluídos.

Afinal, o Prefeito de Anápolis, no pouco tempo que está à frente do Município, vem realizando, nos diversos setores de sua atividade administrativa, um plano de trabalho, que está a merecer a atenção de quantos se interessam pelo progresso da terra goiana.

O empreendimento de maior vulto, porém, pelo qual está também seriamente empenhada a Prefeitura de Anápolis, é o que se refere aos serviços de abastecimento de água potável, esgotos sanitários e asfalto da cidade, orçados em mais de 8 milhões de cruzeiros.

Feitos os competentes estudos, organizados os planos diretores, o Prefeito Camara Filho pôz em concorrência pública a execução dessas obras, que constituem uma velha e justa aspiração do povo anapolino.

Anápolis é atualmente o maior centro econômico do Estado de Goiás.

Tem uma renda superior a um milhão e seiscentos mil cruzeiros. O seu progresso tem sido vertiginoso nesses últimos tempos.

Na cidade há 5 bancos, 3 ginásios oficiais, 19 advogados, 12 médicos e mais de 40 professores.

No Município existem 20 escolas municipais, sendo que 11 delas foram criadas pelo Prefeito Camara Filho, 5 estabelecimentos estaduais de ensino e 6 escolas particulares.

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

Atos Oficiais Relativos ao Ministério da Guerra Publicados no «Diário Oficial», no Período de 20 de Dezembro de 1944 a 20 de Janeiro de 1945

ADJUNTOS DO COMANDO DE UNIDADES — (Gratificação).

— Decreto para os devidos fins, que assiste direito à gratificação de aju-dante d'ordens aos adjuntos de comandos de unidades atribuídos a G-e-nérais.

(Aviso n.º 3.934 de 22-12. — D.O. de 26-12-944).

ALUNOS DAS ESCOLAS PEPARATÓRIAS — (Ingresso).

— Os alunos das Escolas Preparatórias que ingressarem no 2.º ou 3.º ano, trazendo, dos colégios civis, exames finais de algumas das disciplinas exigidas no concurso de admissão à Escola Militar, com grau de aprovação 6 ou superior e que naquelas escolas obtiveram nas disciplinas restantes dêsse concurso, aprovação plena (grau 6 no mínimo) deverão:

a) Confirmar nas Escolas Preparatórias, antes da terminação dos cursos, os graus obtidos nos estabelecimentos civis, para que possam gozar dos benefícios conferidos pelo artigo 92 do Regulamento para Escola Militar, baixado com o Decreto n.º 8.918.

A relação dos alunos que confirmaram êsses graus deverá ser publicada em Boletim da Escola.

b) Os que não conseguirem, nessa revalidação, média 6, no mínimo, em cada disciplina, deverão prestar, na Escola Militar todas as provas exigidas pelo concurso.

Os exames de que trata a letra a dêste Aviso só terão validade para os efeitos do art. 92 citado.

Os resultados inferiores a 6 não serão publicados e as atas guardadas em cofre durante 2 (dois) anos, como documentos reservados. Findo êsse prazo, deverão ser incineradas.

(Aviso n.º 4.004 de 28. — D.O. de 30-12-944).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Sem efeito).

— Fica sem efeito a autonomia administrativa concedida à 1.ª Companhia do Sétimo Batalhão de Engenharia, visto ter sido a citada Companhia incorporada àquele Batalhão, ao qual devem ser transferidos os saldos de suas economias e o material existente.

(Aviso n.º 72 de 9-1 — D.O. de 10-1-945).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter).

— O Comando do 1.º Grupo de Regiões Militares passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no art. 25 do Regulamento de

Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n.º 116 de 11. — D.O. de 13.1.945).

— A 2.ª Companhia de Intendência Regional passa a ter autonomia administrativa, na conformidade do disposto no art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n.º 162 de 17. — D.O. de 19.1.945).

— A 2.ª Companhia do 4.º Batalhão de Fronteiras passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n.º 107 de 10. — D.O. de 6.1.945).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Concessão).

— Concede autonomia administrativa, nos termos do art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo Decreto n.º 3.251 de 9.11.3, ao Escalão fixo do Depósito de Intendência da F.E.B., criado pelo Decreto-lei n.º 7.192-A, de 26 de dezembro de 1944).

(Aviso n.º 1 de 2.—1. — D.O. de 4.1.945).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Concessão).

— Ao 1.º Grupo Motomecanizada, criado pelo Decreto n.º 17.429, de 27 de dezembro de 1944, é concedida autonomia administrativa na conformidade do art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n.º 4.030 de 30.1.944. — D.O. de 3.1.945).

AUXILIARES DO OFICIAL DE DIA — (Etapa).

— O Chefe do E. F. da 2.ª R. M. consulta se os aspirantes a oficial estagiários escalados para o serviço de auxiliares do oficial de dia, por ordem do Sr. Comandante da Região, fazem jus à etapa prevista no art. 154 do C.V.V.M.E.

Em solução, declaro que, ao aspirante a oficial na situação prevista pela consulta, cabe o pagamento de todas as vantagens atribuídas pelo C.V.V.M.E. aos militares da ativa.

(Aviso n.º 3.931 de 22.12. — D.O. de 26.12.944).

ARMA DE INFANTARIA — (Aumento).

— Na conformidade do art. 16 das Instruções aprovadas pelo Portaria n.º 6.123, de 1 de março de 1944, fica o quadro da arma de infantaria aumentado de um sub-tenente, a partir de 15 de janeiro de 1945, para a 2.ª Cia. de 4.º Batalhão de Fronteiras (Obidos).

(Aviso n.º 137 de 12. — D.O. de 15.1.945).

BATALHÃO DE FRONTEIRAS — (Comando).

— Os Batalhões de Fronteiras tipo III, que eram comandados por maiores, passarão, a partir desta data, a ser comandados por tenentes-coronéis.

(Aviso n.º 4.028 de 30.12.944. — D.O. de 3.1.945).

CASAS RESIDENCIAIS — (Aumento).

Ao Sr. Comandante da 2.^a Região Militar.

— I — Em aditamento à nota 533, de 12 de maio de 1942, fica o Plano de Distribuição de Casas dessa Região aumentado das seguintes residências :

a) — Por terem sido concluídas posteriormente:

5.^a B.I.A.C. (Forte dos Andradas) — Santos.

Comandante, 1. Subcomandante, 1. Médico, 1. Aprovisionador, 1. Subalternos, 4.

b) — Por ter sido adquirida posteriormente :

E. S. M. — São Paulo :

Chefe, 1.

c) — Por terem sido omitidas no Plano :

2.^a G.A.Do. — Jundiaí:

Comandante da 3.^a Bis., 1. Subalternos, 1. Subtenentes e sargentos, 2.

4.^a R.A.M. — Itu :

Comandante, 1.

Fazenda Militar de Barueri :

Oficiais, 1. Subtenentes e sargentos, 2. Cabos e soldados, 3. Civis, 2.

d) Em consequência de modificações no Plano:

Q.G. da I.D./2 — Lorena :

Comandante, 1.

2.^a B.C.C. — Caçapava:

Comandante, 1.

5.^a R. I. — Lorena :

Fiscal Adm. e Cmto. de Bil., 1.

II — Ficam suprimidas as seguintes residências em consequência de modificações no Plano e por ter sido cedida uma casa para instalação do Q.G. da I. D./2, em Lorena:

5.^a R. I. — Lorena :

Cmt. de Cias. e Ajudantes, 1. Subalternos, 2.

III — Como resultado, o número total de prédios para residência passa a ser, na Região, o seguinte :

Oficiais, 59. Subtenentes e sargentos, 8. Cabos e soldados, 3. Civis, 2. Total, 72.

(Nota n.^o 898 de 30-12-944. — D.O. de 2.1-945).

COMPANHIAS EXTRANUMERARIAS E DE GUARDAS — (Efetivo).

— Os efetivos das Companhias Extranumerárias e de Guardas e da Banda de Música da Escola Militar de Rezende devem ser constituídos, de preferência, por praças solteiras.

O Diretor do Ensino e o Diretor das Armas ficam autorizados a efetivar esta medida, mediante reciproco entendimento.

Despechos:

E' feita, por necessidade do serviço, a seguinte movimentação de oficiais :

a) Exonerado (por interesse próprio):

2.^a Tenente da Reserva de 1.^a classe — José Pitanga dos Santos — de Delegado da 17.^a Zona de Recrutamento da 12.^a C.R. (Aviso n.^o 138 de 15. — D.O. de 16-1-945).

CONVOCAÇÃO DE 2º e 3º SARGENTOS — (Autorização).

— Autorizo os comandantes de Regiões Militar a convocar os 2ºs e 3ºs Sargentos licenciados por terem completado o tempo de serviço total de (9) nove anos (art. 143 da Lei do Serviço Militar).

Para essa convocação é indispensável que os referidos sargentos a desejem e que haja claros (da graduação e classe) a preencher nos corpos de tropa e contingentes.

(Aviso n.º 3.92 de 19.12. — D.O. de 21-12-944).

COMISSÃO DE PROMOÇÕES DO EXERCITO — (Proposta).

— Tendo-se verificado, pelas propostas apresentadas pela Comissão de Promoções do Exército, que quase duas centenas de oficiais não puderam ingressar nos quadros de acesso das diversas armas e serviços de saúde, fato esse prejudicial ao bom andamento do serviço daquela Comissão, recomendo a observância dos seguintes dispositivos legais:

a) Lei de promoções: arts. 47, 50 § 1º, 62, 63 e 64;

b) Lei de movimento dos quadros: art. 12.

O oficial, qualquer que seja sua situação — pronto adido, agregado, em trânsito etc. — tem o dever de solicitar a quem de direito, sua inspeção de saúde para fins de promoção.

Nenhuma reclamação poderá ser feita pelo oficial que, não tendo cumprido a obrigação a que se refere o presente Aviso, venha sofrer restrições em sua promoção.

(Aviso n.º 3.906 de 14.12. — D.O. de 22-12-944).

CONTADORES, GUARDAS-LIVROS E ATUARIOS — (Solução de consulta).

— O Comandante da 3.ª Região Militar consulta em Ofício n.º 666.C., de 22 de novembro último, se os portadores de diploma nos cursos de Contadores Guarda-livros e Atuários podem ser aceitos como candidatos à matrícula nos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva. Curso de Intendência, em face do que dispõe a Portaria n.º 4.304 de 29 de janeiro de 1943, e das instruções baixadas com a Portaria n.º 6.439 de 9 de maio do corrente ano.

Em solução, declaro:

O Aviso n.º 887, de 14 de abril de 1944, revogou, praticamente a Portaria n.º 4.304, de 29 de janeiro de 1943 de vez que impediu que se efetuassem matrículas, até a expedição de novas instruções.

Essas instruções foram baixadas com a Portaria n.º 6.439, de 9 de maio de 1944, onde nenhuma referência há sobre os portadores dos diplomas em apreço.

Conclui-se, assim que deve reger o assunto o Regulamento para os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva, em seu art. 45, letra c.

(Aviso n.º 4003 de 28. — D.O. de 30-12-944).

DIÁRIA DE CABOS ARTIFICES E ESPECIALISTAS. — (Declaração).

— Havendo divergência no valor da diária de cabos artífices e especialistas a que se refere a letra d da Tabela F., do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, de acordo com as publicações feitas nos "Diário Oficial" n.º 111, de 16 de maio de 1940 Boletim do Exército número 22, de 1 de junho de 1940 e edição do referido Código, de 1940,

da Imprensa Nacional e da Imprensa Militar, declaro que deve prevalecer a publicação constante do "Diário Oficial" acima referido.
(Aviso n.º 35 de 5-1. — D.O. de 8-1-945).

DISTRIBUIÇÃO DE VIVERES E FARRAGENS — (Solução de consulta).

— Consulta o Comandante do 1.º Batalhão de Engenhos, qual a função do oficial de dia assistindo à distribuição viveres e forragens feita pelo Aprovisionador, para consumo diário, na conformidade do art. 38, inciso 11, do R.A.E.

A medida sugerida pelo conselente, se enquadra nas atribuições do comando prescritas nos arts. 31 e 32 inciso 47 deste Regulamento, não havendo necessidade de consulta para a sua adoção.
(Aviso n.º 3.933 de 22-12. — D.O. de 26-12-944).

ESTAÇÕES DE RÁDIOS DO EXÉRCITO — (Proibição).

— Fica proibido o recebimento, nas estações de rádio do Exército de despachos apresentados sem a assinatura da autoridade expedidora.
(Aviso n.º 119 de 11. — D.O. de 13-1-945).

GUARNIÇÕES ESPECIAIS — (Classificação).

São classificadas do seguinte modo as Guarnições Especiais abrangidas:

1.ª categoria — Amapa, Barranco Branco, Bôa Vista do Rio Branco, Brasília, Casalvasco, Clevelândia, Coimbra Cucui, Fernando de Noronha Guajará Mirim, Igá, Macapá, Óbidos, Oiapoque, Pôrto Velho, Rio Apa, São Luís de Cáceres, Tabatinga, Tocantins e Vila Bittencourt (Japurá).

2.ª categoria — Fazenda Jardim, Foz do Iguaçu (Laranjeiras), Miranda, Palmas, Petrolina, Pôrto Murtinho, Santa Rosa e Três Lagoas.

O presente Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 17.402 de 21-12. — D.O. de 23-12-944).

HOSPITAIS MILITARES — (Autorização).

— Declaro, para os devidos fins, que autorizo os Hospitais Militares sacar as vantagens previstas no art. 155 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, desde que satisfacem todas as exigências contidas nas letras b, c, d e e do Aviso número 3.639 — Vant. 10, de 26 de setembro de 1940.

(Aviso n.º 156 de 18. — D.O. de 18-1-9455).

IMPORTÂNCIAS PAGAS AOS CONVOCADOS — (Descontos).

— Consulta o Comandante do 20.º R. I. como deve proceder no desconto das importâncias pagas pelo Exército aos convocados e sorteados, consideradas como gratificação e destinadas a completar os vencimentos militares, conforme estabelece a letra f do Aviso número 1.115 de 4-5-1944, quando os mesmos se encontrarem na situação de baixados aos hospitais militares.

Em solução declaro que, a alínea f do Aviso acima citado passa a ter a seguinte redação:

As praças de que trata este Aviso, quando baixadas aos hospitais militares prevalecerá o estabelecido nos arts. 59, 60 e 61 do C.V.V.M.E., devendo-se descontar da parte paga pelo Exército sómente uma quantia igual à gratificação, pagando-se-lhes o restante; caso essa parte seja igual ou inferior à gratificação, perde-la-ão totalmente e caso nada percebam pelo Exército, a permanência nos hospitais militares não determinará desconto algum.

(Aviso n.º 3.932 de 22-12. — D.O. de 26-12-944).

INSTRUÇÕES PROVISÓRIAS PARA COMANDO DE CORPOS — (Aprovação)

O Diário Oficial n.º 9 de 11 de Janeiro de 1945 (página 543) publica a portaria do Ministro da Guerra, aprovando as instruções provisórias para os Comandos de Corpo de Cavalaria, Divisões de Infantaria e de Cavalaria e Regiões Militares, orgânicas de Grupo de Regiões Militares.

NUCLEOS DE COMPANHIAS DE MANUTENÇÃO — (Efetivo).

Os Comandantes de Regiões Militares em cujos territórios se acham em organização Núcleos de Companhias de Manutenção, Leve, Média ou Especial, deverão providenciar no mais curto prazo (sessenta dias no máximo), o completamento do efetivo desses Núcleos, fixado pelo Aviso n.º 2.998 de 25 de setembro de 1944, por meio de transferência de praças de outras unidades de qualquer arma e de sorteados convocados, que no mínimo saibam ler escrever e as quatro operações fundamentais e que possuam as especialidades constantes do quadro abaixo:

(Aviso n.º 3.889 de 19. — D.O. de 21-12-944).

OFICIAIS TRANSFERIDOS — (Solução de consulta).

Consulta o Comandante da Terceira Região Militar, se são devidas as diárias previstas nos arts. 101 e 104 do C.V.V.M.E. aos oficiais transferidos que, por motivo de força maior decorrente de anormalidade nos meios de transportes, tais como falta de condução nos locais de baldeação, nas viagens para se recolherem às unidades de destino, excedem o tempo mínimo que em situação normal seria gasto em percurso e baldeações. Em solução, declaro:

Para o cálculo das diárias em causa devem ser computados os dias em que o militar deixou de prosseguir viagem, por absoluta falta de condução entretanto o militar só deverá iniciar a viagem depois de assegurado pelos respectivos serviços de embarques o transporte para prosseguimento, sem interrupção, da viagem iniciada.

(Aviso n.º 73 de 1. — D.O. de 10-1-945).

OFICIAIS DA RESERVA DA 1.^a E 2.^a CLASSE — (Solução de consulta).

Consulta o Comandante da 5.^a Região Militar sobre se os oficiais da reserva convocados da 1.^a e 2.^a classe podem se nomeados juízes de conselhos de justiça.

Em solução, tendo em vista o art. 42, do Estatuto dos Militares, e considerando que o Egrégio Supremo Tribunal Militar tem aceito processos julgados por conselhos constituidos com oficiais da reserva, declaro que os referidos oficiais podem ser designados para os conselhos de justiça dos corpos de tropa, formações e estabelecimentos.

(Aviso n.º 3.929 de 21-12. — D.O. de 23-12-944).

PESSOAL DA JUSTIÇA MILITAR — (Contribuição).

O pessoal da Justiça Militar, contribuinte do Montepio Militar ex-vi do art. 400, do Decreto-Lei n.º 925, de 2.12.38 e que teve seus vencimentos aumentados pelo Decreto-lei n.º 5.976, de 10 de novembro de 1943, descontará para a referida instituição um dia do sôlido correspondente aos respectivos cargos, de acordo com a tabela de vencimentos militares expedida pelo citado Decreto-lei n.º 5.976.

As contribuições a que se refere o artigo anterior serão devidas a partir da vigência do Decreto-lei n.º 6.280, de 1 de fevereiro de 1944.

Este Decreto-lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Decreto-lei n.º 17.195 de 26. — D.O. de 28.12.944.

PERMANENCIA NAS GUARNIÇÕES ESPECIAIS — (Prazo)

Nos termos do art. 40, § 1.º do Decreto-lei n.º 7.039, de 10 de novembro de 1944, os prazos mínimos de permanência efetiva nas Guarnições especiais, para os fins da vantagem de escolha de Guarnição ou Região Militar, são os seguintes :

1.ª categoria — 12 meses;

2.ª categoria — 18 meses.

Em Fernando de Noronha o prazo mínimo é de dez (10) meses.
(Aviso n.º 4018 de 30.12.944. — D.O. de 2.1.945).

PRAÇAS DESERTORAS PERTENCENTES A F. E. B. — (Aplicação).

O art. 2.º do Decreto-lei n.º 6.708, de 18 de julho de 1944 passa a vigorar com a seguinte redação:

As disposições do artigo anterior aplicam-se também às praças desertoras pertencentes à Força Expedicionária Brasileira que só apresentarem ou forem capturadas em território da 1.ª Região Militar, após a partida de suas unidades para o estrangeiro."

(Decreto-Lei n.º 7.190 de 22.12.944. — D.O. de 10.1.945.

PRIMEIRO GRUPO MOTOMECHANIZADO DE RECONHECIMENTO. — (Determinação).

I — Pelo Decreto n.º 17.429 de 27 de dezembro de 1944 foi o 7.º Grupo Motomecanizado de reconhecimento transformado em 1.º Grupo Motomecanizado de reconhecimento da Divisão Motomecanizada.

II — Em consequência determino que todos os oficiais e praças, assim como todo o acervo do 7.º Grupo Motomecanizado de reconhecimento, passem, integralmente, para o 1.º Grupo Motomecanizado de reconhecimento da Divisão Motomecanizado sem que haja solução de continuidade.

(Aviso n.º 4029 — 30 — 12 — 944. — D.O. de 3.1.945).

QUADRO DE INSTRUTORES — (Inclusão).

As inclusões no Quadro de Instrutores (Q.I.) são da competência da Diretoria das Armas, ouvida préviamente a Diretoria de Recrutamento. Os sargentos do Q. I. dependem para todos os efeitos da Diretoria de Recrutamento, salvo quanto à exclusão do referido quadro a qual é da algada da Diretoria das Armas.

Este aviso substitui o de n.º 316 de 20 de abril de 1939 (B. E. n.º 22, de 29-4-1939, página 1.580).

(Aviso n.º 25 de 1. — D.O. de 6-1-945).

QUADRO DE ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS —

(Acrescimos).

— O Quadro de Organização dos Serviços Administrativos e Auxiliares do Quartel General de Grupo de Regiões Militares, em tempo de paz, aprovado pela Portaria n.º 7.460 de 18 de novembro de 1944, fica acrescido de três terceiros Sargentos três cahos e três soldados, distribuídos, equitativamente para os serviços de Fiscalização Administrativa, de Tesouraria e de Almoxarifado daquele Quartel General.

(Aviso n.º 135 de 12. — D.O. de 15 — 1 — 945).

QUADRO DO ESTADO-MAIOR GENERAL DO EXÉRCITO — (Fixação).

O Quadro de Estado-Maior do Exército passa a ser constituído de: 15 Generais de Divisão, 30 Generais de Brigada, 1 General Médico, 1 General Intendente, 4 Generais de Brigada Técnicos.

São transferidos para o Quadro de Estado-Maior General e computados nos efetivos fixados no artigo anterior todos os Oficiais Generais dos Quadros "Q" e "Q", os quais serão colocados no respectivo Quadro, por antiguidade de posto.

O presente Decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Decreto-lei n.º 7.228 de 4 — D.O. de 6-1-1945).

QUANTITATIVOS — (Suspensão).

— Declaro que a partir de 1 de janeiro de 1945, ficam suspensos todos os quantitativos que vinham sendo concedidos a diversas repartições do Ministério para custeio de almoço aos oficiais e dactilógrafos que estavam obrigados a permanência nos dois expedientes.

Determino outrossim, que a partir daquela data as repartições façam o expediente normal.

(Aviso n.º 3.935 de 22.12. — D.O. de 26-12-944).

REPARTIÇÃO OU ESTABELECIMENTOS MILITARES — (Chefia).

N.º 110 — I — Todas as funções de chefia ou direção de repartição ou estabelecimento militares previstas, em Regulamentos ou Avisos para oficiais superiores do Q. T. A., serão obrigatoriamente desempenhadas por coronéis desse Quadro.

II — As demais funções, previstas para tenentes-coronéis ou maiores do Q. T. A., serão desempenhadas por oficiais superiores (coronéis, tenentes-coronéis e maiores) também desse Quadro, observada a incompatibilidade de hierárquica com o Chefe ou Diretor.

III — Os Chefes de Serviços de Material Bélico ou de Engenharia da 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, 7.ª e 9.ª Regiões Militares serão sempre coronéis das armas de Artilharia e de Engenharia respectivamente.

IV — As demais chefias de Serviços de Engenharia ou de Material Bélico Regionais serão desempenhadas por oficiais superiores, respectivamente, das armas de Engenharia e de Artilharia.

V — As funções de adjuntos dos Serviços de Material Bélico Regionais serão desempenhadas por tenentes-corônicos, maiores e capitães, respeitada a incompatibilidade hierárquica com o chefe e na conformidade do disposto no Aviso n.º 1.925, de 3 de agosto de 1943.

VI — As funções de adjuntos dos Serviços de Engenharia Regionais serão oficiais superiores da arma de Engenharia, de preferência especializados, ou do Q. T. A. de qualquer outra (engenheiros de transmissões). Os adjuntos desses serviços serão maiores ou capitães de engenharia, de preferência especializados ou do Q. T. A. de qualquer arma (engenheiros de transmissões).

VIII — As Comissões Construtoras de Estradas de Ferro ou de Rodagem que não estejam atribuídas a unidades de Engenharia serão chefiadas por oficiais superiores do Q. T. A. de qualquer arma, observando-se a especialização do oficial consoante a natureza da obra a construir.

IX — Só poderão servir nas comissões de construção de que trata o item VIII os capitães ou 1.ºs tenentes de Engenharia que tenham satisfeito o requisito da alínea e do art. 10 da Lei de Promoções.

(Aviso n.º 110 de 11. — D.O. de 13-1-945).

SARGENTOS EFETIVOS. — (Etapa).

— Declaro que têm direito à etapa suplementar, a partir da data da publicação do presente Aviso, os Sargentos efetivos, excedentes ou adidos dos corpos de tropa e contingentes das repartições ou estabelecimentos, quando prontos nas funções e desde que permaneçam na situação de excedentes e adidos no interesse do Serviço.

(Aviso n.º 37 de 5.1 — D.O. de 8-1-945).

SERVIÇO DE EMBARQUE DA 2.ª R. MILITAR — (Efetivo).

— Fica organizado o Serviço de Embarques da 2.ª Região Militar, diretamente subordinado ao Estado Maior desta Região, com o seguinte efetivo:
Chefe — 1 — Capitão de qualquer arma;
Adjunto — 1 — Segundo Tenente R. 1 (convocado ou como empregado):

1 — 2.º Sargento;

3 — 3.ºs Sargentos;

4 — Cabos;

12 — Soldados;

1 — Soldado dactilógrafo;

2 — Soldados motoristas;

1 — Soldado ordenanças;

2 — Soldados ajudante-motoristas.

II — Este Serviço disporá de um caminhão e de uma caminhonete de carga.
(Aviso n.º 59 de 5.1. — D.O. de 8-1-945).

TERMOS DE ABERTURA DE LIVROS — (Solução de consulta).

— O Comandante do 10.º Regimento de Infantaria consulta se o modelo dos termos de abertura dos livros, constante do A. A. E., prevalece para todos os livros do corpo ou sómente para os livros a que os mesmos se re-

Coleboram neste número:

Gen. Silveira de Melo.

Col. Lima Pigmílodo

Col. Paulo Mac Cord.

Col. R. B. N.

Major Waldemar Moraes Barreto.

Major Tomás de Azevedo.

Major Paulo F. da Silva.

Major Emmanuel Moraes.

Cap. Waldyr da Costa Godolphin.

Cap. Rui Alencar Nogueira.

1º Ten. Olávio Alves Velho.



Cr\$ 5,00

EDITORIAL HENRIQUE VIEIRÃO

"Editorial "A Noite"."

Av. Presidente Vargas, 17 — Rio de Janeiro, D. F.